

Ellen Cunha Teodoro

**MULHERES NA CORRIDA:
análise da experiência de viagem em mulheres praticantes de corrida de rua**

Belo Horizonte (MG)

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2023

Ellen Cunha Teodoro

**MULHERES NA CORRIDA:
análise da experiência de viagem em mulheres praticantes de corrida de rua**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Linha de pesquisa: Identidade, sociabilidades e práticas de lazer.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira.

Belo Horizonte (MG)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG
2023

T314m Teodoro, Ellen Cunha
2023 Mulheres na corrida: análise da experiência de viagem em mulheres praticantes de corrida de rua. [manuscrito] / Ellen Cunha Teodoro - 2023.
113 f.: il.

Orientadora: Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 95-102

1. Lazer - Teses. 2. Turismo - Teses. 3. Corredores (esporte) – Teses 4. Gênero. I. Oliveira, Ana Paula Guimarães Santos de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Antônio Afonso Pereira Júnior, CRB6: n° 2637 da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

ATA DA 193ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ELLEN CUNHA TEODORO

Às 14h00min do dia 26 de outubro de 2023, reuniu-se no Auditório Maria Lúcia Paixão da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFPTO/UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "*MULHERES NA CORRIDA: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE VIAGEM EM MULHERES PRATICANTES DE CORRIDA DE RUA*", requisito final para a obtenção do Grau de Mestra em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Ana Paula Guimaraes Santos de Oliveira, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Profa. Dra. Ana Paula Guimaraes Santos de Oliveira (Orientadora)	X	
Prof. Dr. Helder Ferreira Isayama (UFMG)	X	
Profa. Dra. Daniella Pereira de Souza Silva (UFS)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

O resultado final foi comunicado publicamente, para a candidata pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 26 de outubro de 2023.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Profa. Dra. Ana Paula Guimaraes Santos de
Oliveira(Orientadora)Prof. Dr. Helder
Ferreira Isayama (UFMG)
Profa. Dra. Daniella Pereira de Souza Silva (UFS)



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Guimaraes Santos de Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 09/11/2023, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13](#)

[de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniella Pereira de Souza Silva, Usuária Externa**, em 26/11/2023, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helder Ferreira Isayama, Coordenador(a)**, em 09/12/2023, às 09:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2721428** e o código CRC **25F2C64B**.

Ao Junio, companheiro e melhor amigo.
Aos meus pais, pelo incentivo e apoio
incondicional

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho marcou um momento muito especial em minha vida, e certamente será lembrado como uma das minhas melhores experiências. Pessoas muito especiais participaram deste processo e merecem toda a minha gratidão, pois me ajudaram a conquistar mais esse sonho.

Agradeço a Deus por estar presente em todos os meus momentos, por ser tão visível para mim e por ter colocado em minha vida as pessoas certas, exatamente aquelas que eu pedi em minhas orações e que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Ao meu esposo Junio, que sempre me apoiou e motivou. Obrigada pela paciência e por entender meus momentos de cansaço e ausência. A sua companhia me alegra, a sua paz me equilibra e a sua amizade me fortalece. Só posso dizer mais uma vez que te amo.

Com muito amor, eu agradeço aos meus pais. Eu sei o quanto as minhas realizações os deixam felizes. Compartilho mais esse sonho com vocês. Obrigada pelo acolhimento e pelas incontáveis ajudas durante toda a minha vida. Vocês são minha inspiração. Amo vocês!

Aos meus irmãos e sobrinhos. Tenho uma família linda e unida. Vocês são a melhor rede de apoio que eu poderia ter. Obrigada por participarem de todos os meus momentos.

A todos os familiares, amigos e amigas que compreenderam o distanciamento e permaneceram apoiando e respeitando minhas escolhas.

Às mulheres corredoras de rua que fizeram com que este trabalho se tornasse realidade. Obrigada por compartilharem suas histórias de superação e sonhos.

Aos companheiros de turma, pela troca de experiências e angústias, que sempre terminam em palavras de ânimo e boas risadas.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer que compartilharam os seus conhecimentos e ao Danilo pela atenção e cuidado sempre que solicitado.

Aos professores Hélder e Gisele pela disponibilidade e disposição em ajudar.

Ana Paula, pela orientação, pela convivência, pela paciência e especialmente pela sensibilidade e carinho que sempre demonstrou durante este percurso,

especialmente na etapa final. Me sinto privilegiada pela forma como contribuiu com o meu aprendizado e crescimento. Levo com muito carinho todos os momentos de convivência. Muito obrigada!

“A corrida me lembra que eu consigo
fazer coisas difíceis. Isso me capacita em
quase todos os aspectos da minha vida.
De alguma forma penetrou em minhas
lentes do mundo e em como vejo a vida.”
(Marie Krueger-Miller)

RESUMO

A corrida de rua se apresenta como fenômeno potencial para promover experiências significativas de turismo e lazer para mulheres. Este estudo teve como objetivo compreender a experiência de viagem de mulheres motivada pela prática da corrida de rua e os nexos com o universo feminino. Para o desenvolvimento da pesquisa, adotou-se a abordagem qualitativa e exploratória. As reflexões teóricas abordaram as interfaces entre o turismo e o lazer, a corrida de rua como prática de lazer, a experiência do sujeito da viagem e o gênero feminino. A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante e entrevista semiestruturada. A amostra envolveu 28 mulheres para as entrevistas que ocorreram entre os meses de dezembro de 2022 e abril de 2023. A análise de conteúdo foi operacionalizada na análise dos dados, sendo as categorias: saúde e bem-estar, experiências de turismo e lazer, sociabilidade, desenvolvimento pessoal e questões de gênero na corrida de rua. A partir dos recursos oferecidos pelo software NVivo® aplicou-se os métodos indutivo e dedutivo de análise. Foi possível traçar o perfil socioeconômico da corredora e identificar as experiências decorrentes da viagem de corrida de rua. Verificou-se que a corrida de rua, enquanto prática de lazer e turismo, atua como meio de aprendizado e transformação física, mental e social na vida da corredora. A falta de recursos financeiros e de tempo, a desigualdade e a discriminação de gênero, a falta de apoio e de liberdade foram as dificuldades relatadas por algumas corredoras e que impactam diretamente na tomada de decisão sobre a viagem. Contudo, os efeitos positivos da viagem de corrida, direcionam os objetivos da corredora para metas mais abrangentes em relação ao turismo, como aumentar a quantidade de dias de viagem para desfrutar melhor o destino, conhecer todas as capitais do Brasil para correr e participar de eventos de corrida em destinos internacionais. As corredoras acreditam que a corrida de rua e o ato de viajar contribuem para o seu desenvolvimento pessoal e proporcionam experiências capazes de prepara-las para superar qualquer desafio, fortalecendo a mente, a autoestima e permitindo a ocupação de espaços sociais fundamentais para a promoção da igualdade de gênero, representação, empoderamento e reconhecimento.

Palavras-chave: Lazer. Turismo. Gênero. Experiência. Corrida de rua.

RESUMEN

El street running se presenta como un fenómeno potencial para promover experiencias turísticas y de ocio significativas para las mujeres. Este estudio tuvo como objetivo comprender la experiencia de viaje de mujeres motivadas por la práctica del street running y los vínculos con el universo femenino. Para el desarrollo de la investigación, se adoptó un enfoque cualitativo y exploratorio. Las reflexiones teóricas abordaron las interfaces entre turismo y ocio, el street running como práctica de ocio, la experiencia del sujeto del viaje y el género femenino. La recolección de datos se realizó mediante observación participante y entrevistas semiestructuradas. La muestra estuvo compuesta por 28 mujeres para las entrevistas que se realizaron entre los meses de diciembre de 2022 y abril de 2023. Para el análisis de los datos se utilizó el análisis de contenido, con las categorías: salud y bienestar, turismo y experiencias de ocio, sociabilidad, desarrollo personal y género. Problemas al correr en la calle. A partir de los recursos que ofrece el software NVivo® se aplicaron los métodos de análisis inductivo y deductivo. Fue posible rastrear el perfil socioeconómico del corredor e identificar las experiencias derivadas del viaje de carrera por carretera. Se encontró que el running callejero, como práctica de ocio y turismo, actúa como medio de aprendizaje y transformación física, mental y social en la vida del corredor. La falta de recursos económicos y de tiempo, la desigualdad y discriminación de género, la falta de apoyo y libertad fueron las dificultades reportadas por algunos corredores y que impactan directamente en su toma de decisiones sobre el viaje. Sin embargo, los efectos positivos del viaje de carrera orientan los objetivos del corredor hacia metas más integrales en relación al turismo, como aumentar el número de días de viaje para disfrutar mejor del destino, visitar todas las capitales de Brasil para correr y participar en eventos de carreras. en destinos internacionales. Las corredoras creen que correr en la calle y el hecho de viajar contribuyen a su desarrollo personal y brindan experiencias capaces de prepararlas para superar cualquier desafío, fortaleciendo la mente, la autoestima y permitiendo la ocupación de espacios sociales fundamentales para la promoción de la salud de género, igualdad, representación, empoderamiento y reconocimiento.

Palabras clave: Ocio. Turismo. Género. Experiencia. Carrera de calle.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1:	Síntese do processo de abstração e categorização.....	25
Figura 1:	Perspectiva do Lazer Sério (PLS) de Stebbins.....	30
Quadro 2:	Recompensas do Lazer Sério.....	32
Quadro 3:	Compilação dos princípios da experiência conforme Larrosa.....	37
Figura 2:	Imagem - Diretor da Maratona tenta impedir Katheine Switzer de correr aprova.....	53
Figura 3:	Imagem - Katheine recebe ajuda de Miller para prosseguir na prova..	53
Figura 4:	Imagem - Katheine Switzer em 1967 e 2017.....	54
Quadro 4:	História da participação feminina em corridas de rua.....	55
Quadro 5:	Identificação das Corredoras de Rua.....	57
Quadro 6:	Escolaridade e Renda da Corredora de Rua.....	59
Figura 5:	Nuvem de palavras - Significados da saúde e bem-estar para a corredora de rua	67
Figura 6:	Nuvem de palavras - Significados da experiência de lazer e turismo para a corredora de rua.....	74
Figura 7:	Nuvem de palavras - Significados das sociabilidades para a corredora de Rua.....	78
Figura 8:	Nuvem de palavras - Significados do desenvolvimento pessoal da Corredora de rua	83
Figura 9:	Nuvem de palavras - Significados das questões de gênero para a corredora de rua	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FPA - Federação Paulista de Atletismo

SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

COEP – Comitê de Ética em Pesquisa

FEFI – Federação Esportiva Feminina Internacional

COI – Comitê Olímpico Internacional

EUA – Estados Unidos da América

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. PERCURSO METODOLÓGICO	18
3. REVISÃO TEÓRICA	27
3.1 INTERFACES ENTRE TURISMO E LAZER	27
3.1.1 A corrida de rua como prática de lazer	29
3.2 ABORDAGENS FILOSÓFICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA.....	35
3.2.1 Experiência Turística	40
3.3 RELAÇÕES DE GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL	43
4. MULHERES NA CORRIDA: HISTÓRICO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA CORRIDA DE RUA	50
5. EXPERIÊNCIA DE VIAGEM DE MULHERES CORREDORAS DE RUA	57
5.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS CORREDORAS DE RUA	57
5.2 SIGNIFICADO DAS PRÁTICAS DE LAZER, TURISMO E CORRIDA DE RUA ..	61
5.2.1 Saúde e bem-estar	61
5.2.2 Experiências de turismo e lazer	68
5.2.3 Sociabilidade	74
5.2.4 Desenvolvimento pessoal	79
5.2.5 Questões de gênero na corrida de rua	84
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE A - ROTEIRO PARA A OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA	103
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA	104
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	105
(CORREDORA DE RUA)	105
APÊNDICE D - CODIFICAÇÃO MANUAL DO MATERIAL DE REFERÊNCIA	107
APÊNDICE E – GRÁFICO DE HIERARQUIA DA CODIFICAÇÃO MANUAL	108
APÊNDICE F - CODIFICAÇÃO AUTOMÁTICA DO MATERIAL DE REFERÊNCIA	109
APÊNDICE G – GRÁFICO DE HIERARQUIA DA CODIFICAÇÃO AUTOMÁTICA	111

1. INTRODUÇÃO

A prática da corrida de rua está se tornando cada vez mais popular em muitas partes do mundo. As distâncias percorridas podem variar de 5 quilômetros até maratonas completas de 42,195 quilômetros. Este movimento pode ser facilmente percebido em espaços públicos como ruas, praças e orlas de lagoas, sendo praticado por pessoas de diferentes idades, gênero, classes sociais e econômicas.

De acordo com a Federação Paulista de Atletismo (FPA)¹, entre 2010 e 2019 as corridas de rua no Estado de São Paulo deram um salto de 71% no número de eventos, impulsionado pelo crescimento de praticantes desta modalidade esportiva. Salgado (2016), destaca que apesar dos números representarem apenas o Estado de São Paulo, esse crescimento segue uma tendência mundial. Pesquisas realizadas por organizações focadas em eventos de corrida de rua como a *Running USA*, a *Orca Running* e a FPA apontam também para o aumento da participação feminina nas corridas.

Do mesmo modo, observa-se que o número de corredores que viajam para participar de provas em outras cidades cresce de forma rápida e progressiva. Segundo o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, SEBRAE (2018), as corridas de rua destacam-se como uma das atividades esportivas que está impulsionando o turismo em todo o Brasil. Muitas corridas são realizadas em destinos turísticos com cenários envolventes como praias, parques urbanos e cidades históricas. Além disso, as corridas oferecem eventos atraentes, divertidos e familiares. Por esse motivo, muitos praticantes têm feito da corrida de rua um pretexto para saírem em viagem.

A atividade turística é uma importante forma de praticar o lazer, proporcionando momentos de bem-estar pessoal e social. Permite também o contato com novas culturas, sabores, aromas e pessoas, possibilitando ao turista um novo olhar sobre o mundo a cada viagem realizada. Coadunando com Baptista *et al.* (2015), as interações ocorridas nos espaços turísticos podem contribuir para a promoção do respeito pela diversidade, cultura e especificidades do outro. No caso de viagens realizadas por mulheres de forma independente ou por motivações demandadas por elas, acredita-se que o turismo tenha o potencial de afetar as

¹ A Federação Paulista de Atletismo (FPA), é a entidade máxima do Atletismo em São Paulo e responde à Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt). A federação tem como objetivo promover o atletismo no Estado de São Paulo. <https://atletismopaulista.com.br/relatorio-corrída-de-rua>.

experiências individuais bem como sua identidade social. Para Panosso Netto (2010, p. 70), “sempre irá existir um motivo pelo qual o turista sairá em viagem, seja ele oculto ou manifestado”. Dessa forma, as motivações podem ser diferentes considerando as questões de gênero.

Estudos realizados sobre o comportamento de mulheres que viajam sozinhas ou acompanhadas, apontam que “as relações de gênero afetam a forma com que homens e mulheres constroem suas experiências turísticas” (Berdychevsky; Poria, 2013, p. 65). Viajar sozinha permite à mulher ressignificar conceitos como independência, liberdade, força e identidade (Berdychevsky; Poria, 2013). Entretanto, o direito à viagem nem sempre acontece de forma favorável a elas. Alguns dos transtornos sofridos no cotidiano também podem ser vividos durante a viagem. Conduas que causam danos emocionais e físicos, que prejudicam e perturbam o pleno desenvolvimento da mulher, são questões sensíveis aos espaços femininos, entre eles, o turístico.

Ao ser considerado como uma necessidade social e um direito de todos os habitantes do planeta (OMT, 1999), o turismo é capaz de promover o entendimento mútuo e o diálogo intercultural visando uma sociedade mais equilibrada, que respeite os direitos das mulheres e que possibilite a elas o acesso a atratividades turísticas com segurança e tranquilidade. Entretanto, é preciso eliminar as barreiras que dificultam o acesso e criar oportunidades mais inclusivas. As discussões entre gênero e turismo podem contribuir para revelar as barreiras que as mulheres precisam superar para usufruírem de experiências positivas durante uma viagem.

As práticas de lazer podem contribuir com o processo de aprendizado e a construção da subjetividade por meio do convívio com o outro (Barbosa; Liechty; Pedercini, 2013, p. 16). Pensar o turismo a partir de uma perspectiva mais voltada para o lazer, possibilita o desenvolvimento de práticas mais sustentáveis para maximizar os benefícios e minimizar os danos aos turistas, aos destinos e às comunidades.

Para que a experiência do sujeito seja plena, a interação social torna-se fator essencial para os momentos de lazer que serão vividos durante a viagem. Interações do tipo são comuns no universo das corridas de rua. Quando os corredores programam uma viagem, ou apenas encontram-se antes ou após a alguma prova, ocorre um momento de socialização entre eles, em que experiências

já vividas e especialmente aquelas em que se planejam realizar são compartilhadas (Dallari, 2009).

Estudos como o de Dallari (2009), Fonseca (2017), Oliveira (2016), Stapassoli (2012), indicam que a corrida de rua proporciona aos praticantes a satisfação de superar suas expectativas ao participarem de um evento que geralmente é tão aguardado. Quando estes corredores viajam para participar de uma prova, a expectativa por vivenciar novas experiências é ainda maior.

Foram as experiências que vivenciei durante algumas viagens de corrida de rua que motivaram o meu trabalho de conclusão de curso na graduação intitulado “Viajar para correr ou correr para viajar? Fatores motivacionais relacionados à prática de corrida de rua e suas interações com o turismo”. Durante o meu percurso na faculdade de Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, fui apresentada ao universo das corridas por influência do meu esposo. Inicialmente era apenas mais uma atividade física que se uniu às demais no cotidiano. Pouco tempo depois, começaram a surgir as pesquisas sobre provas de corrida de rua em outros estados, como Rio de Janeiro e São Paulo, e não demorou muito para que as viagens com esta finalidade ocorressem. Juntamente com o planejamento da corrida, as atrações turísticas também eram incluídas no roteiro da viagem. Logo, percebemos que nossos planos de viagem aumentaram consideravelmente ao longo do ano tendo a corrida de rua como principal motivação. Foi neste contexto que iniciei minhas observações e meu interesse em pesquisar sobre o fenômeno das corridas de rua e a prática do turismo.

Considerando os dados obtidos a partir da pesquisa realizada em 2020, algumas informações se destacaram. Dentre elas está o fato de que o número de entrevistados do gênero masculino que viajam para correr é quase três vezes maior do que o feminino. Este resultado gerou certas inquietações. Afinal, pesquisas já realizadas com corredores de rua amadores como a “*State of Running 2019*”² relatam que pela primeira vez na história, há mais mulheres do que homens entre os corredores do mundo. Em 2018, 50,24% dos corredores eram do sexo feminino. A pesquisa demonstrou também, que viajar para correr nunca foi tão popular quanto atualmente.

²*State of Running 2019* é o primeiro mapeamento da participação da corrida global. A análise abrange 107,9 milhões de resultados de corridas de mais de 70 mil eventos de 1986 a 2018. Trata-se aqui do maior estudo de resultados de corridas da história. O mapeamento foi realizado pela IAAF (Associação Internacional de Federações de Atletismo) e o site *Run Repeat*. <https://runrepeat.com/state-of-running>.

A partir de então surgiram diversos questionamentos e hipóteses sobre este tema, envolvendo um público que historicamente teve muitos dos seus direitos cerceados, dentre eles o direito ao lazer e ao turismo. As inquietações mais evidentes foram traduzidas em questões como: as mulheres que correm rotineiramente nos espaços públicos de suas cidades sentem o desejo de viajar com este objetivo? Elas buscam informações sobre estes eventos? Existem fatores desafiadores para a realização da viagem? Quais são as implicações decorrentes dos desafios observados? Como se sentem antes, durante e após a viagem? Qual o grau de importância que este tipo de viagem assume na vida da mulher? O que muda em seu cotidiano? Quais experiências são percebidas e guardadas?

Estas e tantas outras dúvidas justificam a necessidade de aprofundar os estudos nas temáticas que envolvem o lazer, o turismo e as relações de gênero. Em acordo com Carvalho e Cunha (2019, p. 93) pode-se afirmar que “o que justifica esse estudo é a necessidade de equidade das mulheres em todos os campos culturais e sociais, nesse caso específico, o lazer”. Por esta razão, esta pesquisa propõe uma reflexão sobre a participação feminina na prática da corrida de rua como forma de vivenciar o lazer fora do local de residência da corredora. Por meio da compreensão sobre as experiências vividas pela turista corredora, espera-se contribuir para que mais mulheres encontrem caminhos e possibilidades de agirem diante das incertezas que envolvem o universo feminino e o das corridas. Para além da corrida de rua, espera-se que a inserção de mulheres em contextos e espaços historicamente dominados pela presença masculina sejam cada vez mais frequentes. Dessa forma, instituições privadas e públicas podem ser incentivadas a estruturar, promover e proporcionar à mulher condições de participação e acesso às atividades de sua preferência.

É preciso olhar a corrida de rua e suas interações com o turismo. Com o número crescente de mulheres inseridas nesta atividade, os destinos precisam compreender as diferentes dinâmicas para em seguida incorporar adaptações que atendam as demandas específicas deste público, buscando proporcionar à corredora um ambiente seguro e aprazível.

Este estudo visa colaborar com a produção científica ao abrir novas possibilidades de pesquisas interdisciplinares que envolvem a temática em tela. Conforme afirmam Carvalho e Cunha (2019, p. 102) “embora a relação mulheres

e/ou gênero e lazer não seja invisível nas teses e dissertações do Programa³, são poucos os trabalhos que pautam a temática enquanto objeto de pesquisa, o que sugere a possibilidade e a necessidade de mais estudos”. Espera-se compreender quais os significados da experiência de lazer e turismo para as mulheres praticantes de corrida de rua e de que maneira uma viagem motivada pela corrida pode influenciar no modo de vida, nas crenças, nas atitudes e nas perspectivas desta mulher.

A partir da construção das ideias e reflexões apresentadas, formulou-se a pergunta norteadora deste trabalho: Quais as implicações da experiência de viagem cuja motivação seja a corrida de rua na vida da mulher corredora? Portanto, o objetivo geral do trabalho foi analisar a experiência de viagem de mulheres motivadas pela prática da corrida de rua e os nexos com o universo feminino. Os objetivos específicos são: 1) compreender o perfil, as expectativas e os objetivos da mulher que encontra na corrida de rua sua opção de lazer e turismo. 2) compreender as experiências vivenciadas, os significados e implicações da viagem motivada pela corrida de rua na vida da mulher. 3) analisar os aspectos conflitantes pertencentes ao universo feminino em espaços historicamente ocupados por homens.

Este trabalho está estruturado em seis capítulos. No primeiro capítulo, foram feitas breves reflexões sobre os temas do estudo, foi destacado um pouco da minha trajetória e inquietações acerca da temática, assim como a pergunta norteadora e os objetivos. No segundo capítulo, foram descritos os percursos metodológicos da pesquisa, como as características e o instrumento utilizado, como ocorreu o contato e acesso aos participantes da pesquisa e as ferramentas utilizadas para as análises dos dados. No terceiro capítulo, são apresentadas as discussões teóricas sobre o turismo e o lazer, a corrida de rua como prática de lazer, as abordagens filosóficas sobre a experiência, a experiência turística e as relações de gênero. No quarto capítulo, é feito um breve histórico sobre a participação feminina nas provas de corrida de rua no Brasil e no mundo. No quinto capítulo, são apresentados os dados coletados, apontando o perfil e algumas falas das participantes, que são analisadas com base nos referenciais teóricos. E No sexto capítulo, são feitos alguns apontamentos que foram identificados nas análises, retomando as questões propostas no trabalho em relação às experiências de turismo e lazer da mulher praticante de corrida de rua.

³ Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do lazer da UFMG (PPGIEL).

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia desta pesquisa foi estruturada a partir da abordagem qualitativa que se ocupa de temas que abrangem a dinamicidade dos fenômenos sociais e a complexidade da experiência e vivência humana. A pesquisa qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Freitas; Prodanov, 2013, p. 70).

Por permitir uma relação mais próxima entre o pesquisador e o indivíduo, a abordagem qualitativa possibilita observar um número maior de elementos da realidade estudada, pois a atenção está mais voltada para o processo do que para o resultado final. Por essa abordagem espera-se alcançar uma visão ampliada sobre as experiências proporcionadas às mulheres por meio de viagens motivadas pela participação em eventos de corrida de rua.

Para identificar e conhecer melhor as características da mulher que viaja para correr, essa pesquisa caracteriza-se como exploratória, porque permite um estudo pormenorizado sobre o assunto pesquisado. Ou seja, visto que o comportamento de viagem da mulher enquanto corredora ainda é um tema pouco conhecido e explorado, faz-se necessário aprofundar esta investigação junto a fontes bibliográficas e mediante discussões com pessoas que vivenciam a prática (Gil, 2007).

A pesquisa bibliográfica teve por objetivo familiarizar-se com as contribuições científicas já produzidas verificando os principais conceitos relacionados ao tema (Flick, 2008). A partir da identificação da temática proposta foi possível delinear o problema, a definição da pergunta e dos objetivos de pesquisa.

Com o intuito de reunir o conjunto de referências bibliográficas, foram definidas as palavras chaves e as estratégias de buscas. Para verificar os termos mais relacionados com os objetivos da pesquisa, foi feita uma listagem inicial com todas as palavras mais próximas do tema. Após a exclusão dos termos com pouca representação do objeto de estudo foram identificadas as principais combinações de palavras, sendo: “turismo e lazer”, “turismo e experiência”, “turismo e mulheres”, “turismo e corrida de rua”, “lazer e corrida de rua”, “lazer e mulheres”, “lazer e gênero”, “corrida de rua e mulheres”, “corrida de rua e gênero”, “corrida de rua feminina”, “gênero conceito”, “mulheres feminismo”, “turismo, experiência, mulheres”,

“turismo, experiência, gênero”. Logo, foi feita a validação e a definição das palavras chave: lazer, turismo, experiência, gênero e corrida de rua.

Com a definição das combinações de palavras chave foram selecionadas as bases que serviram como fonte de dados para a pesquisa: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), website Google Acadêmico e bibliotecas e repositórios de universidades. Foram consultados livros, artigos de origem nacional e internacional, dissertações e teses, entre outras fontes de pesquisa.

O aporte teórico selecionado utilizou autores que abordam as temáticas a partir de diferentes áreas do conhecimento, sendo: as interfaces entre o turismo e o lazer (Gomes, 2014), a corrida de rua como prática de lazer (Cohen, 2013; Stebbins, 2008), a experiência do sujeito da viagem (Panosso Netto, 2010; Trigo, 2010), e o gênero feminino (Carvalho, 2019; Oliveira, 1999).

Para contribuir com a construção do instrumento de coleta de dados foi realizada a imersão de campo com o intuito de identificar informantes chave, costumes e elementos que estão envolvidos no grupo estudado e que provavelmente não seriam identificados apenas pela entrevista. A aproximação com o objeto de estudo permitiu adentrar no universo da corrida de rua. O objetivo foi conhecer os fatores práticos e subjetivos envolvidos durante o processo de realização de uma viagem programada para participar de uma prova de corrida de rua. Para esse fim, o evento escolhido foi o *Raízen Venus Rua*, que é uma das provas que forma o *Victory Run Series*, o maior circuito de corrida de rua da América Latina para mulheres. A prova aconteceu no mês de novembro de 2022 na cidade do Rio de Janeiro.

A escolha do evento levou em consideração entre outros fatores, a inexperiência da observadora, pois a prova contempla distâncias curtas como um trajeto de 5 quilômetros, sendo este o escolhido. Foi considerado também a proximidade entre o local de residência com a cidade de realização da prova com o intuito de facilitar o deslocamento. Além do mais a corrida conta com um percurso que contempla muitas belezas da cidade turística do Rio de Janeiro e trata-se também de uma prova muito festiva, o que tornou toda a experiência ainda mais envolvente. O roteiro norteador para a observação participativa encontra-se no apêndice A.

Para a pesquisa de campo, optou-se pela amostra não probabilística, neste caso, a amostra por conveniência, o que permite ao pesquisador selecionar “os elementos a que tem acesso, admitindo que esses possam, de alguma forma, representar o universo” (Freitas; Prodanov, 2013, p. 98). Para a seleção das participantes da pesquisa adotou-se três critérios. 1) Mulheres que vivenciam a experiência da viagem de corrida de rua, tendo em vista o aumento crescente deste tipo de turismo. 2) O local de residência da mulher não é relevante e sim, o destino escolhido pela corredora. 3) A escolha do destino e os valores empreendidos durante a viagem podem disponibilizar informações pertinentes sobre o perfil socioeconômico das mulheres e influenciar diretamente em suas experiências. Até o momento da entrevista, a corredora deveria ter realizado no mínimo uma viagem de corrida de rua.

Como instrumento de pesquisa optou-se pela técnica da entrevista semiestruturada. A entrevista possibilita a interação social e o diálogo face a face entre entrevistado e entrevistador e tem um caráter exploratório. Foi elaborado um roteiro contendo um conjunto de questões que abordaram os temas da pesquisa. 1) Os elementos envolvidos durante os preparativos para a viagem. 2) A percepção da participante sobre a prática da corrida de rua como vivência de lazer, bem como os objetivos, as limitações e os benefícios percebidos da corrida. (3) As experiências percebidas durante a viagem e participação na prova da corrida de rua (ver apêndice B). A entrevista semiestruturada permite que a entrevistada fale livremente sobre suas ideias e emoções, deixando que os assuntos surjam como desdobramentos dos temas principais (Gerhardt; Silveira, 2009).

A abordagem das entrevistadas para a coleta dos dados ocorreu em dois momentos. As corridas escolhidas foram a Volta Internacional da Pampulha (Belo Horizonte – BR) e a Corrida Internacional de São Silvestre (São Paulo – BR). As corridas foram eleitas por receberem participantes de diferentes estados do país e do mundo e por estarem entre as mais importantes e simbólicas do Brasil⁴.

O primeiro contato foi feito nos períodos da *retirada do kit*⁵ de cada uma das corridas selecionadas. A escolha das participantes foi feita por meio de uma seleção

⁴ De acordo com o site ativo.com, referência no segmento esportivo, a Corrida Internacional de São Silvestre e a Volta Internacional da Pampulha são consideradas as duas mais atrativas do Brasil levando-se em conta a história, o número de inscritos e o tamanho da prova.

⁵ A retirada do kit refere-se ao momento em que o atleta devidamente inscrito no evento deve ir ao local especificado pela organizadora da corrida para fazer a retirada do kit de participação do evento. Comumente o kit é composto por número de peito (identificação do corredor), guia de Informações, medalha de participação,

aleatória e participação voluntária. No total, foram contatadas 77 corredoras de rua, sendo 45 participantes da Volta Internacional da Pampulha e 32 participantes da Corrida Internacional de São Silvestre. Os contatos ocorreram nos dias 8 e 9 de dezembro de 2022 em Belo Horizonte e 28 e 29 de dezembro de 2022 em São Paulo.

No momento da abordagem, os objetivos da pesquisa foram apresentados às corredoras. Ao concordar em participar da entrevista foram coletados o nome e o número de telefone para contato após a realização da prova. Esse método foi escolhido com o intuito de evitar as possíveis emoções e ansiedades que a proximidade do dia da prova tende a provocar na participante.

Após a realização das corridas, foi feito o contato por mensagem para agendar o dia e o horário da entrevista. Dos 77 contatos iniciais, todas receberam a mensagem convite, 32 não retornaram e 17 afirmaram não dispor de tempo para participar da entrevista. Dessa forma, foram selecionadas 28 mulheres, sendo 16 participantes da Volta Internacional da Pampulha e 12 participantes da Corrida Internacional de São Silvestre.

As entrevistas ocorreram entre os meses de dezembro de 2022 e abril de 2023. Os contatos foram realizados por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp* no formato de vídeo. No dia e horário programado com a entrevistada foi feita a chamada de vídeo para a realização da entrevista. As conversas foram gravadas com autorização prévia das entrevistadas.

Todas as entrevistas foram realizadas após a aprovação e em concordância com as diretrizes estabelecidas pela Comissão de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais sob o número do parecer 5.626.609, na data de 06/09/2022. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido foram apresentados às entrevistadas de modo a esclarecer e proteger o sujeito da pesquisa e a pesquisadora (ver apêndice 3). Dessa forma, todos os cuidados éticos foram tomados em respeito às entrevistadas, cujo anonimato foi preservado⁶. O conteúdo das falas de cada participante recebeu um código composto pela letra C, seguido do número da entrevista.

camiseta promocional e/ou comemorativa, brindes e outros materiais que podem ser adquiridos ou não no momento da inscrição.

⁶ Por questões de segurança e normalização do Comitê de Ética (COEP) a identidade de todas as entrevistadas é mantida em sigilo. Cada entrevistada recebeu um nome fictício composto pela letra C, inicial da palavra corredora seguido de um número que pode estar entre 1 e 28.

Após a conclusão das entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo com o objetivo de compreender os significados e os valores expressos nas falas das entrevistadas. Segundo Grzybovski e Mozzato (2011, p. 734), a análise de conteúdo “é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que tem como objetivo ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados”. Dentre as modalidades de análise de conteúdo, foi utilizada a análise temática. Para Bardin (2011), essa análise consiste em três fases: (1) pré-análise, (2) exploração do material e (3) tratamento dos resultados.

Na primeira fase, foi realizada a organização do material analisado e posteriormente a exploração deste material por meio de muitas leituras. Ocorre aqui a preparação do material para as próximas etapas; a segunda fase, consistiu em sistematizar e codificar o material que foi separado para facilitar a interpretação. Na terceira fase, ocorreram as inferências a partir da categorização e interpretação dos resultados obtidos. Buscou-se um olhar atento sobre os dados brutos que foram coletados de forma a extrair o máximo de seus significados (Bardin, 2011).

Para contribuir com o trabalho realizado em cada etapa da análise, foi utilizado o *software* NVivo®, que “consiste num sistema de indexação e de categorização de dados não-estruturados, o que possibilita a descoberta e a exploração dos sentidos das informações alfanuméricas” (Grzybovski; Mozzato; Teixeira, 2016, p. 579).

A partir dos recursos oferecidos pelo NVivo®, aplicou-se os métodos indutivo e dedutivo de análise. De acordo com Prodanov (2013, p. 29), com o método indutivo partimos da “observação de fatos ou fenômenos cujas causas desejamos conhecer. A seguir, procuramos compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles”. Com esta análise foi possível identificar trechos relevantes no material bibliográfico. Dessa forma, os dados que emergiram foram parte integrante do desenvolvimento da pesquisa e contribuíram para a definição das categorias de análise.

Com o foco nos objetivos da pesquisa, todo o material de referência foi importado para o NVivo® para o processo de codificação e categorização. A codificação manual do conteúdo foi feita pela leitura na íntegra de todos os documentos. Deste modo, foram sendo criadas unidades de contextos, que são fragmentos de textos agrupados em códigos, que por sua vez “representam os

temas, categorias ou conceitos de um projeto e servem para armazenar a codificação” (Grzybovski; Mozzato; Teixeira, 2016, p. 583).

Como resultado foram criados um total de 44 códigos, sendo 6 principais e 38 subcategorias. Os principais códigos foram identificados como “experiência”, “experiência turística”, “turismo e lazer”, “corrida de rua”, “corrida de rua feminina” e “gênero”. Este procedimento contribuiu para o processo de refinamento e agrupamento posterior e possibilitou entender o conteúdo e significado dos trechos codificados. A relação completa do resultado da codificação manual e aberta encontra-se no apêndice D.

Após o tratamento manual dos dados, foi realizado um levantamento quantitativo para entender quais são as palavras mais frequentes no texto. Assim, foi feita uma consulta de frequência de palavras e como critério, foi definido o máximo de 45 palavras com o comprimento mínimo de 5 caracteres, sendo escolhido o agrupamento com sinônimos. Foi criada também uma lista de impedimentos contendo uma série de palavras que são irrelevantes para o trabalho como conjunções, advérbios, pronomes e nomes de periódicos.

Este recurso dispôs os resultados formando uma nuvem de palavras e um mapa de árvore. Foi utilizado também o gráfico de hierarquia (ver apêndice E). Estes elementos são a representação visual dos textos que foram analisados. O objetivo é facilitar a percepção dos conceitos chave da pesquisa por meio de um destaque visual rápido das palavras mais comuns podendo ainda contribuir com a identificação de padrões, tendências ou tópicos recorrentes. As palavras que se destacaram no material de referência foram: “lazer”, “gênero”, “turismo” e “experiência”.

Para efeito de comparação, foi realizada a codificação automática do material bibliográfico, com o objetivo de verificar as semelhanças, as diferenças e até mesmo para validar os códigos da codificação manual. Após um processo de refinamento e ordenação dos termos mais recorrentes, o resultado obtido foi um total de 69 códigos, sendo 6 principais e 21 subcategorias. Os principais códigos identificados foram: “conhecimento”, “lazer”, “turismo”, “mulheres”, “social” e “experiência”. A relação completa do resultado da codificação automática encontra-se no apêndice F.

Em seguida, foi feita uma consulta de frequência de palavras, que resultou no mapa de árvore e na nuvem de palavras. A lista de impedimentos e os critérios escolhidos foram os mesmos utilizados na codificação manual. O processo de

codificação também gerou o gráfico de hierarquia (ver apêndice G). As palavras mais recorrentes nos textos foram: “experiência”, “lazer”, “turismo”, “corrida”, “cultura”, “feminista”.

O recurso de contagem de frequência de palavras contribui para a confirmação das palavras chave da pesquisa, ajuda a revelar temas e padrões recorrentes nos textos e podem ser utilizadas também como indicativos das unidades de contexto e das categorias de análise.

Após o levantamento manual e automático, as unidades foram agrupadas, classificadas e reagrupadas tendo como base os objetivos da pesquisa. Este processo de agrupamento é necessário para agregar as unidades que tem conteúdos similares em grupos maiores, resultando assim na definição das pré-categorias. De acordo com

Bardin (2011), um bom conjunto de categorias deve ter as seguintes qualidades: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade. As categorias de análise ajudam a registrar, organizar, separar, unir e classificar as informações necessárias à análise da situação.

Após esse processo de abstração e categorização foram então definidas as seguintes categorias de contexto: interfaces entre turismo e lazer, abordagens filosóficas sobre a experiência e questões de gênero. Foram definidas também cinco categorias de análise. São elas: saúde e bem-estar, experiências de turismo e lazer, sociabilidade, desenvolvimento pessoal e questões de gênero na corrida de rua. O conjunto de categorias proposto foi “reexaminado e modificado sucessivamente, com vistas a obter ideais mais abrangentes e significativos” (Freitas; Prodanov, 2013, p. 114).

A síntese do processo da análise indutiva pode ser verificada no quadro a seguir:

Quadro 1 – Síntese do processo de abstração e categorização

Códigos Manual + automático	Unidades de registro	Definição de categoria de análise
Categoria de contexto: interfaces entre turismo e lazer		
Importância, experiência e prazer na corrida	Recompensas pessoais e sociais do lazer	Saúde e Bem-estar (Elementos que influenciam na busca pela qualidade de vida das corredoras de rua)
Lazer sério		
Corrida de rua feminina	Promoção da saúde e qualidade de vida	
Saúde	Preocupação estética feminina e corrida de rua	
Estética	Aspectos socioeconômicos relacionados ao turismo e ao Lazer	
Diversão	Viagem como instrumento de transformação	Experiências de Turismo e Lazer (Fatores de satisfação e/ou frustração relacionados às práticas de turismo e lazer)
Tempo livre		
Trabalho		
Viagem		
Experiência turística	Convívio social na terceira idade	Sociabilidade (Aspectos positivos e negativos referentes à interação social)
Experiência de lazer		
Idosos		
Social	Processo de socialização e espaços sociais	
Ethos		
Experiências Comunicáveis		
Categoria de contexto: abordagens filosóficas sobre a experiência		
Aprendizado	Processos de informação e aprendizado	Desenvolvimento Pessoal (Significados e resultantes da experiência de turismo, lazer e corrida de para a mulher)
Esforço		
Perseverança		
Informação		
Velocidade		
Cultura	Construção da Identidade	
Identidade		
Sujeitos da Experiência		
Subjetividade	Transformação pessoal e social	
Transformação		
Autoconhecimento		
Empobrecimento		
Significados da experiência		
Categoria de contexto: questões de gênero		
Independência	Autonomia Feminina	Questões de gênero na corrida de rua
Ruptura		
Limitações e conflitos	Igualdade de gênero	

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Após a aplicação do método indutivo iniciou-se o processo de análise de conteúdo dedutiva. Segundo Prodanov (2013, p.27), “o raciocínio dedutivo tem o objetivo de explicar o conteúdo das premissas. Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão”. Tendo como base o quadro de categorias pré-estabelecidas, este método possibilitou a análise das entrevistas por meio dos textos codificados.

Inicialmente, os textos coletados nas entrevistas foram transcritos, organizados e importados para o NVivo®. Após realizada a leitura completa do material foi feita a codificação e a categorização de forma sistemática dos dados. Foram codificados 459 comentários nas categorias e unidades. Durante esse processo foram feitas sugestões de ajustes nos códigos do modelo. É importante ressaltar que todas as modificações realizadas durante a análise dedutiva já se encontram atualizadas no quadro 1.

Por fim, foi realizada a descrição e análise dos resultados. Após serem feitas todas as inferências e conclusões cabíveis foi então produzido o relato final da pesquisa.

No próximo capítulo, são apresentadas as categorias de contexto que foram definidas nesta metodologia e que serviram como base teórica para esta pesquisa. O primeiro tópico trata das interfaces existentes entre o turismo e o lazer. Em seguida, o texto apresenta a discussão que trata da corrida de rua como uma forma de lazer praticado por mulheres amadoras. O segundo tópico, reflete sobre as abordagens filosóficas da experiência e sobre as experiências de turismo vivenciadas por mulheres corredoras de rua. O terceiro e último tópico, discute sobre as questões que envolvem a construção social das relações de gênero, considerando as desigualdades, os desafios, as vitórias e lutas enfrentadas pelas mulheres ao longo da história.

3. REVISÃO TEÓRICA

3.1 INTERFACES ENTRE TURISMO E LAZER

Muitos estudos tratam da relação entre turismo e lazer, porém devido a relevância e dinamicidade das áreas, as discussões a esse respeito ainda são necessárias. Autores como Gomes (2014) e Marcellino (2006) nos ajudam a pensar o lazer como um fenômeno social e cultural. Aproximar o lazer dos estudos culturais implica compreender os valores, crenças e práticas de uma sociedade específica. A atividade contemplativa de múltiplas vivências e culturas resulta em novos aprendizados e diferentes olhares, o que possibilita a ressignificação dos espaços de convivência sociocultural além de enriquecer as experiências compartilhadas nos destinos turísticos (Monlevade, 2010).

O turismo atua como um meio de comunicação, promovendo a interação entre os povos e a difusão de conhecimento de valores, tradições e costumes. Os efeitos resultantes das trocas culturais demonstram um impacto significativo quando viabiliza maior compreensão e tolerância entre os envolvidos (Souza, 2010). Entretanto, existem alguns desafios importantes que devem ser considerados. Quando elementos de uma cultura são percebidos ou até mesmo adotados de forma inadequada ou desrespeitosa ocorre o empobrecimento da identidade cultural de determinado grupo, podendo gerar preconceitos e conflitos. Além do mais, outra preocupação está relacionada à globalização, que pode trazer prejuízos à preservação das culturas tradicionais.

Apesar de estar mais alinhado com os aspectos de ordem social e valorizar mais as interações humanas do que as resultantes econômicas da área, o turismo é na maior parte das vezes, tratado a partir do viés econômico. Isto ocorre em situações quando o turismo é associado a possibilidade de consumo e a ocupação do tempo livre assim como ocorre com o lazer. O trabalho rotineiro e a monotonia do dia a dia estimulam o sujeito a desfazer-se temporariamente de suas vivências cotidianas e sair em busca de novos prazeres, auto realização e recompensas pessoais em outro lugar. Deste modo, o turista tende a ocupar seu tempo com entretenimento, diversão superficial e consumo exacerbado, o que gera uma pobreza nas relações sociais e culturais (Araújo, Isayama; Silva, 2008).

Para Gomes (2014), o lazer é parte do processo de construções subjetivas e de vivências lúdicas que possibilitam transformação e ressignificação da existência. A ludicidade viabiliza esse caminho por ser uma condição inerente à vida humana, pois ao longo da vida dos sujeitos estimula os sentidos e o simbólico em contextos e situações por vezes antagônicos como entrega, renúncia e deleite, por exemplo. Marcellino (2007, p. 11), apresenta o lazer como uma necessidade da sociedade moderna que precisa resgatar a “vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural”. Para tanto, as trocas culturais devem ser abordadas com respeito, sensibilidade e consideração pelos contextos históricos e sociais envolvidos.

Para que a experiência de lazer seja eficaz, é fundamental que exista o envolvimento em atividades distintas daquelas que são habitualmente praticadas simplesmente por serem mais conhecidas e acessíveis. Por essa razão Marcellino (2007), critica o lazer voltado exclusivamente para o consumo, a diversão alienada e a hierarquização de necessidades, que impede a construção de vivências significativas de valores e provoca a morte do lúdico. Esse comportamento é impulsionado pela necessidade de fuga da rotina e pode ser justificado pela monotonia de atividades que deixa o ambiente cotidiano enfadonho e estagnado. A rotina segue uma regularidade de tal maneira, que acaba se distanciando das práticas lúdicas, criativas e divertidas que tornariam as relações muito mais interessantes e o ambiente mais agradável e cativante.

Deste modo, pensar o lazer como uma necessidade humana pode contribuir com o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos. A construção de relações sociais por meio do contato com modos de vida diferentes tende a ativar a curiosidade, despertar a simpatia e promover o aprendizado.

Durante uma viagem é possível desfrutar de maior liberdade de comunicação e contato com outras culturas. As experiências vividas durante os momentos de lazer e turismo podem ser essenciais para o desenvolvimento humano, já que as interações sociais, o intercâmbio cultural, a descoberta de novos lugares, culturas e atividades ajudam a melhorar a saúde física e mental, reduzindo o estresse e melhorando a qualidade de vida.

Compreender como as experiências de turismo e lazer são construídas é importante para garantir que o processo de transformação gere vivências repletas de significados. Quando são compartilhadas, as experiências tornam-se mais

enriquecedoras. A interação de pessoas e as manifestações culturais produzidas por grupos sociais distintos resultam em mudanças importantes no comportamento individual do sujeito, afetando a maneira como sua percepção de mundo interfere na forma que suas práticas de lazer e turismo serão vivenciadas.

Algumas práticas de lazer exigem certo grau de comprometimento por parte de seus adeptos, que buscam por resultados e recompensas. O próximo tema destaca como a corrida de rua enquanto prática de lazer pode contribuir para tornar as vivências de lazer da mulher mais interessantes e realizadoras.

3.1.1 A corrida de rua como prática de lazer

Para Cohen (2013), o lazer pode atuar como veículo para o crescimento pessoal e o autodesenvolvimento do sujeito. Essa possível contribuição do lazer ocorre a partir da construção da identidade pessoal, que segundo o autor, atribui valor à experiência subjetiva vivida. A visão humanista do lazer como parte do processo de desenvolvimento tem em suas raízes o clássico ideal de lazer. Trata-se de um conceito eurocêntrico, defendido pelos primeiros filósofos gregos “que defende o lazer como forma de uma vida caracterizada por um sentimento de liberdade, aprendendo por si mesmo e como sendo empreendido para o autodesenvolvimento” (Cohen, 2013, p.7).

Entretanto, Cohen (2013), ressalta que as identidades do mundo pós-moderno estão cada vez mais fragmentadas, prejudicando a capacidade de autorrealização. Sendo assim, determinadas práticas de lazer podem reconciliar o comportamento pós-moderno em relação a identidade pessoal com a construção da experiência, além de estabelecer-se como uma fonte real de bem-estar pessoal e social.

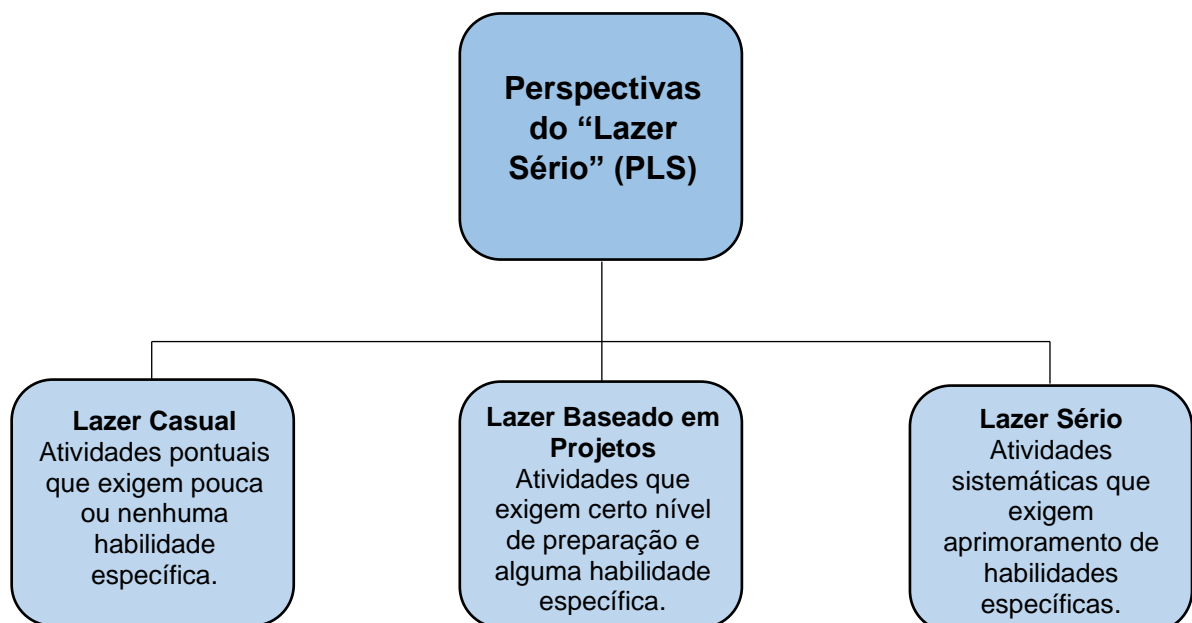
As reflexões sobre o lazer sério feitas pelo sociólogo Stebbins (2008), incluem discussões de temas como perseverança e esforço pessoal como parte do lazer e potenciais caminhos para a valorização da identidade e para a realização pessoal. Sobre isso, o autor faz a seguinte declaração:

Recentemente, passei a usar o termo "realização", porque aponta para uma experiência gratificante, ou mais precisamente, para um conjunto de experiências cronológicas que conduzem ao desenvolvimento máximo dos dons e caráter de uma pessoa, ao desenvolvimento de todo potencial dessa pessoa, o que certamente é uma recompensa e um benefício do lazer sério (Stebbins, 2008, p.23, tradução nossa).

Ao pesquisar por anos os esportistas amadores, Stebbins (2008) percebeu que havia maior seriedade no lazer praticado por essas pessoas. Essa percepção levou o autor a aprofundar seus estudos para outras possíveis perspectivas de lazer. Trata-se da prática sistemática de determinada atividade que pode ser realizada por praticantes de atividades amadoras, por pessoas voluntárias em exercer atividades de interesses que envolvem pessoas, ideias, coisas, flora, fauna ou o meio ambiente ou por pessoas praticantes de *hobby* cujas atividades não sejam competitivas e não tenham a participação de profissionais. São atividades realizadoras que geram satisfação e exigem a aquisição de conhecimentos específicos e habilidades especiais.

As perspectivas de lazer sério propostas por Stebbins (2008), incluem três tipos de possibilidades: o lazer casual, o lazer baseado em projetos e o lazer sério, como pode ser observado na figura 1.

Figura 1 - Perspectiva do Lazer Sério (PLS) de Stebbins



Fonte: Heuer (2019, p. 26).

Conforme elucidado pela figura, o lazer casual exige pouco comprometimento por parte do praticante, o que conseqüentemente gera também sentimentos de prazer e contentamento sem a necessidade de receber grandes recompensas. O lazer baseado em projetos exige maior planejamento e conhecimento sobre a prática de lazer que será realizada, mas sem a intenção de um desenvolvimento mais profundo. Já o lazer sério é exigente em relação à perseverança, habilidades e conhecimentos específicos das práticas, e busca constantemente por resultados e recompensas pessoais e sociais. (Stebbins, 2008). O máximo desempenho das habilidades, o desejo e a determinação em alcançar altas performances são elementos presentes nas práticas de lazer sério. É possível perceber que os praticantes destas atividades são motivados pelo prazer, pela superação, pela busca de desafios e satisfação pessoal. Estas características estão enraizadas no desejo humano de crescimento, realização, aprendizado e sentido de propósito. Essa busca pode trazer benefícios psicológicos, emocionais e pessoais significativos.

Neste sentido, Stebbins (2008), identificou dez recompensas que atraem os praticantes do lazer sério. Trata-se de uma busca contínua e muitas vezes demorada até chegar ao objetivo e encontrar a satisfação plena pelos resultados alcançados. O quadro 2 demonstra as recompensas que surgiram a partir de estudos exploratórios feitos com amadores, *hobistas* e voluntários de carreira. É importante observar que a busca por recompensas pessoais predomina sobre as de cunho social.

Quadro 2 – Recompensas do Lazer Sério

Recompensas do Lazer Sério	
Recompensas Pessoais	
Enriquecimento Pessoal	Experiências desejadas.
Autorrealização	Desenvolvimento de habilidades, conhecimento.
Autoexpressão	Expressar habilidades, conhecimentos já desenvolvidos.
Autoimagem	Conhecida pelos outros como um tipo particular de participante sério de lazer.
Autogratificação	Combinação de prazer superficial e profunda realização.
Recriação	Regeneração de si mesmo por meio de lazer sério após um dia de trabalho.
Retorno Financeiro	De uma atividade de lazer sério.
Recompensas Sociais	
Atração Social	Associação com outros participantes do lazer sério, com clientes como voluntários, participando do mundo social da atividade.
Realização do Grupo	Esforço do grupo em realizar um projeto sério de lazer; sentidos de ajudar, ser necessário, ser altruísta.
Contribuição para a manutenção e desenvolvimento do grupo	Incluindo sentidos de ajudar, ser necessário, ser altruísta ao dar a contribuição.

Fonte: Stebbins (2008, p.15).

Apesar das recompensas citadas receberem importância e valor específico para cada praticante, o enriquecimento pessoal e a autogratificação são as consideradas por todos os grupos como as mais satisfatórias. Em relação aos custos relativos ao envolvimento com o lazer sério, não existe uma resposta padrão e cada praticante define as dificuldades encontradas em determinada atividade. Os obstáculos mais comuns são desgostos, decepções ou tensões. É incomum associar tais desafios com a ideia de lazer, já que parecem opor-se a sensação de prazer, diversão e bem-estar. No entanto, para algumas pessoas o enfretamento de obstáculos pode ser gratificante. É por meio da superação desses desafios que o crescimento e a realização de metas se tornam realidade. Por essa razão, Stebbins (2008) afirma que as recompensas recebidas pela prática do lazer sério superam totalmente os custos da atividade.

Como visto, a atividade física pode ser considerada por muitos praticantes do lazer como uma forma de obter satisfação pessoal, autorrealização, sensação de bem-estar físico e social, além de ser capaz de colocar o ser humano em conexão com os mais diversos meios e culturas. Por meio deste estudo, pretende-se

compreender de que maneira a prática da corrida de rua pode estabelecer-se como um canal de transformação pessoal e social para a mulher corredora. Contudo, é preciso analisar também os custos e desafios concernentes à prática e especialmente aqueles relacionados ao universo subjetivo e particular de cada mulher envolvida na atividade.

Através dos resultados de sua pesquisa, Oliveira (2016) constatou que a principal razão da escolha pela corrida é a facilidade da prática, uma vez que esta não necessita de horário ou local determinado para a ser realizada, além de possibilitar a conciliação com viagens. Isso pode explicar o crescente aumento de corredores de rua. Desse modo, percebe-se que é possível alcançar os mais variados tipos de público, como exemplo, o feminino, que é o objeto de estudo deste trabalho.

Ao ganhar cada vez mais adeptos, as corridas de rua têm sido oficializadas como eventos planejados por diversas cidades brasileiras e ao redor do mundo. As experiências proporcionadas pela atividade podem explicar essa adesão. Motta e Nogueira (2014, p. 10) afirmam que:

Diante das experiências relatadas pelos entrevistados com relação a maratona, revelam-se os desejos de conquistar numa única experiência sensações como prazer, sacrifício, orgulho e realização; de contribuir para manter-se saudável e se divertir, de estar com amigos e viajar. Por meio da corrida e da maratona, abre-se um leque de oportunidades que envolvem basicamente três pilares: a socialização, o lazer e a qualidade de vida.

Os fatores mencionados nesta citação estão diretamente relacionados com as definições propostas por alguns autores para o turismo e o lazer. As possibilidades que a corrida de rua oferece de convívios e bem-estar social, além de promover o afastamento das práticas cotidianas e a realização de desejos como a superação física tornam essa atividade uma importante prática de lazer.

Fonseca (2017, p.39), salienta que a corrida de rua “é uma forma de exercer o lazer no espaço urbano e acompanha as transformações e mudanças sociais ocorridas ao longo dos anos”. Uma mudança considerável foi certamente a inserção e a permanência da mulher nesta prática resultando no crescimento deste público entre os corredores de rua.

Muitos estudos produzidos sobre esse tema revelam a relação cada vez mais próxima das mulheres com a atividade. Percebendo esse interesse, a revista *WRun*,

destinada ao público feminino, especializou-se em informações, dicas e estilos que buscam alcançar mulheres que praticam e levam a corrida como estilo de vida. “Essas mulheres apreciam a experiência de correr propriamente dita, e os efeitos decorrentes dela, vivenciando-a de forma prazerosa em várias dimensões da sua vida” (Ticianelli, 2015, p.33).

Os efeitos da experiência durante a corrida podem ser ainda mais prazerosos se forem vivenciados durante uma viagem programada com a finalidade de participar de um evento de corrida em um destino turístico. De acordo com Carvalho (2019), as mulheres buscam por satisfação pessoal por meio da descoberta de novas culturas e a superação de desafios. O acesso à educação, a independência financeira e emocional pode justificar as transformações no comportamento feminino. Essas mudanças refletem também no aumento da frequência de viagem das mulheres que cada vez mais independentes decidem encontrar nas práticas de lazer e turismo o contexto favorável para o seu autodesenvolvimento.

No entanto, o protagonismo da mulher na atualidade desperta tanto discussões de apoio, reconhecimento e valorização como também de negação e preconceito. Por isso, é necessário acompanhar e compreender como ocorrem as experiências de viagens vivenciadas por essas mulheres. Quando é possível superar os desafios e satisfazer as expectativas, a viagem pode resultar em uma experiência significativa, memorável e transformadora para a mulher. Por outro lado, alguns fatores relacionados à condição social, às limitações físicas e ao tempo dedicado aos cuidados com a família, impedem muitas mulheres de iniciarem ou concluírem o plano de viagem (Carvalho, 2019).

Considerando as transformações que a mulher tem vivido nos últimos tempos, espera-se que as contrariedades sejam atenuadas por mais vivências de lazer e turismo. A luta é constante e resulta em um processo longo e árduo, por isso todos os esforços devem ser feitos de forma a garantir que os direitos de lazer da mulher sejam de fato uma realidade, e que assim, consigam desfrutar de experiências positivas ao longo da vida.

3.2 ABORDAGENS FILOSÓFICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA

Atualmente, vários fatores estão contribuindo para as grandes transformações no contexto mundial. Alguns dos mais significativos incluem a rápida evolução da tecnologia, mudanças climáticas, a globalização econômica, o aumento da conscientização política e a diversidade ideológica. Esses fatores estão em constante evolução provocando reações distintas da sociedade e desencadeando emoções intensas, como medo, ansiedade, entusiasmo ou esperança. Trata-se de um processo complexo que demanda equilíbrio dos diferentes grupos e indivíduos inseridos neste cenário. Entretanto, em muitos casos, transformações sociais significativas levam a divergência de opiniões causando divisões e conflitos. Mesmo gerando polarização, estes acontecimentos são necessários para que a sociedade se adapte, evolua, corrija erros passados e crie um ambiente mais justo, inclusivo e sustentável para seus membros.

A cada momento, os fatos ocorridos no dia a dia vão sendo vivenciados de maneira singular por cada sujeito. De acordo com Amatuzzi (2007, p.10) “passar por uma vivência (*Erlebnis*) é sentir o impacto de um encontro”. O autor afirma que todos acontecimentos que passam, somente terão um real significado, quando despertarem de imediato, emoções anteriores a elaboração de qualquer conceito racional.

As vivências devem ser constituídas a partir da comunicação expressiva entre o sujeito e o mundo. A partir deste encontro novos saberes são construídos, compartilhados e alcançam novos sentidos. A conexão entre a subjetividade humana e o mundo real transforma vivência em experiência. Para Massimi e Mahfoud (2007, p. 25) “a experiência seria o produto das impressões do mundo exterior que afetam a nossa mente; por outro lado, porém, ela seria responsável pelas formas do pensamento”. Entende-se que com o processo de aprendizagem e a formação do conhecimento, a experiência começa a se desenvolver no sujeito por meio dos sentidos, gerando assim, vivências exclusivas e capazes de produzir efeitos duradouros na mente humana.

Ao buscarem definições de experiência a partir da história da cultura ocidental, os autores Massimi e Mahfoud (2007), encontraram diferentes concepções como as propostas por Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino. Para os filósofos:

A experiência se constitui numa etapa do processo de elaboração do conhecimento, atestando a ocorrência de um certo fato pela percepção sensorial e pela memória. Reconhecemos no pensamento de Agostinho um marco fundamental na conceituação de experiência como conhecimento que a alma tem de si própria, ponto de partida de todo o processo intelectual; e que sua definição deste “saber” experiencial não abarca apenas o campo do ser e do entender mas também o da vontade da memória (Massimi; Mahfoud, 2007, p.28).

Estas e outras concepções sobre a experiência foram por vezes aceitas, desconsideradas, analisadas, modificadas e reconstruídas ao longo dos séculos seguintes. É necessário resgatar enfoques mais abrangentes sobre a experiência, sendo inserida na cultura e alicerçada na figura humana. Para fins deste estudo, o conceito de experiência utilizado considera abordagens mais próximas da Filosofia e da Psicologia por possibilitar uma compreensão ampla sobre as experiências que envolvem as práticas de lazer e de turismo. Serão utilizadas como base para a compreensão do tema, as contribuições do Professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona, o autor Jorge Larrosa. A principal obra consultada foi: *“Notas sobre a experiência e o saber de experiência”* (2002). Neste ensaio, o autor discute sobre os saberes da experiência refletindo sobre seus significados e seus fatores limitantes.

Larrosa (2002, p. 21) inicia afirmando que “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. A partir dos treze princípios da experiência propostos pelo autor, Silva *et al.* (2018), analisaram essa afirmação e construíram o seguinte quadro:

Quadro 3 – Compilação dos princípios da experiência conforme Larrosa.

Referente ao/a	Princípios da experiência	Descrição dos princípios: A experiência é algo...
(isso)	Exterioridade	Exterior, estrangeiro, estranho, que está fora de mim
	Alteridade	É diferente, algo outro, o que não sou eu
	Alienação	Alheio a mim, não pode ser meu
(me)	Reflexibilidade	Algo que passa em mim, sou eu o lugar da experiência, movimento de ida e de volta.
	Subjetividade	A experiência é sempre subjetiva, não há experiência geral, de ninguém, é de modo único, singular, particular e próprio.
	Transformação	O sujeito da experiência é sensível, vulnerável, exposto e aberto a sua transformação.
(passa)	Passagem	É uma passagem, um passo, um percurso.
	Paixão	Ao deixar uma marca, um vestígio, um rastro, uma ferida.
Experiência como sendo diferente de experimento	Singularidade	A experiência é singular para cada um, uma experiência distinta.
	Irreptibilidade	Não pode ser repetida.
	Pluralidade	Há sempre uma pluralidade de experiências.
	Incerteza	Supõe risco, aventura e perigo. Não se pode saber o resultado de antemão.
	Liberdade	A experiência é livre é o lugar da liberdade.

Fonte: Silva *et al.* (2018, p. 188).

Silva *et al.* (2018), conseguiram demonstrar a ligação entre os processos internos e externos que formam a experiência, além de diferenciá-la do conceito de experimento. De acordo com Larrosa (2011), o processo da experiência inicia a partir dos princípios da exterioridade, da alteridade e da alienação, em que algo que é estranho e está externo a mim, acomete-me. Ou seja, para que a experiência aconteça, é preciso que algo diferente, que seja surpreendente, produza algum significado em mim. Em seguida, os princípios da relatividade, da subjetividade e da transformação sugerem que o “eu” seja o lugar da experiência, onde ela habita e produz seus efeitos subjetivos e únicos. É aqui também que a experiência se transforma. Até aqui, percebe-se que a experiência está sempre em movimento. Os princípios de passagem e de paixão a identificam como sendo um percurso, uma

travessia e uma viagem. A experiência atravessa corpos, pensamentos e emoções deixando rastros e marcas no chamado sujeito da experiência.

Com a interpretação dos treze princípios de Larrosa (2011), destaca-se que a experiência é algo que se aprimora na interioridade do sujeito, devendo ser vista no sentido mais profundo da vivência. É o local em que memórias são despertadas e onde ocorre o fluxo criativo do viver.

A partir do processo de criação das experiências subjetivas, é preciso pensar em transformá-las em experiências comunicáveis. É neste momento que se rompe a fronteira entre o mundo interior e o exterior. E aquilo que antes era individual, único e particular começa a ser transmitido e passado de geração em geração. O objetivo é transmitir sabedorias e formar o conhecimento, sendo aquele que forma, o responsável por esta reprodução, conforme apresentado pelo seguinte pensamento:

Com o intuito de formar, sendo quem forma aquele que já experimentou e que, em coletividade, com os que ainda não experimentaram, tem como objetivo respaldar, reforçar, alertar, melhorar a qualidade da experiência do outro. A experiência também se transforma junto à transformação da sociedade e com as mudanças na qualidade e organização da vida em sociedade (Silva *et al.* 2018, p. 190).

Neste instante, a experiência passa a ser propriedade do coletivo, de determinado grupo social, que por sua vez, a transforma em cultura. Ao entrar em contato com a cultura do outro, o sujeito reinicia então, todo o processo que converte vivências em experiências. Logo, percebe-se o caráter efêmero e mutável da experiência humana.

No entanto, apesar de apresentar-se como sendo algo inerente ao comportamento humano, o processo da experiência vem se mostrando cada vez mais raro. A convivência em sociedade tem sido substituída por uma atitude individualista, que tem a tecnologia como principal meio de comunicação dentro das relações sociais. O ato de viver isolado e o apoiar-se quase que integralmente nos meios tecnológicos prejudica a troca de informações que somente seriam possíveis por meio de determinadas percepções sensoriais.

Tendo em vista as mudanças ocorridas nas relações sociais, Larrosa (2002), enumera outros fatores que demonstram o enfraquecimento da experiência. Os dois primeiros motivos são informação e opinião. O autor chama a atenção para a confusão em torno dos significados de informação, conhecimento e aprendizado.

Isto, porque como visto anteriormente, a troca de conhecimento e a aprendizagem são imprescindíveis para o processo da experiência. Entretanto, o autor afirma que a sociedade atual se encontra em um cenário de consumo excessivo de informação incapaz de gerar conhecimento, e em seguida, ocorre o que Larrosa (2002) chama de excesso de opinião. De acordo com o autor:

O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados (Larrosa, 2002, p.19).

Acredita-se ainda que, atualmente, a informação e a opinião transformaram-se em produtos fabricados com o objetivo de acompanhar o ritmo acelerado da sociedade moderna. É muita informação e pouco aprendido. Deste modo, o sujeito torna-se cada vez mais distante das possibilidades de vivenciar momentos capazes de propiciar reflexões mais profundas e transformações significativas.

Outros dois fatores que segundo Larrosa (2002), também dificultam a experiência, é a falta de tempo e o excesso de trabalho. A velocidade acelerada dos acontecimentos leva o sujeito a uma busca constante por novidades, e assim que encontra, logo retorna a uma nova demanda. O sujeito moderno vive em constante estado de êxtase, agito e estímulo. “Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência” (Larrosa, 2002, p. 23). A inquietação produz a necessidade de estar sempre realizando coisas e em constante atividade. Por essa razão Larrosa (2002, p.24), afirma que por “não podermos parar, nada nos acontece”.

Manter o equilíbrio diante de situações cada vez mais desafiadoras pode ser o caminho para que a experiência seja vivenciada de forma plena. A discussão do tópico seguinte visa ampliar o olhar para as contribuições que as atividades turísticas podem oferecer para o processo de experiência do sujeito. O contato com atividades atípicas estimula a criatividade e inspira novas ideias, desafiando assim o pensamento convencional do viajante. Desse modo, o sujeito em viagem poderá ter uma maior apreciação e compreensão do mundo em que vivemos.

3.2.1 Experiência Turística

Viajar é abrir novos horizontes, conhecer outras culturas, lugares e paisagens. A viagem rompe a rotina do cotidiano, revela novos cenários e traz para a nossa vivência expectativas sempre surpreendentes. A viagem é um movimento externo e interno a nós mesmos. Externo porque nos deslocamos no espaço físico e no tempo. Interno porque nosso imaginário segue na frente, instigando pensamentos e emoções, preparando-nos para viver o inusitado em experiências e tornando-nos pioneiros de nós mesmos (Beni, 2013).

Diversos fatores podem motivar alguém a sair em viagem como questões climáticas, geográficas, culturais, sociais, busca por descanso, negócios, estudos, tratamento de saúde ou apenas diversão. Viajar oferece uma oportunidade única de crescimento pessoal, aprendizado, conexão com o mundo e desenvolvimento de uma perspectiva mais aberta e inclusiva. A capacidade de formar e transformar o ser humano torna a viagem uma prática cobiçada por muitas pessoas.

Ao associar a viagem com a experiência, Trigo (2010) resgata o termo alemão *Erfahrung* que é o ato de viajar, ato de sair ou o ato de admirar-se ou deslumbrar-se. A proximidade entre experiência e viagem expõem o contexto emocional que permeia o turista durante todo o processo que envolve o planejamento e a prática da viagem. Panosso Netto (2010), destaca a experiência como um dos princípios fundamentais do turismo. O turista está cada vez mais em busca de viver experiências que façam sentido para ele. A experiência adquirida em uma viagem possui um caráter exclusivo e único, portanto deixar de vivê-la, pode causar o sentimento de frustração, uma vez que não poderá ser compensada por outra ação.

Por essa razão, Trigo (2010) alerta para a importância de a viagem ser compreendida em um sentido mais amplo e profundo. As viagens podem ser entendidas como um canal de autotransformação e autoafirmação, especialmente para as mulheres, ao lhes permitirem fabricar variadas e diferentes performances (Rodenas, 2014). A experiência de turismo para as mulheres abarca elementos presentes nas estruturas históricas da dominação masculina. Este conjunto de fatores que cercam as relações sociais de deslocamento das mulheres envolvem a “representação, o medo, o corpo, a comunicação, a ação política, a insegurança, entre outros” (Melo; Soeiro, 2019 p. 34). A experiência da viagem feminina pode ser diretamente afetada por estas condições.

De acordo com Follador (2009), as exigências e as imposições ideológicas de cunho patriarcal relegaram à mulher o espaço doméstico. Dessa forma, assim como ocorreu no passado, o espaço turístico tornou-se para as mulheres uma representação da liberdade.

Por outro lado, quando a viagem é vivenciada de forma superficial, ela pode deixar de proporcionar momentos valorosos para o sujeito. É preciso ater-se às possíveis fabricações de experiências de lazer que podem ocorrer. Qualquer tentativa de maquiagem as formas de prazer e de construir emoções dissimuladas pode arruinar com a possibilidade de uma experiência de viagem memorável.

A expectativa do turista que deseja vivenciar experiências incomuns não é abandonar a sua essência ou mudar sua natureza tornando-se um desconhecido, mas sim revelar sua originalidade. De acordo com Krippendorf (2001, p.55), isto ocorre porque “longe de suas casas, os turistas acham que são pessoas especiais e se comportam como tais. Eles rompem o jugo das regras da rotina diária e nem sempre estão dispostos a submeter-se às diversas normas do país visitado”. Em um ambiente estranho, o turista pode demonstrar um comportamento mais livre, diferente do seu contexto habitual que em geral, é carregado de ordens que dificultam o desenvolvimento de suas faculdades criativas e lúdicas, além de impossibilitar a expressão de suas particularidades.

Para que a experiência turística se realize de forma satisfatória para o sujeito em viagem, é preciso observar algumas características que cercam a trajetória do turista. Este percurso vai desde a motivação e o planejamento da viagem, passa pela estadia no destino e perdura por tempo indeterminado em forma de lembranças. Isso mostra que a natureza da experiência é singular e subjetiva, podendo variar de acordo com as demandas e o comportamento do sujeito. Entretanto, existem alguns princípios que são recorrentes no processo da experiência e que podem enriquecer as vivências turísticas.

Panosso Netto (2010, p.48) cita o surgimento do *slow travel*, que significa que é “necessário desacelerar o mundo, mudar nossas práticas, vivenciar mais e melhor cada destino”. A sociedade moderna segue em uma crescente velocidade dos acontecimentos, que tem condenado as vivências a um estado de efemeridade, causando o enfraquecimento da experiência. Por essa razão, a experiência turística prevê a diminuição dos ritmos acelerados. Trigo (2010) também apresenta o movimento do *slow travel* como forma de permitir a fruição da vida de modo que ela

seja experimentada sem pressa. Para o autor, “a viagem como experiência significativa deve ser um desfrute” (Trigo, 2010, p. 36).

Para que os diferentes tipos de turistas encontrem suas experiências transformadoras é preciso compreender que esse experimento inicia muito antes da chegada ao destino. As experiências vividas durante uma viagem passam por fases que vão desde o planejamento e a preparação da viagem, desdobra-se no durante, onde as expectativas que foram criadas podem ou não serem satisfeitas.

As escolhas que precisam ser feitas como o melhor destino, o roteiro, bem como o meio de transporte, a hospedagem, os trajes e até a documentação gera um certo sentimento de ansiedade até mesmo em turistas mais acostumados com os procedimentos. Esse pensamento pode ser verificado na seguinte afirmação:

Os sentimentos e as emoções próprias de uma experiência turística começam muito antes de ela se concretizar. Todo o processo de idealização e de perspectivação do local de destino para férias acaba por criar um mundo de expectativas que serão essenciais no momento de avaliar a experiência (Guerreiro; Mendes, 2010, p. 333).

Quando a viagem inicia de fato, todas “as emoções vividas são confrontadas com as expectativas da fase anterior” (Nery, 2019, p. 31). Essa é a principal fase da viagem, este é o momento que vai determinar se a experiência turística do sujeito será memorável ou irrelevante. Após a possível transformação durante a viagem, a experiência continua em forma de lembranças como fotografias e *souvenirs*, podendo retornar sempre em forma de um sabor, um odor e outros estímulos não controlados. Esse passado que retorna no momento e nos liga a uma cadeia de acontecimentos e sensações caracterizaria a experiência (Panosso Netto, 2010, p. 87). De certo modo, a experiência de viajar tende a nos abastecer de novos sentidos, mas é preciso lembrar que as memórias somente existirão se os momentos da viagem forem vividos de forma autêntica e particular.

Os objetivos de cada viajante variam segundo suas origens e sua época, mas, de acordo com Muzart (2008, p. 1062), um objetivo se destaca e é comum a todas as mulheres: “a busca do conhecimento, a busca de sensações, a busca do novo, em suma, a busca do outro”. As propostas de reflexões entre turismo e gênero visam estimular a quebra das barreiras simbólicas que envolvem o deslocamento das mulheres no mundo contemporâneo. A construção de vivências autênticas nos

espaços sociais é o caminho para que a experiência turística se torne uma escolha natural e espontânea para a mulher. Para tanto, no próximo tópico serão explanadas as questões que envolvem as relações de gênero, os desafios, as perdas e os êxitos conquistados pelas mulheres ao longo da história.

3.3 RELAÇÕES DE GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

No passado, a mulher estava sujeita às ordens de seus senhores e deviam limitar suas atividades aos cuidados e espaços domésticos. O acesso aos espaços públicos como o comércio, a política, os negócios e as ciências por exemplo, eram exclusivas aos homens. Campos (2010, p.35), afirma que “ao homem se destinava o espaço da rua, do público, do descontínuo; trabalhos que marcavam a ruptura do curso comum da vida, da produção intelectual, econômica e o tempo do lazer”.

Insatisfeitas com esta condição, as mulheres se empenharam em lutas constantes contra a hegemonia masculina. Foram acometidas por sentimentos de inquietação que resultaram na busca pela igualdade de direitos. Durante séculos, movimentos feministas têm liderado os confrontos contra a dominação patriarcal que estabelece as normas sociais sexistas existentes. Contrariando muitas dessas normas, entre elas, a visão de que a mulher é inferior ao homem e que suas limitações são frutos de sua natureza, a filósofa e feminista francesa, Simone de Beauvoir, afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1980, p. 9). De acordo com a autora, a mulher foi educada para ser subordinada e dependente do homem. Trata-se de uma submissão ensinada ao longo dos tempos por uma sociedade que negou à mulher garantias básicas como o direito à educação, à propriedade e à participação política. Como resultado, a mulher viveu como se fosse inadequada para diversas tarefas e assim, privou-se de oportunidades que poderiam contribuir para o seu desenvolvimento. Para Beauvoir (1980), as mulheres só encontrariam a liberdade dessa condição quando reconhecessem que tais normas foram socialmente construídas e não devem determinar suas escolhas.

Por meio de reflexões contínuas sobre as vivências da subordinação feminina foi que surgiram os interesses de ressignificar o real papel da mulher na sociedade. Considerada uma das pioneiras do feminismo no Brasil, a escritora, jornalista e

advogada Rosiska Darcy de Oliveira, discorre sobre a travessia das mulheres pelo mundo dos homens. Em seu livro, *Elogio da diferença* (1999), a autora relata um processo de lutas que trouxeram avanços significativos para o combate às injustiças provocadas pela desigualdade entre os gêneros. Impulsionadas por mudanças sociais, econômicas e culturais, as mulheres buscavam igualdade de oportunidades e direitos.

Entretanto, os embates também desencadearam feridas previstas e inesperadas. Ao tentarem se apropriar dos modos de vida do homem, as mulheres perceberam que estavam diante de um “arsenal de palavras e conceitos alheios” (Oliveira, 1999, p.12). Muitas mulheres não tinham consciência de que eram dominadas pelos homens. Somente quando se empenharam pela interrupção com a dominação do universo masculino, foi que então constataram que seus mundos eram demasiadamente divergentes. Esse confronto gerou nas mulheres uma atmosfera de estranhamento com o novo ambiente, afinal, em muitas ocasiões, homens e mulheres pareciam viver em harmonia de pensamentos e escolhas. Coube a mulher render-se a um estado de aceitação e conseqüentemente de inércia e logo compreenderam que para se adaptar à realidade, precisariam recorrer a um comportamento de resignação e autossabotagem (Baptista; Fernandes, 2022). Por essa razão, as tentativas de rompimento por parte dos movimentos feministas causaram e ainda causam tanta resistência de ambos os lados.

Entretanto, o ato de complacência da mulher diante deste contexto não se configurava como um ato de permissão. As desigualdades sempre foram evidentes, especialmente quando suas competências eram vistas como inferiores pelo simples fato de serem mulheres. Esse ato de invisibilidade e desvalorização causava insatisfação, aborrecimento e dissabor por sentirem que não podiam contribuir com a construção das normas sociais, culturais e políticas da sociedade.

Ainda que lentamente, as mudanças foram acontecendo. A partir do instante em que a inquietação se apodera do feminino inicia também um movimento de desconstrução no interior da mulher, promovendo um processo de transformação que desafia a ordem social estabelecida. A contracepção, a insistência pelo controle sobre o próprio corpo, o direito ao desejo e ao prazer foram alguns dos eventos que causaram a maior ruptura na história das mulheres. As grandes mudanças socioculturais e os avanços tecnológicos surgiram como fortes aliados para as conquistas femininas, que de forma progressiva passou a ocupar também os

espaços públicos até então comandados pelos homens. Segundo Oliveira (1999, p.42), essas mudanças “criaram um processo de desorganização da antiga relação entre os sexos ou, visto de outro ponto de vista, criando uma nova organização, imprevisível, impensável e por isso mesmo, ameaçadora”. Toda estrutura social viu-se comprometida diante destes acontecimentos e foi, portanto, com atos de preocupação, intolerância e desconfiança que não apenas os homens, mas determinadas esferas sociais buscaram impedir que as novas ideias prosperassem.

Com a oposição aos movimentos feministas, foi preciso enfrentar batalhas cada vez mais árduas. Dentre elas, as mais difíceis foram a indiferença e o descaso. Esse comportamento por parte dos opositores deve-se ao fato de que enquanto as transformações aconteciam no universo feminino, o mundo dos homens permanecia o mesmo.

Por serem legítimas, presumiam-se que as lutas pelas reivindicações dos movimentos feministas seriam mais valorizadas e respeitadas. Mas para isso, seriam necessários empenhos que envolviam a transformação do eu e dos relacionamentos. Por essa razão, muitas mulheres esvaeceram-se e diante de tantas complexidades sentiram o peso da frustração e o desgosto por verem enfraquecidos os seus esforços. Sobre a complexidade que cerca este movimento, Hooks (1989, p. 21) afirma que:

A luta feminista para acabar com a dominação patriarcal deve ser de uma importância primordial para mulheres e homens a nível global, não porque seja a base de todas as outras estruturas opressivas, mas porque é essa a forma de dominação que mais provavelmente encontraremos de maneira contínua na vida quotidiana.

O novo e desconhecido mundo desafiou as mulheres a apropriar-se de novos saberes. As novas experiências foram acompanhadas por sentimentos de incerteza, insegurança e ansiedade. A ocupação do espaço público foi um dos desafios mais temidos. O medo das consequências é razoável, uma vez que as possibilidades de fracasso são reais. Nestes momentos de mudanças, é natural preocupar-se com a avaliação social sobre suas habilidades e capacidades. E o fracasso, além de provocar constrangimentos diversos podem minar ainda mais a autoconfiança da mulher. Mas Oliveira (1999) acredita que o maior obstáculo da mulher não é vencer o medo do fracasso, e sim, o medo do sucesso. Isso porque a mulher acostumou-se

a depender da aprovação dos homens que valorizam os papéis femininos voltados para o espaço familiar e o comportamento afetivo, onde, segundo as ideologias sociais predominantes, residem a verdadeira feminilidade e o poder da mulher. É preciso lembrar que as mulheres foram ensinadas a duvidarem de si próprias e segundo Bourdieu (2010, p.111):

Qualquer que seja sua posição no espaço social, as mulheres têm em comum o fato de estarem separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo que, tal como a cor da pele para os negros, ou qualquer outro sinal de pertencer a um grupo social estigmatizado, afeta negativamente tudo que elas são e fazem.

Entretanto, esse comportamento por parte do homem pode indicar um possível receio de sentirem-se ameaçados pelo surgimento de mulheres competentes, eficientes e dotadas de qualidades essenciais para o êxito de determinadas áreas. A ameaça às estruturas sociais tradicionais, a preocupação com a perda de poder e a insegurança com a própria masculinidade podem ser alguns temores dos homens diante da ascensão feminina.

Mesmo estando longe do ideal almejado, pode-se dizer que nos últimos tempos a mulher tem usufruído de alguns direitos conquistados, como a inserção no mercado de trabalho e em outros tantos espaços a ela vedados anteriormente. Mas como dito, a igualdade ideal e justa ainda está por alcançar conforme observado na seguinte afirmação:

Apesar de todas as conquistas e lutas travadas pelo feminismo dos últimos séculos, ainda no atual momento as mulheres enfrentam resistências políticas, patriarcais e culturais, além de desigualdades de gênero, são vítimas de violência, na maioria das vezes são assassinadas por companheiros ou ex-companheiros, desenvolvem atividades na sua própria residência e as que exercem atividades fora, são minoria em cargos de direção, gerência, coordenação e liderança, ganhando salários inferiores aos dos homens na mesma função. Em sua maior parte, sofrem assédio sexual desde a adolescência, em casa, na rua, no ônibus, na escola e no trabalho (Carmo *et al.* 2021, p. 118).

A citação acima enumera alguns dos abusos que ainda são vivenciados cotidianamente por muitas mulheres. Tal cenário chama a atenção por resultar em diversas outras perdas para toda a sociedade. Com a limitação feminina, muitas potencialidades são desperdiçadas e o desenvolvimento social fica seriamente

prejudicado. A atual realidade mostra que a conquista dos direitos das mulheres não significa que a opressão tenha acabado, pelo contrário, comprova que ainda vivemos em uma sociedade patriarcal, machista e resistente a afirmação da mulher enquanto sujeito social.

Por essa razão, a mulher ainda vive conflitos constantes. Em diversas situações é desafiada a fazer escolhas que contrariam suas próprias vontades. Há tempos a mulher desdobra-se em múltiplas funções como o de profissional e cuidadora da família. A mulher encontra-se ainda, encarregada de muitas outras obrigações e muitas tendem a desistir de prosseguir e adotam um comportamento de fuga, que resulta em uma existência conflituosa, de sentimentos ambíguos que ora demonstram confiança e euforia, ora ansiedade e depressão.

A partir do momento que mais tarefas são incluídas na nova rotina, o fator tempo torna-se sem dúvida um dos maiores obstáculos a serem vencidos. No intuito de superar as expectativas próprias e dos outros, uma terceira atividade é incorporada às demais. Agregar a vida acadêmica ao cotidiano torna-se indispensável para que os objetivos já definidos sejam alcançados. Com a inserção da mulher em outros espaços como no mercado de trabalho, as tarefas domésticas passam a ser desempenhadas no chamado tempo livre, conferindo a elas, uma dupla ou tripla jornada de trabalho. Logo, os chamados tempos femininos cobram da mulher a conciliação entre a carreira profissional, os compromissos familiares e sociais, além dos cuidados pessoais e claro, o tempo destinado às vivências desejadas (Bonalume; Isayama, 2018).

Nesse estágio, ainda que os sentimentos sejam conflituosos, as transformações já conquistadas são irreversíveis, por isso, neste momento é fundamental manter o equilíbrio social e emocional, além de investir no autoconhecimento. Entende-se que o tempo precisa ser devidamente administrado de modo que o mesmo não a torne novamente prisioneira de funções que não priorizam seus desejos e sua necessidade de bem-estar.

Sem condições de cumprir tantas tarefas ao longo do dia, a tendência é realizar aquelas que se apresentam como essenciais e abster-se de outras que até gostariam de fazer, mas que precisam renunciar. Dessa maneira, as múltiplas jornadas impedem práticas que trariam resultados importantes para a vida como as atividades físicas, o descanso e o lazer. Logo, muitas mulheres podem questionar suas escolhas e lançar dúvidas sobre suas habilidades. Esta situação pode gerar

crises constantes de ansiedade, depressão, complexo de inferioridade e outros quadros de autodepreciação que a multiplicidade de atribuições pode causar na vida da mulher.

Por mais que a preocupação com a saúde psicossocial da mulher não tenha passado despercebida durante os movimentos de lutas, as autoras Neves e Nogueira (2004) relatam a maneira como os procedimentos de avaliação e de intervenção psicológicas eram utilizados. Segundo as autoras, inicialmente os psicoterapeutas eram treinados a tratar as mulheres como responsáveis pelos variados tipos de violência que sofriam. Assim, os profissionais orientavam a ajustar-se às circunstâncias de forma a não provocarem um possível desequilíbrio do ambiente que viviam.

Esse tipo de tratamento prejudicava e desencorajava a mulher que buscava transformar sua realidade. Com o surgimento das terapias feministas, grande parte das mulheres envolvidas em grupos informais e politizados comprometeu-se na “prossecação de atividades sociais e políticas, oferecendo suporte e aconselhamento a outras mulheres sobre temas como a violência doméstica, os direitos reprodutivos e assuntos do foro da saúde mental” (Neves; Nogueira, 2004, p. 20). Ainda que as terapias feministas estivessem amparadas pelas influências da Psicanálise e da Psicologia humanista, os teóricos e práticos da área demonstraram insatisfação pela falta de clareza sobre o tipo de intervenção psicológica que era utilizada com essas mulheres. Entretanto Neves e Nogueira (2004), destacaram um conjunto de pressupostos que sustentam os princípios feministas que dão suporte para a construção de uma ciência psicológica feminista.

Com base nesses princípios, os profissionais puderam ampliar o conhecimento sobre as demandas que envolvem as causas feministas e assim, ter melhores condições de atendimento e cuidado com as mulheres.

Por meio do compartilhamento de experiências entre os grupos, as chances de que as reivindicações femininas sejam vistas com mais compreensão pela sociedade tendem a aumentar. É fundamental que haja o envolvimento e o olhar de dentro do universo feminino para que as mulheres consigam prosseguir na luta pela igualdade de direitos, sem que seja necessário sacrificar o cuidado de si em detrimento do outro.

O capítulo seguinte relata a trajetória da mulher no universo da corrida de rua. Observa-se que os desafios e lutas concernentes às desigualdades de gênero estão

presentes em cada etapa de superação da mulher corredora até conquistar o direito de participar oficialmente das competições de corrida de rua.

4. MULHERES NA CORRIDA: HISTÓRICO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA CORRIDA DE RUA

Entre as liberdades conquistadas pelas mulheres, o direito sobre o próprio corpo foi e ainda tem sido um dos grandes destaques. Podemos citar o direito sobre a contracepção, a escolha pela opção sexual e a liberdade de se expressar com o vestuário que desejar. Antes disso, a mulher já havia alcançado o direito de participar de determinadas atividades físicas até então permitidas apenas para homens. Às mulheres restavam as atividades que representavam fragilidade, submissão e dependência. Eram focadas especialmente na valorização da estética. Os homens acreditavam que o corpo feminino não tinha força e resistência para participar de atividades como uma competição de corrida (Ticianelli, 2015).

Durante e após a primeira guerra mundial, as mulheres precisaram assumir os espaços deixados pelos homens que se ausentaram para lutar. Funções até então exclusivas dos homens passaram a ser desempenhadas por mulheres, como condutoras de bondes, garçonetes, funcionárias públicas, bancárias e professoras (Mota, 2013). Esse momento foi fundamental para descortinar as potencialidades femininas que eram questionadas até mesmo entre elas. A superação dessas dúvidas requer a conscientização e a desconstrução de preconceitos de gênero, que ao longo de séculos moldaram as percepções sobre o papel e o valor das mulheres na sociedade.

As mudanças também aconteceram no campo dos esportes, o olhar feminino para este setor resultou em diversas reivindicações para a igualdade de direitos, em especial no atletismo. Como não tinham permissão para participar oficialmente dos Jogos Olímpicos, em 1917 a francesa Alice Melliat fundou a Federação Esportiva Feminina Internacional (FEFI) que organizou em 1922, os jogos olímpicos femininos, que foram reeditados em 1926, 1930 e 1934 como os jogos femininos mundiais (Calvo *et al.* 2013).

Mesmo diante de muitas críticas e obstáculos, o Comitê Olímpico Internacional (COI), gerenciado por homens, não resistiu à pressão e permitiu nos jogos de 1928, em Amsterdã, que fossem incluídas as competições femininas de atletismo pela primeira vez. No entanto, o resultado da prova de 800 metros foi desanimador, das 11 participantes, 5 desistiram antes do fim, enquanto as outras 6 desmaiaram. De acordo com Tubino *et al.* (2008), os técnicos argumentaram que as

atletas não foram devidamente preparadas para participarem daquela prova. Além do mais, historiadores acreditam que houve uma tentativa por parte da imprensa e de membros do COI de supervalorizar o episódio por meio de imagens que tentavam manipular a opinião pública contra a participação das mulheres na competição (Montanha, 2018). A discussão incluiu vários testemunhos deturpados, que tinha o objetivo de excluir as mulheres do esporte, tendo um profundo sentimento machista como uma motivação implícita nesta atitude. Esse ocorrido fez com que os opositores à presença feminina nas Olimpíadas solicitassem a exclusão da mulher de todas as competições de provas de resistência, alegando incapacidade física (Calvo *et al.* 2013).

Karl Ritter von Halt, membro do COI de 1929 até 1964, afirmou que “os homens nasceram para competir; a competição é estranha à natureza da mulher. Assim terminemos com os campeonatos de atletismo feminino” (Mota, 2013, p. 22). A oposição firme e hostil empreendida pela liderança masculina dos espaços esportivos confirmam a preocupação do universo patriarcal por reduzir as mulheres a maternidade e aos serviços domésticos, buscando naturalizar essa posição social como sendo a única possível.

Devido à grande repercussão, o fato resultou na exclusão da prova de 800 metros na Olimpíada seguinte de 1932. No entanto, a relutância das mulheres para participar da corrida continuou, até que em 1936, em Berlim, as mulheres foram finalmente reconhecidas oficialmente como atletas olímpicas, demonstrando com isso, que não estavam dispostas a recuarem de suas reivindicações. O comportamento masculino e a insistência em tentar impedir o avanço da mulher no esporte revelam a natureza perturbadora e embaraçosa causada pelas mudanças nas relações de gênero da época.

Diante dos relatos, percebe-se que a inserção feminina em provas dos jogos olímpicos foi fruto de muita luta e pressão. Entre a criação da Federação Esportiva Feminina Internacional (FEFI) em 1917 até o ano em que foi dissolvida em 1936, muitas mulheres profissionais e amadoras precisaram enfrentar todo o tipo de constrangimento, machismo e preconceito expresso em atitudes e opiniões até mesmo de quem se espera apoio. Montanha (2018), destaca que muitas entidades femininas da época criticaram a participação das mulheres nos jogos. Até mesmo o Papa Pio XI declarou por duas vezes, em 1928 e 1932, que discordava dos jogos femininos.

A falta do preparo físico devido para a prova, os momentos de tensão e repressão vivenciados nesse período podem ter influenciado no desempenho das atletas que não conseguiram concluir a prova de Amsterdã em 1928. Ainda assim, elas persistiram, demonstrando força, determinação e coragem para seguir e conquistar o que acreditavam ser um direito das mulheres, a participação no esporte. Naquele momento, ainda que a igualdade entre os gêneros dentro do Movimento Olímpico Internacional estivesse longe de ser uma realidade, essa possibilidade só existe hoje graças a este grupo de mulheres que não aceitou as imposições feitas para a permanência da submissão feminina.

Continuando com a luta das mulheres pela igualdade de direitos de participar de todas as provas do atletismo, em especial das maratonas, o site *RunFun*⁷ relata alguns eventos de enfrentamentos por parte de algumas mulheres que mudaram o rumo da história da participação feminina em provas de corrida de rua. São elas:

- Lyn Carman e Merry Lepper invadiram o percurso da Maratona do Hemisfério Oeste na Califórnia em 1963, para participarem da prova. Oficiais tentaram impedi-las sem sucesso. Lepper completou a prova em 3h37min7s.
- Roberta Gibb Bingay também invadiu a prova na largada da Maratona de Boston em 1966, completou a prova em 3h21min, a frente de dois terços dos corredores do sexo masculino. O diretor da corrida não reconheceu o seu feito e afirmou que “Roberta não correu a maratona de Boston, ela meramente percorreu a mesma rota da corrida oficial enquanto ela estava acontecendo”.

Entre esses relatos, o fato que mais chamou a atenção foi a da corredora Katheine Switzer. Diferente das demais, ela não invadiu a prova. Ela abreviou seus dois primeiros nomes e se inscreveu via correio, conseguindo assim, ser oficialmente inscrita na prova da Maratona de Boston em 1967. Katheine correu a maior parte do percurso com um capuz, até ser descoberta e o diretor Jock Semple, ir atrás dela e tentar retirá-la a força da prova, sem sucesso. Essa história impressionante retrata a busca pela igualdade de condições entre mulheres e homens nas corridas, como pode ser observado pelas imagens seguintes:

⁷ Empresa de assessoria esportiva atuante nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. <https://runfun.com.br/2021/03/05/mulheres-e-a-corrida-um-breve-recorte-historico-2/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

Figura 2 - Diretor da Maratona de Boston em 1967 tenta impedir Katheine Switzer de correr a prova



Fonte: Site RunFun.

Katheine Switzer conseguiu continuar a prova por receber a ajuda dos demais corredores que estavam a sua volta e a apoiaram, principalmente do seu namorado, Tom Miller, que empurrou o diretor.

Figura 3 – Katheine recebe ajuda de Miller para prosseguir na prova



Fonte: Site RunFun.

Katherine Switzer seguiu em frente, completando a prova em 4h20. Após esse ocorrido e a divulgação das imagens, Katheine se tornou símbolo do movimento das mulheres na corrida. Com a grande repercussão do caso, em 1972,

oito mulheres conseguiram participar oficialmente da maratona de Boston, que, enfim, aceitou as inscrições femininas. A figura 4, mostra Katheine Switzer, à esquerda correndo a maratona de Boston em 1967 e a direita correndo a maratona de Boston em 2017, cinquenta anos depois, ao lado de 12.300 mulheres corredoras inscritas.

Figura 4 – Katheine Switzer em 1967 e 2017



Fonte: Site RunFun.

A partir de então, a participação feminina nas corridas foi se consolidando e até mesmo se ampliando com a inserção das mulheres em novas modalidades. No Brasil, algumas delas se destacaram na corrida de rua e abriram as portas para a inserção feminina no esporte.

Segundo Ortega (2018), no início dos anos de 1970, período em que a maratona seguia proibida para mulheres, Eleonora Mendonça – atleta, ativista e organizadora de corridas de rua – estudou mestrado em Educação física em Boston (EUA), tornando-se em 1979 presidente do Comitê Internacional dos Corredores, organização que trabalhou para a inclusão de eventos femininos de longas distancias nos campeonatos internacionais inclusive Jogos Olímpicos. De volta ao Brasil, Eleonora se deparou com um cenário em que a adesão das mulheres à corrida de rua era quase inexistente. Desse modo, Eleonora decidiu tornar-se ativista, trabalhando pela igualdade de direitos de gênero no esporte e a partir desta luta nasceram decisões importantes para a igualdade de direitos.

O Instituto Eleonora Mendonça⁸, que tem como objetivos preservar a trajetória da atleta e a história da corrida de rua no Brasil e no mundo apresenta dados importantes para a inclusão da mulher no esporte e especialmente na corrida de rua. Os principais fatos que marcam esta história podem ser observados no seguinte quadro:

Quadro 4: História da participação feminina em corridas de rua

Período	Acontecimentos
1967	Katherine Switzer participa da Maratona de Boston com um número de peito oficial após ter se inscrito por correio e se passando por homem. Ela se torna um ícone da luta da mulher para poder correr.
1972	É criado o Comitê Internacional de Corrida, formado por atletas, médicos, especialistas e pessoas das mais diversas áreas, que iniciam o lobby para que mulheres possam participar de eventos de longa distância.
1975	Primeira São Silvestre com participação feminina.
1976	A Avon entra com força no lobby pela participação das mulheres no esporte com a contratação de Katherine Switzer para liderar o Programa Internacional de Corrida Feminina. O programa, que durou até 1996, foi responsável por criar o primeiro circuito de corridas de rua do mundo para mulheres.
1978	Eleonora Mendonça cria a empresa Printer, que organizou a primeira corrida de rua aberta a corredores recreativos e atletas federados.
1979	Eleonora torna-se presidente do Comitê Internacional dos Corredores e no mesmo ano cria a maratona e a meia maratona do Rio de Janeiro.
1980	O American College of Sports Medicine divulga uma declaração em apoio à criação da maratona olímpica feminina. Nele, a entidade afirma: “Não existe nenhuma evidência científica ou médica conclusiva de que a corrida de longa distância é contraindicada para uma atleta saudável e treinada”.
1983	Corredoras de várias nacionalidades, incluindo Eleonora Mendonça, anunciaram a abertura de um processo contra o COI por discriminação de gênero, por restringir a participação em algumas provas. As mulheres lutavam por igualdade.
1984	Eleonora torna-se a primeira mulher brasileira a participar de uma maratona olímpica que ocorreu em Los Angeles.

Fonte: Instituto Eleonora Mendonça⁹.

Os relatos acima demonstram que as lutas pela inclusão e igualdade da participação feminina na corrida de rua foram intensas durante as décadas de 1970 e 1980. Após esse período o público feminino nas corridas aumentou gradativamente e algumas competições, exclusivas para as corredoras, têm como objetivo incentivar a adesão de mais mulheres ao universo das corridas. Muitas

⁸ <https://www.institutoeleonoramendonca.org.br/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

⁹ <https://www.institutoeleonoramendonca.org.br/midia-1>. Acesso em: 22 jul. 2023.

delas já contam com um grande número de adeptas e já se tornaram referências, como a *WRun*¹⁰ que acontece em São Paulo e no Rio de Janeiro e a M5K¹¹ que ocorre em várias cidades do Brasil e da América Latina. Sobre a primeira corrida feminina Avon, a primeira do gênero na América Latina, Eleonora Mendonça¹² afirma que:

As mulheres tiveram que lutar muito para participar das corridas de rua, foram discriminadas e criticadas: “seu lugar não é aqui é na cozinha”. E a importância da primeira corrida de rua feminina foi uma oportunidade de empoderamento sem igual. A mulher se liberta através do esporte, principalmente no esporte individual, você está lutando com você mesma, é o seu momento.

Muitas mulheres, profissionais e amadoras enfrentaram o preconceito, a resistência e lutaram pelo direito de serem reconhecidas e respeitadas como corredoras de rua. No entanto, a luta continua com a solicitação de prêmios iguais entre homens e mulheres nas competições e a igualdade de salários para pessoas que ocupam o mesmo cargo, com as mesmas qualificações e com experiências semelhantes, tanto no esporte como em todas as demais esferas sociais.

Diante dos fatos, compreende-se que a trajetória feminina na corrida se equipara às muitas outras lutas por igualdade entre homens e mulheres defendidas ao longo da história. Avanços importantes foram conquistados, mas é preciso considerar que ainda há um longo caminho a ser percorrido. As transformações precisam ocorrer não apenas em perspectivas individuais e coletivas, mas também em instituições que perpetuaram e continuam perpetuando as desigualdades das relações de gênero.

¹⁰ WRun é um portal de corrida voltado exclusivamente para o público feminino, e trata sobre treinos, provas, receitas, dietas, nutrição, saúde, notícias, vestuário para correr e histórias motivacionais. <https://wrun.com.br/>.

¹¹ M5K é a corrida de rua organizada pelo McDonald's para o público feminino. É considerada a maior corrida feminina da América Latina. <https://5kmcdonalds.com.br/>

¹² https://www.institutoeleonoramendonca.org.br/_files/ugd/d81094_ba168117073e47aca9eb7f51994ed6fa.pdf. Acesso em: 23 jul. 2023.

5. EXPERIÊNCIA DE VIAGEM DE MULHERES CORREDORAS DE RUA

Este capítulo apresenta os resultados e as análises das entrevistas realizadas com as mulheres corredoras de rua participantes dos eventos: Volta Internacional da Pampulha (Belo Horizonte – BR) e Corrida Internacional de São Silvestre (São Paulo – BR).

O texto está dividido em dois tópicos. O primeiro apresenta o perfil socioeconômico das entrevistadas e o segundo aborda os significados das experiências de lazer e turismo para a vida das mulheres corredoras de rua.

Para garantir e preservar o anonimato das participantes, os nomes utilizados na identificação das respostas são fictícios.

5.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS CORREDORAS DE RUA

Esta seção aborda algumas características como a faixa etária, o estado civil e o número de filhos das entrevistadas com a finalidade de apresentar o perfil das corredoras de rua. O grupo amostral foi composto por 28 mulheres residentes em diferentes cidades do Brasil.

Quadro 5: Identificação das Corredoras de Rua

Faixa Etária		Estado Civil		Número de Filhos	
20 – 29 anos	0	Casada	11	Nenhum	14
30 – 39 anos	10	Solteira	13	1 filho	2
40 – 49 anos	6	Divorciada	3	2 filhos	8
50 – 59 anos	6	Outra	1	3 filhos	3
60 – 69 anos	4			4 filhos	1
70 – 79 anos	2				
Total: 28		Total: 28		Total: 28	

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

De acordo com os dados do quadro 7, das 28 participantes da pesquisa, 10 estão na faixa etária entre 30 e 39 anos e número restante se divide entre as quatro faixas seguintes. É possível observar que nenhuma entrevistada tem idade menor de 30 anos, logo percebe-se que é a partir desta idade que as mulheres começam a se estabelecer na corrida. Esse resultado pode ser um indicativo de que as mulheres

que viajam tendo a corrida de rua como motivação estão concentradas na fase produtiva da vida. Nesse período, é possível que a mulher esteja mais envolvida com a carreira profissional e a produtividade econômica. Além disso, algumas mulheres já passaram por períodos de formação educacional, o que as ajuda a se tornarem confiantes em suas áreas de atuação.

Na fase produtiva da vida, muitas mulheres experimentam uma certa estabilidade financeira, no entanto, é importante ressaltar que a estabilidade durante essa fase não é uma regra fixa para todas as mulheres. Há variações individuais significativas, dependendo das escolhas pessoais, dos desafios enfrentados e das oportunidades disponíveis. A estabilidade também pode ser afetada por fatores como maternidade, transições de carreira, avanços tecnológicos e mudanças econômicas.

Esses dados corroboram com estudos já produzidos sobre o perfil de participantes de corrida de rua, como de Braga e Pires (2018), Oliveira (2016), Braga e Teodoro (2020). Com base nos relatos das corredoras, os fatores que favorecem a adesão e permanência na corrida são: a preocupação com a saúde, a estabilização financeira, a flexibilidade de tempo para se dedicar ao lazer, a preocupação com a aparência física que aumenta em decorrência do envelhecimento, a busca por desafios pessoais e novas metas de vida, entre outros. Apesar de algumas corredoras já estarem envolvidas com algum tipo de atividade física desde a infância ou adolescência, é a partir dos 30 anos que aumenta a conscientização sobre os cuidados que precisam ter com o corpo e a mente, por essa razão buscam encontrar na corrida os resultados almejados.

Com relação ao estado civil, o resultado foi similar entre as entrevistadas casadas e solteiras, sendo 11 e 13, respectivamente. Apenas 3 declararam ser divorciadas e 1 preferiu não informar a situação. Entre as mulheres casadas, algumas afirmaram que o companheiro participa dos treinos, das competições, das viagens e dos encontros sociais como os amigos corredores. A participação conjunta entre homens e mulheres na corrida de rua pode revelar um ambiente favorável a igualdade de gênero e contribui para a promoção de relações mais equitativas.

No entanto, outras mulheres afirmaram que não tem a companhia do cônjuge nas atividades que envolvem a corrida, mas são incentivadas e recebem total apoio da família, pois sentem que toda a casa é beneficiada com os resultados da prática. Esse comportamento confronta o contexto histórico de restrições e limitações à

participação das mulheres em atividades físicas. Segundo Mota (2013), a atividade física era frequentemente associada a características masculinas, como força e resistência, enquanto às mulheres eram atribuídas características mais delicadas e frágeis, tornando a prática de exercícios físicos contraindicada para elas. Todavia, Cavalcanti *et al.* (2018) relata que mesmo diante das limitações, as mulheres estão se tornando cada vez mais independentes e formando novas estruturas familiares, o que pode explicar a liberdade de escolha da entrevistada não apenas pela prática da corrida, mas também pelo turismo.

As entrevistadas que se declararam como solteiras e divorciadas afirmam que por não terem um relacionamento conjugal podem desfrutar de mais tempo e liberdade para realizar qualquer atividade que desejam. Relatam que não precisam prestar contas sobre os gastos que fazem, como vão organizar o próprio tempo, sobre as pessoas com quem convivem e sobre as viagens que realizam. Elas afirmam que caso optem por se relacionarem com alguém, terão o cuidado de certificar-se que a pessoa compartilhe das mesmas preferências. As entrevistadas acreditam que esta condição é mais conveniente para o estilo de vida que escolheram. A situação apresentada é semelhante aos estudos de Carvalho (2019) sobre a possibilidade que a mulher solteira ou sozinha tem para explorar novos ambientes com independência e liberdade.

O quadro 6 mostra os dados sobre a escolaridade e a renda individual da participante. Essas informações ajudam a explicar de que maneira as condições socioeconômicas das corredoras podem influenciar na prática do turismo e da corrida.

Quadro 6: Escolaridade e Renda da Corredora de Rua

Escolaridade		Renda	
Ensino Fundamental	2	1 a 2 salários	4
Ensino Médio	4	2 a 4 salários	7
Graduação	6	4 a 6 salários	9
Pós-graduação	13	Acima de 6 salários	8
Mestrado	2		
Doutorado	1		
Total: 28		Total: 28	

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Com relação ao grau de instrução, a pesquisa demonstra que a maioria das entrevistadas é pós-graduada e 6 delas têm pelo menos 1 graduação, ou seja, das 28 corredoras, apenas 6 não possuem o ensino superior. Esses dados revelam que as mulheres se dedicam cada vez mais a sua formação acadêmica, e que pessoas com níveis mais elevados de escolaridade tendem a ter acesso a melhores salários, mais informações sobre os benefícios da atividade física e a oportunidades de viajar para correr. Isso pode levar a uma maior conscientização sobre a prática da corrida. Esse resultado se assemelha com os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde realizada pelos autores Wendt *et al.* (2019), ao mostrar que a prática de exercício é mais frequente entre as mulheres com nível superior completo.

Em relação a renda individual, percebe-se que a maioria das entrevistadas possuem renda superior a 4 salários mínimos. Vale ressaltar que para participar da entrevista, a corredora deveria ter feito no mínimo uma viagem cuja motivação fosse a corrida de rua. No entanto, todas as participantes da pesquisa relataram que já haviam feito diversas viagens com essa finalidade. Apesar de muitos estudos sobre corrida de rua afirmarem que o baixo custo da prática é um dos motivos para a adesão à corrida, todas as entrevistadas destacam a importância de investirem em tênis apropriados para a realização da atividade, pois oferecem suporte, proteção e conforto para os pés ajudando no amortecimento e absorção do impacto, além de diminuir o risco de lesões.

As informações supracitadas indicam que a viagem de corrida de rua requer um investimento financeiro relevante para arcar com os custos básicos da viagem como transporte, hospedagem e alimentação, além da inscrição da prova e bons pares de tênis devido as longas distâncias que são percorridas nestas provas. Logo, verifica-se que os gastos com a atividade podem justificar a faixa de renda acima de 4 salários mínimos informada pelas participantes. As corredoras que declararam a renda abaixo de 4 salários afirmam que evitam usar o dinheiro que recebem com gastos considerados por elas como desnecessários. Utilizam o dinheiro apenas com o que é essencial para as necessidades básicas e reservam o que sobra para investirem nas viagens. Para tanto, essas corredoras fazem um bom planejamento financeiro com o intuito de participarem do máximo de provas possível, mesmo dispondo de poucos recursos.

O próximo tópico aborda a concepção que as participantes da pesquisa têm sobre a relação entre turismo, lazer e corrida de rua, além de apresentar as experiências vivenciadas durante estas atividades.

5.2 SIGNIFICADO DAS PRÁTICAS DE LAZER, TURISMO E CORRIDA DE RUA

Para muitas mulheres, a corrida de rua ocupa uma posição de relevância entre as atividades diárias. O ato de se exercitar rotineiramente ou participar de corridas produz sensações diversas como a de superação, autoconfiança e empoderamento físico e mental. Ao serem integrados à corrida, o lazer e o turismo potencializam os benefícios percebidos e ainda oferecem mais oportunidades, como, explorar novos lugares e conviver pessoas de culturas diversas.

Desse modo, por meio da corrida de rua, a mulher pode usufruir de vantagens que influenciam positivamente diferentes áreas da vida. No entanto, para permanecer na prática e alcançar os resultados desejados é preciso ser consciente em relação às exigências físicas, mentais, sociais e financeiras que são requeridas da corredora.

As falas analisadas nos próximos tópicos demonstram o reconhecimento dos custos e dos benefícios da corrida de rua por parte das entrevistadas, além de ampliar o olhar para os impactos que a prática regular da corrida pode exercer sobre outros contextos da existência humana.

O texto está organizado de acordo com as categorias definidas, sendo: saúde e bem-estar, experiências de lazer e turismo, sociabilidade, desenvolvimento pessoal e liberdade de gênero.

5.2.1 Saúde e bem-estar

A primeira categoria diz respeito à relação de bem-estar físico e mental proporcionada pela prática da corrida de rua. Todas as participantes destacaram elementos que influenciam diretamente na busca pela qualidade de vida como a promoção da saúde, o controle emocional, a valorização do corpo e os cuidados com a estética.

O bem-estar proveniente das mudanças do estilo de vida despertou nas corredoras o interesse pelo comprometimento com a atividade. Esse compromisso

envolve uma série de atitudes que visam prevenir doenças, promover hábitos saudáveis e criar condições para que as pessoas alcancem uma boa condição física. Para exemplificar essas questões, seguem algumas falas das participantes da pesquisa:

Eu tive dois cânceres. Um câncer de pele e um câncer de intestino em 2013. Eu comecei a correr assim. Quando eu tenho efeitos colaterais, isso é muito minimizado. Eu não tenho boca ruim, eu não tenho náusea, não tenho enjoo, não tenho fadiga. A corrida para mim é remédio. (C1)

Eu tenho diabetes desde os dois anos e meio de vida. De 2010 até 2013 eu cheguei a ser internada no CTI e depois eu comecei a correr. Eu melhorei muito, hoje minha dose de insulina é outra e eu aprendi a medir minha insulina correndo. (C3)

Eu tenho asma e eu achei que não ia ter fôlego. Hoje eu entendo que a corrida faz parte do meu tratamento respiratório, me ajuda a respirar com amplitude e extrair toda a capacidade do meu pulmão. Hoje eu tenho muita disposição para tudo. (C23)

Eu tive derrame no ciático. Eu gritava de dores na minha perna. Aí o ortopedista mandou eu fazer caminhada. Hoje eu corro e eu ganho todas. Depois da corrida tudo mudou. Não sinto nada. (C18)

As respostas demonstram o impacto da corrida na saúde das entrevistadas e ajuda a explicar a crescente adesão à atividade. Além de auxiliar no alívio de dores no corpo e no controle de doenças como diabetes e câncer, outros benefícios também foram citados como a diminuição de problemas de hipertensão arterial, o fortalecimento do sistema imunológico, a qualidade do sono, entre muitos outros.

A melhora da saúde física provoca de imediato sentimentos de satisfação, prazer e gratidão, tornando a corrida de rua responsável pela sensação de bem-estar. No entanto, estes benefícios não são decorrentes exclusivamente da corrida, as mudanças nos hábitos alimentares e o controle do peso são fundamentais para alcançar bons resultados. Isso mostra que ao aderir à corrida, a mulher adota um estilo de vida que transforma toda a sua rotina. A forte conexão da corrida com as demais atividades do dia, com a mudança de pensamento e de comportamento explica o fato da corrida orientar esta nova fase. A partir de então, a mulher passa a ser identificada por esta prática, sendo assim, reconhecida como uma corredora de rua.

Vários relatos demonstraram que por causa da corrida, as mulheres alteraram por exemplo, os horários de dormir e acordar, já que muitas preferem treinar antes

das outras atividades do dia, ou então, assim que cumprem todos os compromissos, encaminham-se para a corrida, deixando-as mais disciplinadas. A partir do encaixe da corrida na rotina, todas as demais tarefas são afetadas e novas metas e objetivos de vida são idealizados. Por essa razão, as entrevistadas afirmam que a corrida de rua não faz apenas parte de suas vidas, mas é de fato seu estilo de vida.

A busca por saúde como principal motivo para justificar a adoção da prática de corridas de rua pode ser observado em outros estudos (Fonseca, 2017; Freitas; Oliveira, 2015; Sedorko, 2021), nos quais os praticantes admitem que só buscaram a atividade após apresentarem os sinais de alguma enfermidade ou por indicação médica. A justificativa é pertinente, afinal a saúde física desempenha um papel vital na vida de uma pessoa, pois afeta diretamente sua capacidade de funcionar, interagir e desfrutar da vida de maneira geral.

A opção pela corrida tem se tornado popular, especialmente entre as mulheres, devido, entre outras razões, à facilidade de acesso, já que para praticar é necessário apenas um tênis de qualidade e confortável e um bom local público para correr, podendo ser um parque ou uma avenida bem pavimentada.

Uma preocupação importante mencionada por Oliveira (2016), está relacionada ao acompanhamento profissional para quem decide se dedicar a corrida. Justamente por ser de fácil acesso, muitas pessoas ignoram essa condição e correm o risco de sofrer algum tipo de lesão. Das 28 participantes da pesquisa, 25 afirmaram que são acompanhadas por alguma assessoria esportiva ou fazem parte de grupos de corrida onde recebem a assistência de profissionais da área. Elas reconhecem a importância das orientações para o alcance dos resultados e dos objetivos pretendidos. As participantes que correm sem nenhuma orientação têm como justificativa o pouco tempo de permanência na corrida ou o fato de correrem de forma eventual.

O bem-estar físico tende a auxiliar também na qualidade da saúde mental, sendo, portanto, muito mencionada pelas participantes. A redução do estresse e da ansiedade foram os mais relatados. Mas outros fatores são igualmente significativos como a melhora do humor, da autoestima, da concentração e o foco para a realização de outras atividades. O bem-estar psíquico propicia o equilíbrio entre emoções e sentimentos diante dos desafios, conflitos e em situações que provocam mudanças na vida, como pode ser visto a seguir:

A corrida me ajuda em outros fatores da minha vida, eu estou mais centrada, diminuiu um pouco a crise de ansiedade, tenho dormido muito bem. (C12)

Toda vez que eu corro eu me sinto mais animada ainda. Porque eu vejo que eu consigo, eu me sinto forte. Eu gosto muito. (C6)

Quando você tiver um problema na sua vida e não está encontrando a solução, é só sair para correr. Você chega em paz em casa e encontra a solução. (C25)

Eu descobri que se eu me dedicar, focar e ter disciplina, eu posso ir muito além daquilo que eu imagino, não somente eu, qualquer pessoa. (C5)

É importante destacar também os relatos de casos que envolvem separação, luto e enfermidades. De acordo com as entrevistadas, o sofrimento e os sentimentos negativos são amenizados ou até deixam de existir quando começam a correr. Após a corrida, o desânimo perde espaço para o bom humor e o contentamento. Essa mudança de postura é necessária para garantir que as corredoras tenham disposição para outras realizações. Por essa razão, elas acreditam que conseguem resolver os problemas, agir com mais assertividade nas escolhas que precisam fazer, se relacionar melhor com as pessoas, e principalmente, têm perspectivas mais positivas sobre a própria vida e sobre os contextos que a cercam. Alguns relatos mostram como algumas mulheres superaram as adversidades com a ajuda da corrida de rua:

A corrida na minha vida tem uma importância tremenda. Eu perdi minha mãe e fiquei muito triste na época. Então eu comecei a caminhar e depois a correr. Hoje eu não fico mais sozinha chorando pelos cantos. Eu quero viver e correr até quando eu puder. (C19)

Em 2017 eu me separei, eu estava deprimida. Eu comecei a correr e encontrei um grupo de corrida. Como nosso grupo tem muita mulher, eu falo que é um grupoterapia. Porque é a melhor terapia que a gente pode fazer. (C17)

Eu comecei a correr porque eu terminei meu casamento e aí fiquei na procura por novas amizades e novos ambientes. Foi a minha motivação para sair daquele buraco que eu lutava, porque você vira refém de uma situação. (C20)

O povo fala assim, você é guerreira demais porque você corre. Você está em tratamento de câncer, não passa mal? Mas assim, a corrida é o meu remédio. E o importante é você fazer algo que te dê prazer, que te movimente. (C1)

Devido as pressões sociais e a sobrecarga de tarefas a que muitas mulheres são submetidas rotineiramente, é possível que elas não desfrutem dos recursos

necessários para o autocuidado. Ter um tempo para si mesmas permite que as mulheres reflitam sobre as causas de suas tristezas ou depressão. Isso pode ajudar a identificar padrões de pensamentos negativos, traumas passados ou fontes de estresse que precisam ser abordados. O tempo sozinha é essencial para a saúde mental. Isso pode incluir atividades relaxantes, como meditação, leitura ou simplesmente descansar.

Entretanto, as entrevistadas afirmam ter encontrado na corrida de rua a oportunidade para se desconectarem das demandas e das cobranças sociais, profissionais, familiares e até mesmo pessoais. Trata-se de um momento de pausa dessas pressões de forma a permitir que elas se concentrem em si mesmas sem a influência externa. A corrida é um “momento em que elas estão agradando a si mesmas, em que podem ficar sozinhas com os seus pensamentos, refletir e relaxar depois de muitas obrigações” (Ticianelli, 2015, p.32).

A corrida pode proporcionar uma atmosfera de tranquilidade e recarga. Isso é importante para reenergizar a mente e o corpo, especialmente quando a corredora passa por momentos de emoções intensas. Porém, é importante destacar que após o período de restauração mental, o encontro com novos ambientes e novas companhias tornam-se colaboradoras para o enfrentamento das adversidades. Por essa razão, muitas corredoras citam o grupo de corrida em que estão inseridas como componente do processo de cura.

O grupo de corrida propicia às mulheres a participação de uma rede de apoio que pode ser uma fonte valiosa de suporte emocional, onde será possível fortalecer a autoestima e a confiança. Trata-se de um ambiente onde as mulheres poderão ser ouvidas e compreendidas. É um momento em que ocorre troca de experiências e um ambiente onde é possível compartilhar dos mesmos interesses. Neste espaço muitos temas são conversados, como dicas para melhorar o desempenho na corrida, informações sobre provas, melhores tênis, viagens e metas. De acordo com Neves e Nogueira (2004), o envolvimento de mulheres em um universo familiar pode promover o bem-estar mental. É um tempo que a mulher tem de conexão com pessoas que a apoiam e podem se concentrar no prazer que está sendo vivenciado no momento presente, com intuito de fortalecê-las para os enfrentamentos posteriores.

A preocupação com a estética do corpo é outro fator que motiva a mulher a aderir à corrida. Apesar da maioria das entrevistadas afirmarem que mudaram de

posicionamento com o tempo, elas admitem que a insatisfação com a imagem foi o principal impulso. A inquietação da mulher em relação à idealização do corpo deve-se a uma série de fatores históricos, culturais e sociais (Calvo *et al.* 2013). A sociedade tende a construir e promover padrões de beleza culturalmente idealizados. Isso cria a percepção de essas normas precisam ser alcançadas pelas mulheres. A comparação com outros corpos pode resultar em insegurança em relação à sua aparência e a sensação de que estão socialmente inadequadas.

Ao iniciar a atividade física, o objetivo era tentar delinear e definir os contornos do corpo, tornando-o mais harmônico. Mas com o desenvolver da prática, as corredoras afirmam ter percebido que as transformações e as melhorias são mais abrangentes. Assim, a preocupação com a estética corporal deixou de ser prioridade dando maior relevância para outros benefícios:

Meu objetivo com a corrida sempre foi relacionado com a perda de peso. Hoje reconheço os benefícios físicos, cardiovasculares e psicológicos dela. (C15)

Comecei a correr em 2015, porque eu estava com problema, eu estava bem gordinha e passando por um processo de término de relacionamento muito difícil. Minha motivação para a corrida foi a auto estima. (C7)

A cobrança sobre o meu corpo era muito grande por ser uma jovem gorda. E quando eu fiz a minha conexão com o esporte, foi por simplesmente em busca do emagrecimento, apesar de achar que a corrida não era para mim. (C23)

Lidar com as pressões e cobranças em relação à estética pode ser desafiador para muitas mulheres, dada a influência das normas culturais, da mídia e das redes sociais. Por isso, é importante lembrar que a autoestima e o valor pessoal não devem estar ligados unicamente à aparência física. Ter clareza das próprias qualidades e saber definir seus próprios padrões e princípios são essenciais para o desenvolvimento de uma mentalidade de autoaceitação.

Para as entrevistadas, a corrida de rua atuou como um meio para a valorização do corpo de forma integral possibilitando uma visão ampliada sobre beleza. Em consequência da mudança de perspectiva, as corredoras que conviviam com esta cobrança passaram a evitar a busca pela identificação com outros corpos e começaram a focar em práticas que priorizam a qualidade de vida.

Os significados da saúde e bem-estar para uma mulher praticante de corrida de rua envolvem uma abordagem integral que abrange aspectos físicos, mentais e

emocionais. A figura 5 reflete a importância desses elementos sendo “saúde” e seus derivados, os termos mais recorrentes nas falas das entrevistadas, seguido das palavras “objetivo” e “pessoas”.

Figura 5: Nuvem de palavras - Significados da saúde e bem-estar para a corredora de rua



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A partir da frequência desses termos, é possível inferir que a saúde está diretamente relacionada com a busca pela cura, que ocorre por meio da prática da corrida de rua. Por essa razão, a maioria das mulheres utiliza o termo remédio para simbolizar a corrida. O termo objetivo, significa que as corredoras possuem uma meta e um propósito claro de resultados que pretendem alcançar com o novo estilo de vida. Apesar da corrida de rua ser uma atividade praticada de forma individual, a palavra pessoas também aparece com frequência nas falas, demonstrando a proximidade da corrida com a sociabilização e a importância que a troca de experiências tem para a corredora.

Todos os benefícios que a corrida de rua proporciona para as mulheres resultam de muito esforço e dedicação. Superar os desafios da corrida requer determinação, resiliência, estratégia e apoio adequado. As principais dificuldades relatadas pelas corredoras incluem o cansaço e as dores características da prática; a privação do consumo de determinados alimentos para não prejudicar o rendimento na atividade; a mudança, muitas vezes rígida da rotina e o distanciamento de

espaços e vínculos sociais que podem competir com o tempo que é dedicado à corrida.

Com a mudança de hábitos, algumas corredoras relataram ter deixado de frequentar determinados ambientes e encontros com amigos e familiares. O motivo para esse distanciamento deve-se ao horário dos eventos, que geralmente terminam de madrugada, o que prejudica a qualidade do sono e conseqüentemente o desempenho da corrida no dia seguinte. Os alimentos que são servidos também podem se tornar motivos para pequenos constrangimentos, que acabam colaborando com a redução das frequências dos encontros sociais. Para compensar as ausências, algumas corredoras relataram que a corrida de rua não interfere nos almoços ou encontros de família quando estes ocorrem durante o dia, pois as provas e os treinos acontecem e terminam ainda na parte da manhã, e quando retornam, as pessoas da casa ainda nem perceberam sua ausência.

Contudo, as corredoras afirmam que o valor das recompensas e dos resultados alcançados superam os custos cobrados pela prática, o que pode justificar a conexão física e emocional das entrevistadas com a corrida de rua.

O tópico seguinte aborda as experiências vivenciadas pelas entrevistadas durante a viagem que tem como motivação a corrida de rua. As reflexões apresentam o planejamento, as dificuldades e os efeitos positivos da viagem realizada.

5.2.2 Experiências de turismo e lazer

Após estabelecerem-se na corrida de rua e sentirem os efeitos das mudanças físicas e mentais, a entrevistada passa a ter um envolvimento mais próximo com a atividade que vai muito além do ato de correr. Ela engloba uma variedade de fatores que abrange o treinamento físico, a participação em provas, a interação social, a celebração de conquistas e a possibilidade de realizar viagens e vivenciar todas essas atividades em um destino turístico.

Sem dúvida, os protagonistas do universo das corridas de rua são os corredores, e os eventos de corrida têm se popularizado por proporcionar aos participantes uma experiência que combina exercício físico, turismo, socialização e crescimento pessoal. Esses eventos reúnem corredores de diferentes lugares podendo ser da própria região ou de outros países, com o objetivo de desafiar a si

mesmos e aproveitar o ambiente de corrida. As corridas podem ser recreativas, provas de resistência, como maratonas e ultramaratonas ou corridas temáticas.

Dessa forma, corredores de diferentes níveis são atraídos pela possibilidade de combinar a prática da corrida com a atividade turística. Muitos objetivos que são idealizados como aumentar o ritmo na corrida e a distância percorrida, podem ser mais prazerosos se forem realizados durante um evento festivo e preferencialmente, diante de um cenário repleto de atratividades turísticas. Assim, muitos praticantes de corrida de rua têm se deslocado com esta intenção.

O mesmo comportamento ocorre com as mulheres participantes da pesquisa. Seguindo este ritmo crescente de viagens motivadas pela corrida, as entrevistadas destacam que a possibilidade de conciliar as duas práticas potencializa o desejo de prosseguir na busca de desafios e realização pessoal, como pode ser percebido pelas seguintes falas:

A gente tem muita expectativa, tanto de atingir os objetivos que é correr em todos os estados e ter experiências turísticas ao conhecer o lugar. (C5)

Às vezes eu viajo para descansar e outras vezes para correr. A viagem da corrida me emociona mais. (C14)

Eu não consigo nem te falar da emoção, da sensação gostosa que é você sair e viajar para correr. (C10)

Eu tinha muita vontade de conhecer o Rio, falo que a corrida é só uma desculpa, surgiu a oportunidade e eu fui. (C7)

Viajar para correr pode proporcionar à mulher experiências diferentes daquelas vivenciadas no dia a dia. De acordo com Nery (2019) a viagem possibilita a descoberta da diversidade e da identidade. Para a mulher, ter a oportunidade de romper a fronteira do espaço doméstico e poder acessar novos territórios representa um avanço significativo que desafia as normas tradicionais. Isso pode levar a mudanças culturais importantes e incentivar a sociedade a reconhecer o valor da participação das mulheres em todos os espaços.

O planejamento que envolve a prática turística requer uma série de ações que depende do nível de habilidade que a corredora deve ter para definir de que maneira ocorrerá todos os trâmites obrigatórios que envolvem uma viagem.

Alguns fatores como pesquisar sobre o destino escolhido, obter informações sobre o local e horário de realização da prova, saber em que momento será realizada a retirada do *kit*, escolher o meio de hospedagem mais adequado são

alguns pontos a serem considerados ao avaliar a dificuldade de praticar o turismo e a corrida.

Estes foram apenas alguns dos elementos do planejamento de viagem da corrida que foram relatados pelas entrevistadas, que, no entanto, percebe-se não ser um inconveniente. Quando decidem viajar, a maioria das corredoras buscam o apoio dos organizadores do grupo de corrida, que já repassam todas as informações necessárias e precisas sobre a viagem. Esse processo ocorre com certa antecedência, permitindo que a corredora tenha um prazo hábil para o planejamento das finanças e para definir a disponibilidade de tempo.

Outras corredoras de rua afirmam preferir viajar por conta própria, por terem mais flexibilidade de tempo, o que permite aproveitar melhor o destino e também por terem a possibilidade de viajarem acompanhadas da família. Deste modo, é possível inferir que o planejamento para uma viagem de corrida deve considerar as diferenças de possibilidades e preferências pessoais de cada corredora.

Para a prova da Pampulha, eu já tinha me programado um ano antes, comprei a passagem em janeiro, já tinha feito a inscrição e reservado o *airbnb*. Eu sempre monto um roteiro um ou dois dias antes da prova para o curtir o local. (C8)

A casa do corredor tem sempre uma informação. Ai a gente já vai se programando e se organizando. (C3)

O grupo já organiza a sua vida. A gente chegou agora e já começou a pagar a do Rio. Fiz um parcelamento e já estou fechando outro. (C11)

O meu planejamento é sempre pagar uma corrida por mês. E tem algumas como a meia do Rio que eu gosto de fazer como desculpa para ir com as minhas filhas, porque elas também amam o Rio. (C1)

Eu tenho o desafio de viajar com outras pessoas, nunca viajei com grupo. Eu faço todo planejamento praticamente sozinha, escolho, faço e vou embora. (C16)

A preocupação com a organização da viagem é sempre relevante, porém a partir do momento que a corredora encontra um método de planejamento confiável, ela supera a barreira do desconhecido e passa a se sentir segura e confiante para seguir adiante e ainda mais disposta a considerar novas propostas.

Os maiores desafios encontrados para a realização da viagem de corrida e que muitas vezes impedem as corredoras de concretizar seus planos estão relacionados a disponibilidade de tempo e aos recursos financeiros. Muitas vezes, para conseguir viajar a corredora precisa gerenciar o seu tempo considerando as

demais tarefas e responsabilidades. Entre elas estão: os cuidados domésticos, o trabalho, os estudos, a atenção aos filhos e ao cônjuge e os demais compromissos familiares, religiosos e sociais. É evidente que cada mulher terá demandas próprias e a quantidade de ocupações pode variar de uma para outra. No caso das corredoras casadas e com filhos percebe-se a necessidade de realizar determinados acordos familiares para prosseguir com os planos da viagem, sendo que, caso não consigam a conciliação precisam desistir da participação na corrida. Essa informação assemelha-se ao resultado do estudo feito por Oliveira e Reis (2019) em relação a vivenciar momentos de lazer e ter uma rotina de atividade física. Segundo os autores, mais de 60% das mulheres participantes da pesquisa afirmam que ser mulher e ter filhos pode interferir significativamente nestas situações.

Neste sentido, muitas corredoras solteiras e divorciadas participantes da pesquisa, acreditam que a circunstância em que se encontram favorece a tomada de decisão em relação às práticas da corrida e do turismo. Para algumas corredoras que já estão aposentadas, a viagem de corrida tem preferência sobre as demais atividades. Elas acreditam que já cumpriram com as responsabilidades que deviam à família e que agora, o tempo que dispõem deve ser dedicado às atividades de sua preferência, no caso, a corrida de rua. Ainda assim, mesmo quando consegue optar pela viagem, antes de sair, a corredora garante o devido funcionamento da casa durante sua ausência.

Minha dificuldade de viajar para correr é que eu tenho que conciliar aqui com as minhas meninas. Às vezes eu vou, meu marido fica em casa. Mas se formos nós dois, aí eu tenho que conciliar com minha mãe ou minhas irmãs. (C11)

Eu tenho três filhos e tenho a ajuda da minha mãe porque sem ela seria impossível eu viajar para correr. (C20)

Eu sou aposentada, não tenho filhos e nem marido. Eu sou livre. Então eu não tenho problema com isso. (C6)

A falta de recursos financeiros também limita as viagens de corrida das entrevistadas. Por essa razão, o planejamento é fundamental. Para participarem de um número maior de eventos de corrida ao longo do ano, as corredoras optam por realizar viagens mais curtas e mais frequentes. Como, na maior parte das vezes, as provas de corrida acontecem aos domingos, as corredoras afirmam viajar na sexta-feira à noite. Dependendo da distância chegam no local no sábado pela manhã,

realizam atividades de lazer durante o dia, participam da prova de corrida no domingo pela manhã e retornam para casa logo após o almoço. Assim, elas conseguem realizar uma viagem econômica além de não ficar muito tempo ausente de suas casas. Percebe-se que a facilidade de deslocamento contribui para o aumento das viagens de final de semana das corredoras. Isso permite que elas equilibrem as atividades semanais e aproveitem o tempo de viagem de forma mais eficaz.

As questões relativas às dificuldades financeiras e de tempo enfrentadas pelas corredoras, também são abordadas pelos autores Bonalume e Isayama (2018), e Carvalho (2019), ao tratarem da temática que envolve gênero, turismo e lazer. Ainda que mais mulheres estejam alcançando independência financeira, social e emocional, muitas continuam enfrentando disparidades salariais e oportunidades limitadas para a realização de atividades de lazer.

De acordo com Larrosa (2002), a falta de tempo, o excesso de trabalho e a velocidade dos acontecimentos empobrecem o processo da experiência. Na tentativa de conciliar todas as limitações supracitadas com o desejo de viajar para alcançar e superar os desafios referentes à corrida, as entrevistadas afirmam que, muitas vezes, é preciso abdicar-se de conhecer algumas atrações do destino.

O curto período de tempo das viagens pode levar a visitas superficiais a atrações e locais, sem a oportunidade de realmente vivenciar e compreender a cultura, a história e as particularidades do destino. A pressa pode resultar em estresse, cansaço e em lembranças rasas do lugar. Contudo, quando questionadas se é satisfatório todo o esforço empreendido para participarem dos eventos de corrida, todas as entrevistadas afirmam que sim. As respostas mostram que as corredoras desfrutam de todo o percurso da viagem, especialmente aqueles que inclui os momentos de socialização com os demais corredores. Em relação ao destino, elas afirmam que o trajeto da corrida inclui os principais ícones turísticos da cidade e ao mesmo tempo que correm podem usufruir das paisagens, do clima e do ambiente festivo.

Eu geralmente não fazia turismo, eu ia só para correr, porque maratona é complicado. A gente fica muito nervosa. Mas eu comecei a ficar pelo menos mais um dia depois da corrida. Estou curtindo mais a minha viagem. (C4)

Toda vez que eu viajo eu procuro o calendário de corrida. Assim eu encaixo a corrida na minha viagem. (C1)

Dá para aproveitar as duas coisas, turismo e corrida. Correr e ver lugares bonitos, conhecer lugares bacanas. Já que eu estou gastando, planejando, para ir correr, por que não visitar e conhecer outros lugares? (Corredor 12)

Eu conheço o Brasil quase todo por causa da corrida. Só faltam 3 ou 4 estados para eu fechar o Brasil. (C25)

A viagem de corrida de rua é cercada por muitas possibilidades de experiências que podem variar de acordo com o contexto de vida de cada corredora. Alguns fatores podem influenciar diretamente no comportamento de viagem como a condição econômica, que pode determinar a escolha do destino, a duração e o estilo da viagem. Além disso, os aspectos relacionados com a idade, a ocupação e o estado civil também podem interferir nesta escolha. Mesmo diante de situações específicas, percebe-se pelos relatos que o interesse de praticar o turismo é cada vez maior por parte das corredoras. Cada entrevistada demonstra ter uma expectativa particular em relação a viagem de corrida como: conhecer e correr todos os estados do Brasil, correr as principais maratonas do mundo, permanecer por mais tempo no destino para desfrutar melhor a viagem, integrar a corrida nos roteiros de outras viagens ou apenas se distanciar por poucos dias para vivenciar experiências diferentes daquelas vividas no dia a dia.

A junção entre corrida de rua, destino turístico, amizades e desafios superados proporcionam à corredora a sensação de alegria, unidade e conexão com pessoas e lugares podendo fazer com que esses momentos se destaquem como algumas das melhores lembranças da vida. Por essa razão, mesmo diante de barreiras financeiras, sociais e familiares verifica-se que o número de viagens realizadas pelas corredoras é expressivo e a maioria afirma possuir uma lista contendo muitos outros destinos turísticos incluídos nos planos de viagem.

Com base nos relatos das entrevistadas, percebe-se que a existência de obstáculos pode por algum momento causar ansiedade e desânimo. Entretanto, a partir do momento que essas mulheres conseguem superá-los e finalmente a viagem de corrida é definida, as emoções percebidas em viagens passadas retornam na memória motivando a participação na prova seguinte. Cada meta

alcançada inspira a conquista de outra, seja no desempenho da corrida ou na prática turística.

A figura 6 sintetiza as principais experiências que as corredoras vivenciaram durante a viagem para participarem de um evento de corrida de rua. As palavras mais recorrentes nos relatos foram “viajar”, “planejamento” e “prova”.

Figura 6: Nuvem de palavras - Significados da experiência de lazer e turismo para a corredora de rua



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Esses termos representam os principais interesses da corredora. O desejo de viajar está diretamente relacionado com objetivo de participar de uma prova de corrida e ao mesmo tempo aproveitar das experiências turísticas proporcionadas pelo momento. Para tanto, o planejamento é vital para que a viagem aconteça, tendo em vista que, as viagens de corrida são frequentes e exigem recursos financeiros, tempo de dedicação aos treinos e tempo de ausência das obrigações familiares.

As interações sociais existentes durante a viagem, no treino e nos eventos de corrida influenciam diretamente no comportamento da praticante de corrida de rua. Por essa razão, o tópico seguinte discute sobre os efeitos da sociabilidade na vida da corredora.

5.2.3 Sociabilidade

O bem-estar social é mencionado como sendo uma conquista valiosa para boa parte das corredoras. A interação, o compartilhamento de experiências e o apoio emocional recebido pelo grupo é essencial para os momentos de lazer que serão vividos durante a viagem e um treino de rotina.

Quando os corredores programam uma viagem, ou apenas encontram-se antes ou após a alguma prova, ocorre um momento de socialização entre eles, em que experiências já vividas e especialmente aquelas em que se planejam realizar são compartilhadas.

A relação do turismo e do lazer com os aspectos sociais ajudam a compreender melhor o comportamento humano. A habilidade de interação com outros indivíduos pode trazer benefícios para nossa qualidade de vida. De acordo com Souza (2010, p.12) “turismo e lazer podem representar um tempo/espço de expressão humana, de fruição, espontaneidade, prazer e de recriação de nossas identidades através do contato com novas situações e culturas”. Quando viajam para participar de alguma prova de corrida de rua ou até mesmo quando praticam a corrida no dia a dia, as entrevistadas ressaltam a existência de sensações positivas como alegria, pertencimento, afeto, diversão, entusiasmo, satisfação e valorização. Seguem algumas falas que demonstram as sensações percebidas:

Você vê que tem mais gente como você ao redor do mundo. Eu falo, a corrida é o único esporte individual mais coletivo que existe. Porque onde você vai tem uma pessoa correndo. (C3)

Depois da corrida o meu social aumentou muito. Eu fiz muitos amigos, grupos, o pessoal curtindo quando a gente viaja para correr. Por isso eu incentivo muito as pessoas que eu convivo. (C11)

Na corrida das Três Fronteiras foi um ônibus cheio. É uma festa. Eles fazem brincadeiras, dão presentes. Eu conheço gente demais. Depois que termina a corrida a gente dança, e junta muita gente que vem de fora. Na corrida, todos somos iguais. (C26)

A corrida é um esporte individual, mas ao mesmo tempo é muito coletivo. Você corre no meio de uma multidão. A corrida é onde eu faço amigos. A maior parte dos meus amigos hoje é da corrida. (C13)

A corrida de rua é vista pelas corredoras como sendo capaz de coloca-las em conexão com uma diversidade de pessoas. Quando interagem com outros corredores, as entrevistadas têm a oportunidade de compartilhar suas experiências de corrida. Ao sentirem-se pertencentes à determinado grupo de corredores ou exclusivamente de corredoras, não apenas as alegrias são reconhecidas, mas as

frustrações, as dúvidas e as demais ansiedades também são evidenciadas. Com esta troca, os aprendizados tornam-se enriquecedores, pois o contato com modos de vida diferentes ativa a curiosidade, desperta a simpatia e promove o desenvolvimento das corredoras a partir da proximidade com o outro (Stebbins, 2014).

Percebe-se que o sentimento de pertencimento é o mais presente nas falas das entrevistadas quanto destacam o fator social. Elas relatam que as amizades e o divertimento que vivenciam quando estão em companhia do grupo são motivadores não apenas para permanecerem na corrida, mas para buscarem mais oportunidades de crescimento e realizações pessoais.

O prazer percebido durante este envolvimento reflete a importância de pertencer a um determinado grupo, considerando que o pertencimento seja uma das necessidades básicas do ser humano. Algumas entrevistadas relataram ter experimentado situações como isolamento, visão limitada do mundo e complexo de inferioridade no momento que antecedeu o envolvimento com a corrida de rua. Quando entraram em contato com o grupo da corrida e começaram a partilhar os mesmos interesses e experiências foi que perceberam o valor de suas habilidades. Nas falas seguintes, percebe-se a influência da sociabilidade na vida das corredoras:

A corrida como uma forma de lazer foi muito importante para mim, porque eu pude me relacionar com outras pessoas. Isso faz toda a diferença na corrida. Eu faço questão de estar envolvida em uma equipe, em um grupo e poder motivar o outro. A gente aprende também, porque corrida não é só correr, são trocas. (C5)

A gente tem uma comunidade com os amigos da corrida. Tem os encontros, as festas os aniversários do mês, a gente sempre se encontra para beber e comemorar. É outro mundo, um estilo de vida. (C17)

Nessa viagem eu tive a experiência de viajar com amigas que também nunca tinham feito uma viagem assim, entre amigas. Nós nos divertimos, corremos e aproveitamos o tempo livre para aproveitar a praia. (C12)

As amizades que eu fiz pelo caminho eu quero levar para a vida mesmo, não é só amizade de um dia de corrida, ela permanece. Quando nos reunimos, nós trocamos experiências e eu não sou mais sozinha. (C19)

De acordo com perfil das entrevistadas, verifica-se que quase metade têm idade acima de 50 anos (12). Entre os relatos desse grupo percebe-se que a corrida de rua assume uma função social importante no sentido de suprir determinadas

ausências. Com o tempo, algumas configurações familiares são alteradas com a maioria e saída dos filhos da casa dos pais ou decorrente de uma separação conjugal. O rompimento com algumas obrigações domésticas, familiares e sociais impulsionam as mulheres a buscarem outras experiências e modos de vida. Com a maturidade, a mulher se sente confiante para fazer escolhas mais direcionadas a seus interesses. Deste modo, a corrida de rua surge ocupando os espaços ausentes e proporcionando a companhia necessária. Ela ajuda a combater a solidão e o isolamento, que estão associados a problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade, especialmente entre o grupo de mulheres que fazem parte da terceira idade.

As corredoras afirmam que a corrida de rua associada ao turismo proporcionou liberdade, lazer, saúde e crescimento pessoal. A cada meta superada a entrevistada afirma sentir-se capaz de progredir na corrida e em outros projetos de vida. É neste sentido que as práticas de lazer e turismo demonstram contribuir com o desenvolvimento pessoal e social da corredora, como pode ser observado nas falas seguintes:

Eu tenho 74 anos, eu não tenho filhos e nem sou casada. Mas eu tenho muitos amigos na corrida. Todos me tratam muito bem. Todos me conhecem. Quando eu estou correndo sempre passa alguém por mim e chama meu nome. (C6)

Na corrida eu ganhei muitos sobrinhos, muitos filhos. Depois da corrida a gente se encontra e volta e meia a gente vai tomar café, vai almoçar, vai para o barzinho ou para o açai. (C18)

Eu nunca tinha tempo para nada. Era só cuidar da casa. Eu nunca tinha saído da cidade. Hoje eu faço parte de uma equipe de corrida e ela é linda. Agora meus dois filhos estão casados e formados, então eu pego o meu dinheiro e vou viajar. Já corri Paris, Santiago no Chile, Argentina, Jerusalém, Lisboa e Atacama. (25)

Eu sempre fui extrovertida. Eu não gosto de negatividade. Por isso eu me encontrei na corrida. O social então nem se fala. Eu conheço gente demais e é bom estar com quem a gente se identifica. Eu interajo com todo mundo, por isso eu tenho muitas amigas da corrida. (C26)

Estudos como o de Ferreira (2017), Motta e Nogueira (2014) que tratam da corrida de rua como experiência de lazer, citam a atividade física como uma prática que contraria o processo de envelhecimento. O estilo de vida da mulher corredora que já se encontra na terceira idade melhora os padrões de saúde e qualidade de vida. O fato de terem maior controle sobre suas finanças, sobre a locomoção, o tipo

de lazer e sobre seus corpos ativam os sentimentos de prazer, orgulho e satisfação. Com a melhora da saúde física, mental e social, as corredoras acreditam que terão uma vida mais longa e esperam rejuvenescer a cada corrida, viagem e encontro com os amigos. A afirmação abaixo resume esse pensamento:

A corrida fez tudo isso na minha vida, me deu saúde, liberdade e conhecimento. (C25)

O relacionamento consigo mesmas quando estão correndo e com outras pessoas do mesmo grupo criam espaços de comunicação, compartilhamento e trocas de mensagens repletas de conteúdos significativos. Por isso, as palavras mais recorrentes quando se trata das experiências sociais na corrida de rua e na prática turística são: “pessoas”, “amizade”, “amigas” e “experiência”. Tratam-se de palavras muito próximas em seus sentidos, o que confirma a inserção da sociabilidade nas práticas de lazer e turismo escolhidas pelas corredoras de rua participantes desta pesquisa.

Figura 7: Nuvem de palavras - Significados das sociabilidades para a corredora de rua



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A relação de reciprocidade que é desenvolvida entre as corredoras contribui para melhorar a autoestima, a autoconfiança, o senso de pertencimento, de segurança e tranquilidade. Os benefícios físicos, mentais e sociais percebidos pelas entrevistadas apontam para o desenvolvimento contínuo de suas potencialidades.

No tópico seguinte, encontram-se as reflexões sobre a forma como ocorre o crescimento pessoal da corredora, bem como as vantagens e as dificuldades encontradas durante todo o processo.

5.2.4 Desenvolvimento pessoal

Ao dedicar-se em seu próprio crescimento e aprendizado, a mulher é desafiada a enfrentar situações complexas. O preparo para os possíveis enfrentamentos exige autoconfiança, autoestima, liderança e novas competências que podem ser desenvolvidas. Isso pode contribuir para que a mulher se torne mais realizada em suas escolhas, mais assertiva em suas relações interpessoais e mais capaz de lidar com desafios.

Sobre a temática que envolve desenvolvimento pessoal da corredora, os relatos a seguir destacam o empenho dessas mulheres para superarem-se na corrida e também em seus objetivos pessoais:

A corrida me proporcionou conhecer meu corpo, o autoconhecimento e a superação. Passei a ter o espírito do corredor de rua que é assim, para cima, alegre, saudável, de poder compartilhar nossas experiências com outras pessoas. (C2)

Eu tenho o objetivo de completar as *Majors*, que são as seis maiores corridas do mundo. Eu tenho cinco, só falta Boston que eu devo correr ano que vem. (C4)

Hoje eu tenho esse propósito de correr as principais corridas em todos estados do Brasil. Espero poder concluir isso enquanto eu estiver viva. Não tem prazo não. Quero ter experiências tanto turísticas como no esporte também. (C5)

A primeira corrida que eu fiz sozinha foi uma das melhores experiências da minha vida. Eu entendi que se eu quero algo, eu consigo. A corrida me libertou de muitas coisas. (C25)

Meu propósito de vida é inspirar e motivar mulheres a praticarem esportes por prazer e inspirar e motivar atletas pretos e LGBTQIAPN+. (C23)

O processo de desenvolvimento pessoal que a entrevistada vivencia por meio da prática da corrida de rua ajuda a superar barreiras em diferentes situações que envolvem sua vida pessoal, social e profissional. Segundo Heuer (2019), todo o esforço dedicado ao aprendizado da atividade escolhida é de extrema importância para o desenvolvimento e o aprimoramento das habilidades. Como resultado, a corredora passa a dispor de melhor equilíbrio emocional, que é um fator fundamental

para que ela consiga alcançar todo o seu potencial e se tornar uma pessoa mais feliz, realizada e bem-sucedida em suas propostas.

Os progressos percebidos pela corredora após a adesão à corrida de rua envolvem: o autoconhecimento, o crescimento profissional, a melhora do aproveitamento financeiro e da capacidade de comunicação. Percebe-se também, que o turismo e o lazer participam ativamente desse processo. O aprendizado de novas habilidades e o encontro com novos lugares e culturas ajudam a expandir a mente e motivar na busca por novas descobertas (Cohen, 2013; Heuer, 2019; Nery, 2019). A compreensão mais ampliada de mundo ajuda a corredora a se posicionar melhor sobre questões culturais, de gênero, de raça e de classe social.

No entanto, poder vivenciar o lazer e o turismo em suas diferentes formas representa para muitas corredoras uma realidade ainda distante. Alguns estudos mostram que o número de mulheres corredoras de rua que viaja para participar de provas de corrida é consideravelmente menor do que o número de homens (Teodoro, 2020). Esse dado pode indicar que superar os obstáculos em busca de novas experiências vai exigir estratégias, organização e muito esforço por parte das corredoras.

Por essa razão, percebe-se que o desejo de superação de metas é um traço marcante nas falas das entrevistadas. Essa característica pode justificar o fato de que a maioria das corredoras desta pesquisa tenham conseguido alcançar a posição que ocupam atualmente. A busca pela superação está enraizada na natureza humana, sendo ainda mais evidente entre aqueles que se dedicam a atividades físicas. Porém, como citado acima, nem todas as mulheres conseguem modificar sua condição. As entrevistadas afirmaram que muitas de suas companheiras nos treinos diários não dispõem das condições necessárias para essas realizações.

Mesmo as corredoras que conseguem superar as dificuldades afirmam que muitas vezes sentem o peso do desânimo, mas a paixão pela corrida e a consciência de todos os benefícios que surgem no caminho, são fatores determinantes para motivá-las a seguirem em seus propósitos.

Neste contexto, percebe-se que alguns itens se tornam símbolos deste processo de luta, recompensas e aprendizado. As medalhas, as camisas e em alguns casos até mesmo os troféus recebidos durante o evento da corrida, retornam com a corredora e passam a ocupar lugar de destaque entre os objetos da casa. De acordo com Nery (2019) esses elementos representam as conquistas pessoais, o

esforço, a dedicação e a participação na comunidade de corredores espalhados pelo mundo. As medalhas são frequentemente exibidas como um lembrete tangível das metas alcançadas e do trabalho árduo dedicado ao treinamento e à competição. As camisas são usadas com orgulho não apenas durante a corrida, mas também como símbolo de pertencimento a uma comunidade ativa e saudável.

A importância simbólica dessa prova realmente é uma conquista pessoal, aquela medalha que você recebe é uma prova de que você conseguiu vencer aquele desafio. (C5)

A corrida é uma competição com você mesma. Eu acho muito simbólico quando todos recebem a medalha, não tem aquele primeiro lugar. (C21)

Eu tenho 61 anos e ganhei a medalha de participação da minha categoria. Para mim foi o máximo. É uma energia incrível. (C16)

As imagens dos lugares e das pessoas que conheceu, os sabores de culinárias locais e o clima são situações vividas durante uma viagem de corrida de rua que também são transformados em lembranças que vão compor as experiências subjetivas da corredora. Outro episódio muito citado, é sobre o comportamento do corredor ou da corredora que percorre todo o trajeto ao lado da entrevistada. Como o momento da corrida depende do desempenho individual, nem sempre ela corre próxima de seus conhecidos. Porém, como uma prova de corrida de rua reúne milhares de participantes, é comum que ela fique todo o tempo na companhia de desconhecidos que têm o mesmo rendimento que ela. Neste momento, a forma como cada participante revela suas emoções, aproxima o grupo ao redor, que encontra no outro a manifestação de suas próprias expressões. Essa familiaridade de sensações é que constitui o ambiente festivo das corridas tão apreciado pelas corredoras e que geram histórias que serão lembradas e contadas posteriormente.

O encontro com a diversidade fornece elementos que podem levar a corredora a repensar, reavaliar e ressignificar todo o seu contexto de vida. Carvalho (2019), afirma que as experiências turísticas da mulher podem gerar transformações significativas no seu comportamento individual. Trata-se de aprendizados que contribuirão com o desenvolvimento da identidade da corredora. Por isso, há muitos relatos de mudança no estilo de vida, nas emoções e na forma de pensar e agir. As falas seguintes refletem essas mudanças:

Eu sou a própria corrida. É muito difícil você definir antes e depois. Eu sei que é uma transformação, é uma disciplina, é a minha vida. (C4)

Eu passei a minha vida inteira em um só lugar. Depois da corrida eu já visitei vários países. A corrida me fez ver o mundo de outra maneira. Antes eu era bem fechada, eu era medrosa, tímida, mas eu me soltei. É por isso que eu falo, a corrida me libertou. (C25)

Antes da corrida eu era medrosa. Agora eu tenho mais coragem, mais força, mais disposição. A corrida significa alegria para mim. A corrida trouxe cor na minha vida. (C20)

Após o contato inicial com uma nova cultura, as mudanças de valores e perspectivas vão ocorrendo de forma gradativa. Compreender como elas evoluem é importante para garantir que o processo de transformação gere mais vivências repletas de significados na vida da corredora. Dessa forma, ao buscar por novos aprendizados, ela também contribuirá com a construção da identidade do outro ao compartilhar suas experiências. Dessa forma, as viagens conseguem cumprir papel relevante ao prover interações sociais e trocas culturais entre os sujeitos envolvidos (Barbosa; Liechty; Pedercini, 2013; Carvalho, 2019; Monlevade, 2010).

É importante ressaltar que nem todas as pessoas passarão por este processo, sendo que algumas podem experimentar transformações mais profundas do que outras. O processo de transformação é altamente individual e depende de diversos fatores, incluindo a abertura da pessoa à experiência e a profundidade do envolvimento com a nova cultura. Segundo Gomes (2014), as práticas culturais são construídas na interação do sujeito com a experiência vivida. Algumas corredoras escolhem a viagem de corrida para disfrutar de momentos de lazer em companhia da própria família. Outras preferem estar em estado de concentração máxima e conexão consigo mesmas. Elas relatam que o único objetivo é ter um bom desempenho na corrida e conseguir alcançar as metas traçadas. Nestes casos, as descobertas de novos aprendizados podem ocorrer, mas o contato limitado com culturas diferentes daquelas vividas no cotidiano tendem a enfraquecer a experiência.

No entanto, a maioria das corredoras afirmam buscar novas vivências a cada viagem e sentem-se realizadas quando encontram sensações de prazer e felicidade, como pode ser observado nos relatos abaixo:

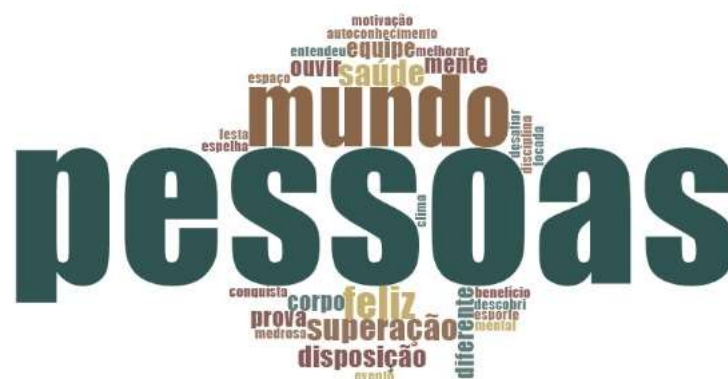
É um evento. É uma festa. Várias nações reunidas porque tinha pessoas de outros países. São várias culturas no mesmo evento. Nossa, que momento feliz. (C20)

Você chega numa corrida com 10 mil pessoas e as pessoas cumprimentam, conversam com você, você nem sabe quem é. Tem um clima que eu gosto, que me deixa feliz. (C22)

Eu fico feliz quando viajo. A corrida me traz felicidade, no dia que eu corro, no dia que eu faço a atividade, eu fico feliz. (C9)

Quanto maior for o nível de comprometimento e de seriedade dedicado à corrida de rua e quanto maior o interesse nas atividades relacionadas a ela, maior será a satisfação pelas recompensas. No entanto, percebe-se que durante a viagem, o convívio social desempenha um papel crucial no desenvolvimento das corredoras. Os termos mais recorrentes nas falas das entrevistadas são “pessoas”, “mundo” e “feliz”. Entretanto, a palavra pessoa tem um destaque expressivo, seguida da palavra mundo mostrando a estreita conexão entre elas. A palavra feliz é a que se destaca sobre as restantes, confirmando que a sensação de felicidade é o principal resultado do processo de aprendizado, transformação e desenvolvimento da identidade da corredora de rua.

Figura 8: Nuvem de palavras - Significados do desenvolvimento pessoal da corredora de rua



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

As análises a seguir, tratam de aspectos históricos pertencentes ao universo feminino e que ainda são presentes no cotidiano de muitas mulheres corredoras. A transição feminina do espaço doméstico para o espaço público exigiu muita luta e resiliência por parte da mulher. Considerando que, a corrida de rua é uma atividade

que acontece nos espaços públicos observa-se que muitos conflitos de gênero ainda são percebidos pela corredora, mas os avanços também são mencionados como resultado positivo dessa realidade.

5.2.5 Questões de gênero na corrida de rua

As questões de gênero referem-se a uma variedade de tópicos e problemas relacionados às percepções, expectativas, papéis sociais, identidade e discriminação com base no gênero. O contexto que envolve as mulheres corredoras de rua trata das questões sobre independência, discriminação, conflitos e liberdade feminina. A garantia das mulheres de exercerem sua autonomia, de tomar decisões e ter controle sobre suas vidas, suas escolhas e sobre os seus corpos resulta de muitas lutas por igualdade de gênero e pelos direitos das mulheres em várias áreas da sociedade, incluindo política, economia, educação, saúde e sexualidade. A liberdade feminina busca superar as barreiras históricas, culturais e estruturais que limitaram as oportunidades e os direitos das mulheres.

As percepções das entrevistadas sobre as questões de gênero no contexto da corrida de rua são específicas e muito particulares. Elas variam de acordo com a diversidade de experiências de cada entrevistada. Neste tópico, serão relatadas as falas que expressam o olhar da corredora sobre questões como desigualdade, liberdade, discriminação, apoio e limitações. Cada relato revela a maneira como as relações de gênero influenciaram e ainda influenciam na vida da mulher que escolheu integrar as práticas de corrida de rua e turismo ao seu estilo de vida.

O desconforto por perceber que existem algumas desigualdades entre homens e mulheres está presente em alguns relatos das entrevistadas. Carmo, Silva e Ramos (2021), afirmam que as mulheres ainda enfrentam resistências políticas, patriarcais e culturais. A desigualdade de gênero não apenas prejudica as mulheres, mas também afeta negativamente a sociedade como um todo. A diferenciação dos papéis atribuídos a homens e mulheres favorece a hierarquia de gênero, em que um é valorizado mais do que o outro, limitando o potencial de contribuição das mulheres.

À medida que as discussões sobre igualdade de gênero e expressão se tornam mais abertas, muitas pessoas reconhecem a importância de desafiar as

normas que perpetuam a desigualdade. Na corrida de rua, algumas situações de parcialidade foram percebidas como mostram os relatos:

É mais fácil para o homem sair de casa do que para nós mulheres. A mulher tem que ter filhos, a mulher tem um trabalho, tem tudo. O homem não pensa duas vezes se quer comprar um tênis. A mulher já tem que pensar porque tem um menino, tem que comprar algo para casa. (C9)

Eu já percebi que muitos homens correm quase seminus, alguns correm somente com sunga, porque suam muito, mas nós mulheres se correremos com pouca roupa é muito assédio e isso deixa a gente, brava. Por que o que o homem pode correr daquele jeito, enquanto se a gente quer tirar a blusa e ficar só com top é gente mexendo o tempo inteiro. É muita falta de respeito (C19)

Tem muitas mulheres do grupo que não podem viajar porque o marido não quer que ela vá. E mesmo no dia a dia, muitos pais não ficam com os filhos porque não negociam o futebol com as mulheres. (C17)

Enquanto algumas corredoras precisam desafiar a desigualdade, outras afirmam encontrar o apoio do gênero oposto para permanecerem na prática. Segundo Oliveira (1999) a igualdade entre os gêneros depende da aceitação das diferenças sem nenhum tipo de hierarquia. Reconhecer o potencial das mulheres, a contribuição e o impacto positivo que elas causam quando se dedicam em alguma atividade é fundamental para a construção de uma sociedade mais evoluída, igualitária e inclusiva.

Ao serem incentivadas a melhorar o desempenho nas corridas, as corredoras encontram o apoio necessário para desenvolverem confiança em suas habilidades e a se expressarem diante de situações conflituosas.

Em questão de gênero eu nunca senti dificuldade para correr, nunca senti preconceito. As corridas hoje valorizam muito o sexo, tem os corredores homens, que eles ganham na categoria deles, e as mulheres. Então não tem, não senti nenhuma diferença, nenhum preconceito. (C5)

Meus filhos e meu marido me dão total apoio. Ele fica em casa e eu vou. Ele confia em mim e sabe que a corrida é muito boa para mim. (C10)

Meu esposo não vai nas viagens comigo, mas ele me apoia muito. Hoje eu brinco com ele, se você quiser tirar a corrida de mim, é você quem vai. (C19)

Mesmo as corredoras que afirmaram ser motivadas a praticar as atividades de sua preferência relataram que não recebem outro tipo de ajuda, como financeira por exemplo. Logo percebe-se que na maioria dos casos, as corredoras enfrentam

limitações diversas para conquistarem os seus objetivos. Algumas delas como a falta de recursos financeiros e a indisponibilidade de tempo já foram discutidas no trabalho. Entretanto, outras limitações são tão desafiadoras quanto essas, como o medo do assédio e da violência. A sensação de insegurança pode restringir a liberdade das mulheres de explorar determinados espaços ou buscar certas oportunidades, como relatado nas falas seguintes:

Eu não iria sozinha, sem o meu grupo. Para ir para o Rio eu estou procurando umas amigas do grupo, para irmos juntas, porque eu não me sinto segura de ir sozinha. (C27)

A gente tem dificuldade para treinar porque tem que correr cedo. E realmente é muito perigoso. Aí eu sinto a diferença. Porque homem corre em qualquer lugar, ele não tem medo. A gente já tem. Eu já fui assaltada enquanto corria. (C5)

Eu tenho carro, mas eu tenho medo de pegar uma BR e viajar sozinha. E se o carro estraga na estrada e eu tenho que parar? (C12)

Quando eu viajei sozinha eu me senti muito indefesa. Quando o Uber errou o caminho eu fiquei muito tensa, mais por eu ser mulher. Tive medo do abuso, do assédio. (C22)

Muitas vezes, a sensação de impotência que acomete as mulheres tem raízes profundas na história e nas normas de gênero. A definição de qualidades como “iniciativa, coragem, competência, controle emocional, responsabilidade, zelo, fragilidade, paciência, doçura, dependência, entre tantos outros atributos, tornam-se características altamente diferenciadoras do sexo” (Amorim, 2011, p.9). Neste caso, traços que deveriam ser integrantes do ser humano de maneira geral são direcionados com o intuito de fragilizar a personalidade feminina. Por muito tempo, as mulheres foram submetidas a pressões culturais e sociais para se conformarem a padrões tradicionais de feminilidade, o que resultou em autoestima reduzida e sentimentos de inferioridade.

Combater a discriminação contra as mulheres é uma das maneiras de contribuir para o enfraquecimento desta ação. Isso requer esforços individuais e coletivos, bem como mudanças em níveis sociais, culturais, políticos e institucionais. Cada esforço, por menor que seja, contribui para a criação de ambientes mais seguros para todos. As entrevistadas relataram diversos momentos em que vivenciaram ou testemunharam casos de discriminação pelo simples fato de serem corredoras de rua. Alguns deles podem ser observados a seguir:

Piadinha sempre tem. A gente sempre ouve coisas como “você vai atrasar o almoço” ou “volta para casa”. (C4)

Enquanto mulher às vezes a gente sofre preconceito. Eu já tive que ouvir que a gente viaja e corre para tentar encontrar alguém, mas mesmo antes de casar eu não estava na corrida para conhecer ninguém não. (C13)

Eu já tive que ouvir um homem falando assim, vocês mulheres, eu duvido que vocês não estejam correndo é atrás de macho. Eu disse que agora eu corro é atrás de homem e mulher, porque uma corrida com mais de vinte mil pessoas eu estou é atrás dos dois agora. É um absurdo ter que ouvir isso. (C28)

Dependendo do lugar que a gente corre, sempre escuta cantadas grosseiras. Eles falam mal da roupa e das nossas coxas. Essas cantadas grosseiras é muito comum para uma corredora, mesmo quando a gente corre de dupla. (C2)

Nos treinos, é horrível. Os homens buzina, mexem o tempo inteiro. Uma vez um cara de bicicleta passou e deu um tapa no meu bumbum, que ódio. É horrível! (C7)

Quando eu passo eles gritam, eles chamam. Eu só escuto assim, vai tia, vai encostando. (C18)

Percebe-se que uma parcela significativa da sociedade ainda encontra dificuldades para aceitar a ascensão da mulher aos espaços públicos. Para tentar intimidá-las usam de atitudes machistas com o intuito de desvalorizar e oprimir as mulheres.

Os relatos das corredoras retratam ideias arraigadas da cultura do patriarcado, cujo sistema social defende que o poder e a autoridade são controlados pelos homens. Beauvoir (2001) afirma que em muitos casos, o homem tenta dar um tom lisonjeiro às suas falas, mas que na verdade estão desmerecendo a inteligência feminina. Essa cultura pode resistir às mudanças que desafiam sua estrutura de poder e por isso, eles atacam as mulheres com comentários e piadas sexistas; tentam ignorar ou minimizar as realizações femininas, seja em um ambiente de trabalho, em casa ou em qualquer outro contexto como o do esporte; tratam as mulheres como objetos sexuais, reduzindo-as a sua aparência física e ignorando suas habilidades e qualidades.

Por outro lado, as mulheres têm resistido ativamente à discriminação e à desigualdade de gênero. As denúncias de assédio e violência estão aumentando com a conscientização sobre essas questões, especialmente porque mulheres estão compartilhando suas histórias e encorajando outras a agirem da mesma forma. É neste sentido que as corridas de rua têm recebido cada vez mais o público feminino.

O poder que uma mulher tem de impulsionar outras mulheres é capaz de promover um impacto significativo na promoção da igualdade.

Apesar de sofrerem discriminação enquanto correm, as corredoras afirmam que este comportamento não existe ou é muito raro entre homens e mulheres que estão inseridos no contexto da corrida. Elas afirmam que são respeitadas, elogiadas, incentivadas e admiradas pela maioria dos corredores.

Por meio do apoio mútuo e da criação das redes de apoio, as lutas femininas são fortalecidas e as mulheres avançam em suas expectativas. Algumas corredoras de rua afirmam que depois que conquistaram a liberdade e a independência não aceitam retornar ao estágio de submissão que viviam no passado.

As pessoas falam que eu sou bonita e perguntam porque eu não caso de novo. Eu falo que é para eu não perder minha liberdade. O homem pode sair e fazer o que quiser, e a mulher não. Isso é preconceito e eu não quero mais. (C14)

A minha vida antes da corrida era trabalhar e tomar conta de casa. Eu achava que a mulher tinha que ser dona de casa e viver para casa. A corrida veio e me livrou desse pensamento de mulher. (C24)

Hoje eu não aceito mais ficar com uma pessoa que não quer correr comigo ou que não apoie as minhas viagens. (C17)

Eu gosto de ser sozinha e independente. Eu trabalho, pago as minhas contas, pago as minhas corridas e as minhas viagens. Por isso quem está sozinha não quer arrumar ninguém para atrapalhar. (C27)

Ainda que muitos homens e outras instituições sociais se esforcem por desdenhar dos progressos femininos, percebe-se que o rompimento da fronteira entre o privado e o público é uma conquista irreversível. As tentativas de promover relações mais equitativas e igualitárias entre os gêneros provocam perturbações na sociedade. Como ocorre em todo processo de transformação e luta, sempre haverá muitas perdas, por isso, às mulheres, cabe lembrar que o fracasso faz parte do processo de aprendizado e pode ser uma fonte valiosa de crescimento pessoal.

Muitos termos foram recorrentes nas falas das corredoras sobre o tema que envolve as questões de gênero. Os mais frequentes foram: “sozinha”, “viajar”, “homem”, “filhos”, “marido”, “trabalhar” e “casada”. Tratam-se de palavras que envolve percepções individualizadas e possuem grande importância para o universo subjetivo da mulher. As palavras viajar e sozinha parecem se contrapor às demais. Estão relacionadas a conceitos de independência, liberdade e satisfação pessoal,

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A corrida de rua é formada por uma comunidade global em crescimento, com pessoas que se conectam principalmente por meio dos eventos de corridas realizados em diferentes partes do mundo. Nesse contexto estão inseridas diferentes classes sociais, idade, raça e gênero, sendo a corrida de rua apontada por muitos autores como um fenômeno sociocultural contemporâneo (Chacon-Mikahil; Salgado, 2006; Dallari, 2009; Oliveira, 2010; Salgado, 2016).

O deslocamento de mulheres que viajam com esta finalidade foi a temática proposta para esta pesquisa que buscou responder os seguintes questionamentos: as mulheres que correm rotineiramente nos espaços públicos de suas cidades sentem o desejo de viajar com este objetivo? Elas buscam informações sobre estes eventos? Existem fatores desafiadores para a realização da viagem? Quais são as implicações decorrentes dos desafios observados? Como se sentem antes, durante e após a viagem? Qual o grau de importância que este tipo de viagem assume na vida da mulher? O que muda em seu cotidiano? Quais experiências são percebidas e guardadas? Os objetivos propostos buscavam compreender ainda o perfil, as expectativas, os desafios, os conflitos, as experiências e os significados da viagem de corrida de rua para a mulher corredora.

Com os resultados, identificou-se que o perfil da entrevistada tem faixa etária acima de 30 anos. A graduação é a escolaridade predominante entre as participantes. A faixa de renda da maioria das entrevistadas varia entre 2 e 6 salários mínimos. O estado civil divide-se de forma semelhante entre casadas e solteiras. O número de mulheres que declaram não ter nenhum filho prevalece sobre as demais.

Os dados sobre o perfil das corredoras indicam que elas se encontram na fase produtiva da vida e desfrutam de certa estabilidade financeira e social. Sobre a situação familiar, percebe-se que as mulheres casadas encontram mais dificuldades do que as mulheres solteiras para realizarem as viagens de corrida. Isso ocorre devido a necessidade de fazer arranjos familiares para a manutenção da casa e dos filhos. O grau de instrução e a renda das entrevistadas revelam que as corredoras são bem informadas e conscientes sobre suas demandas e possuem um bom planejamento financeiro que visa custear os seus gastos pessoais, especialmente as viagens de corrida.

As entrevistadas atribuem à corrida de rua um alto valor e um papel de destaque em sua vida. Isso ocorre porque a corredora transfere os benefícios simbólicos e práticos alcançados com a corrida para as demais atividades da sua rotina. Os benefícios percebidos na saúde física e mental foram: a redução do estresse e da ansiedade, maior disposição física, a cura e o controle de doenças, a eliminação de dores musculares, maior organização das tarefas diárias e a disciplina. Esses ganhos impulsionam a corredora para a busca de outras conquistas.

Devido a satisfação com o bem-estar físico e mental, a corredora visa alcançar realizações pouco ou até mesmo nunca vivenciadas como o turismo e o lazer. Estudos como o de Bonalume e Isayama (2018) já mostraram que essas práticas são pouco realizadas pelos brasileiros em especial pela mulher, mas constituem objeto de desejo de grande parte da população.

Imbuídas do sentimento de capacidade devido as metas superadas na corrida, as entrevistadas passam a incluir as viagens de corrida em seus planos. Elas buscam encontrar na viagem de corrida diversas experiências e aprendizados que poderão repercutir em suas vidas cotidianas pós viagem.

No entanto, a falta de recursos financeiros e de tempo, a desigualdade e a discriminação de gênero, a falta de apoio e de liberdade foram as dificuldades relatadas por algumas corredoras e que impactam diretamente na tomada de decisão sobre a viagem. Percebe-se que a necessidade de melhores salários é fundamental para auxiliar na mudança dessa realidade e viabilizar a condição necessária para a prática turística da corredora. A estabilidade financeira pode proporcionar o sentimento de tranquilidade, autonomia e controle sobre suas escolhas.

As altas taxas de violência contra a mulher e a falta de segurança pública também dificultam na disposição de viajar. A sensação de insegurança revela que os destinos turísticos não estão preparados para receber mulheres que viajam sozinhas ou por motivações próprias (Mario *et al.* 2021). Por essa razão as corredoras buscam o apoio dos grupos de corrida que se fazem presentes em toda a idealização da viagem e acompanham a corredora durante toda a estadia no destino.

Verificou-se, portanto, que o planejamento para a viagem é feito na maioria dos casos pelos organizadores do grupo de corrida que a entrevistada faz parte, o

que facilita o deslocamento. Constatou-se que as viagens de corrida costumam ter curta duração, acontecendo muitas vezes aos finais de semana. A opção por este tipo de viagem deve-se principalmente pela possibilidade de conciliar a viagem de corrida com as obrigações cotidianas. Em acordo com Beritelli, Bieger e Laesser (2009) e Pereira e Silva (2018), percebe-se que sair da zona de conforto e se conscientizar de suas forças e dos seus limites são fatores importantes para motivar a corredora de rua a sair em viagem mesmo que por um período curto de tempo.

O contato reduzido com a cultura, a comunidade local e os atrativos turísticos do destino podem prejudicar a experiência da corredora. No entanto, as entrevistadas afirmaram que conseguem usufruir dos principais ícones turísticos durante o trajeto da corrida. O contato com a diversidade de corredores que participam destes eventos foi outro fator considerado primordial para a experiência positiva da corredora. As medalhas, as camisas e os troféus são elementos simbólicos que passam a fazer parte da experiência subjetiva da corredora ao despertar as memórias dos momentos vividos em cada evento. Esses itens também assumem uma função motivadora ao incentivar a viagem e a participação em provas de corrida futuras.

O ato de transpor as barreiras que dificultam o acesso à viagem requer da corredora boa saúde mental, que seja capaz de manter uma atitude positiva e confiante diante dos desafios. Para isso, é preciso dispor de características como resiliência, foco, determinação, autoconhecimento, persistência e controle emocional. Esses atributos são fortemente utilizados na prática da corrida e são necessários para alcançar as metas mais comuns da atividade como melhorar o desempenho, ganhar resistência, aumentar a distância percorrida e a velocidade.

Quando conseguem alcançar e muitas vezes superar essas metas as corredoras percebem que são capazes de prevalecer sobre outros enfrentamentos relacionados as questões de gênero.

Mesmo com todos os avanços e mudanças de comportamento, o deslocamento livre continua tendo um valor simbólico para a mulher que vê a viagem como um ato de resistência e de ruptura de barreiras sociais, culturais e emocionais. Verificou-se que a possibilidade de liberdade e independência são valores caros para a entrevistada. Por essa razão as mulheres afirmam ter encontrado segurança, respeito e valorização no ambiente da corrida de rua. Dessa

forma, o espaço da corrida tornou-se uma referência e uma representação de inclusão social para as mulheres.

Com base nos resultados obtidos, algumas outras reflexões emergiram e apontam estudos para futuros: Qual a importância do grupo de corrida de rua para o autocuidado e o desenvolvimento pessoal e social da mulher? De que maneira os gastos financeiros impactam no orçamento familiar da corredora? Como as agências de turismo se organizam para atender esse público? Qual o impacto causado pelos turistas corredores de rua no destino e na comunidade local? Quais as contribuições da viagem de corrida de rua para a promoção da diversidade e para o combate à desigualdade de gênero?

As limitações encontradas ao longo da pesquisa podem justificar algumas dessas questões. Uma delas é em relação ao contato para a realização das entrevistas. A falta de tempo das entrevistadas ocasionou a desistência de algumas corredoras e atrasou a data de entrevista com outras. Outra limitação encontrada foi a escolha de eventos de corrida para a coleta dos dados para a entrevista. Os eventos deveriam receber corredoras de diferentes localidades. As datas e os locais de realização das provas desse tipo de evento precisavam coincidir com a fase de coleta, o que dificultou o planejamento da pesquisa. Ainda assim, entende-se que os resultados obtidos foram satisfatórios e que as questões levantadas no processo, podem se tornar diretrizes para futuras investigações sobre o tema.

A pergunta norteadora desta pesquisa buscou compreender as implicações da experiência de viagem cuja motivação seja a corrida de rua na vida da mulher corredora. Por meio deste estudo constatou-se que a corrida de rua enquanto prática de lazer e turismo atua como meio de aprendizado e transformação física, mental e social na vida da corredora.

As realizações da viagem motivada pela corrida de rua também contribuem com a conquista de novos aprendizados e competências que viabilizam o desenvolvimento pessoal da corredora. Como benefícios percebidos estão: o autoconhecimento, a construção e a afirmação da identidade, o crescimento profissional devido a melhora da disposição e do foco, a capacidade de comunicação e interação social e o aumento do aproveitamento financeiro em função da organização e do planejamento.

A procura por significados na corrida levou a mulher a buscar nas viagens a representação da liberdade, da autonomia e da independência. O tempo limitado

para explorar o destino pode levar à corredora a uma experiência turística superficial. Contudo, os efeitos positivos dos aprendizados conquistados a cada viagem, direcionam os objetivos da corredora para metas mais abrangentes em relação ao turismo, como aumentar a quantidade de dias de viagem para desfrutar melhor o destino, conhecer todas as capitais do Brasil para correr e participar de eventos de corrida em destinos internacionais.

Ainda há um longo caminho a percorrer até que mais mulheres tenham acesso às práticas de turismo e consigam participar dos eventos de corrida de rua espalhados pelo país e pelo mundo. Apesar dos obstáculos, as entrevistadas acreditam que a corrida de rua e o ato de viajar proporcionam experiências capazes de prepara-las para superar qualquer desafio, fortalecendo a mente, a autoestima e permitindo a ocupação de espaços sociais fundamentais para a promoção da igualdade de gênero, representação, empoderamento e reconhecimento.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, L. T. Gênero: uma construção do movimento feminista? *In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS*, 2., 2011, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011. p. 1-11.
- AMATUZZI, M. M. Experiência: um termo chave para a psicologia. **Memorandum**, Belo Horizonte, v. 13, 10 jan, p. 08-14, 2007.
- ARAÚJO, M; SILVA, M. C; ISAYAMA, H. F. O lazer nos cursos de graduação em turismo de Belo Horizonte: visão dos coordenadores de curso. **Caderno virtual de turismo**, Belo Horizonte, v. 8, n. 3, p. 104-118, 2008.
- ARRUDA, J. A.; FALQUETO, J. M. Z; FREITAS, L. D. C. Uso do software Nvivo® em investigação qualitativa: ferramenta para pesquisa nas ciências sociais. **Investigação qualitativa em ciências sociais**, Brasília, v. 3, p. 621-626, 2017.
- BAPTISTA, M. M.; CARVALHO, G.; COSTA, C. Mulheres que viajam sozinhas: Reflexões sobre gênero e experiências turísticas. **Revista turismo e desenvolvimento**, Pará, v. 23, p. 59-67, 2015.
- BARBOSA, C.; LIECHTY, T.; PEDERCINI, R. Restrições ao lazer feminino: particularidades das experiências de lazer de mulheres homossexuais. **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 1-22, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2011.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BEAUVOIR, S. **La Femenité**: um piège. Paris: Seuil, 2001. p. 114-117.
- BENI, M. C. Resenha crítica: A viagem, caminho e experiência. **Revista rosa dos ventos**, Caxias do Sul, v. 5, n. 4, p. 659-662, 2013.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *In: BENJAMIN, W. Obras escolhidas*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 123-128, 1933.
- BERDYCHEVSKY, L.; GIBSON, H.; PORIA, Y. Women's Sexual Behavior *In: TOURISM: LOOSENING THE BRIDLE*, 42., 2013, USA. **Annals [...]**. USA: Tourism: Loosing the Bridle, p. 65-85. 2013.
- BONALUME, C. R.; ISAYAMA, H. F. As Mulheres na Pesquisa o Lazer do Brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 3-24. 2018.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRAGA, D. C.; HIRATA, F. A. **Demanda turística e o estudo sobre motivação**. Boa Vista: Roraima, 2017.

BRAGA, A. L. F.; PIRES, L. D. P. **Análise do perfil de corredores de rua**. 2018. Monografia (Especialização) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

CALVO, A. P. C.; FELIPE, M. C. R.; RIBEIRO, B. Z. R.; SILVA, M. R. Evolução histórica das mulheres nos Jogos Olímpicos. **EFDeportes.com, revista digital**, Buenos Aires, v. 18, n. 179, inc. I, 2013.

CAMPOS, P. A. F. **Mulheres torcedoras do cruzeiro esporte clube presentes no Mineirão**. 2010. Dissertação (Mestrado em Lazer) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CARVALHO, V. T. F.; CUNHA, J. D. Estudos de gênero no lazer: problemáticas e análises. **Coletânea do I colóquio interdisciplinar de estudos do lazer**, Belo Horizonte, p. 91-96, 2019.

CARVALHO, G. M. O. **Cidadãs do mundo: Viagem independente e processos de subjetivação no feminino**. 2019. Tese (Doutorado em Turismo) — Universidade de Aveiro, Portugal, 2019.

G

CAVALCANTI, T. S.; MÉLO, R. S.; SANTOS, A. L.; MOURA, C. B. G.; MOURA, D. L. Empoderamento, mulheres e práticas corporais: uma revisão sistemática da literatura. **Licere**, Belo Horizonte, v.21, n. 3, p. 319-344, 2018.

COHEN, S. Leisure, identities and personal growth. *In*: S. ELKINGTON, S. Gammon, Contemporary perspectives. **Leisure: meanings, motives and lifelong learning**, London: Routledge, 2013.

COHEN, E. Who is a tourist?: A conceptual clarification. **The sociological review**, [s.l.], v. 22, n. 4, p. 527-555, 1974.

COHEN, E. Rethinking the sociology of tourism. **Annals of tourism research**, [s.l.], v. 1, n. 6, p. 18-35, 1979a.

COHEN, E. Phenomenology of tourist experiences. **Sociology**, [s.l.], v. 13, p. 179-201, 1979b.

DALLARI, M. M. **Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo**. 2009. Tese (Doutorado em educação) — Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

DE LA TORRE, O. **El turismo: fenómeno social**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1992.

DIAS, C. Corrida de rua no país do futebol. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-32, 2017.

EMBRATUR. **Glossário de turismo**, 2009. Disponível em: <http://dadosefatos.turismo.gov.br/gloss%C3%A1rio-do-turismo/901-t.html>. Acesso em: 04 abr. 2022.

FERNANDES, A.; BAPTISTA, M. M.; As mulheres do meu país: um estudo sobre mulheres. *In*: CASTRO, F.; BAPTISTA, M. M. (org.). **Gênero e performance — textos essenciais**. v. 5, n. 16, 2022.

FIGUEIREDO, A. F. A. A reciprocidade como lógica determinante da experiência de viagem: o caso do couch surfing project. *In*: PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. (org.). **Turismo de Experiência**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

FONSECA, K. M. **Lazer e cidade: a corrida de rua em Juiz de Fora**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2017.

FOLLADOR, K. J. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: Uma herança ocidental. **Revista fato & versões**, Mato Grosso do Sul, v. 1, n. 2, p. 3-16, 2009.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FRANZINI, R. X. G. Lazer turístico: Viagem de férias de agentes de viagem de operadoras de turismo e suas expectativas. *In*: **Seminário o lazer em debate**, Minas Gerais: Imprensa Universitária, Universidade Federal de Minas Gerais, v. 4, p 264-274, 2003.

FREITAS, E. C., PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Editora Feevale, 2013.

FREITAS, M. B.; SEDORKO, C. M. Os benefícios da corrida de rua para a qualidade de vida de seus praticantes. **Revista biomotriz**, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 1, p. 306-316, 2021.

GERJARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, C. L. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. **Licere**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 1-26, 2011.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista brasileira de estudos do lazer**, Minas Gerais, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014.

GOMES, C. L. (org). Colóquio Interdisciplinar de estudos do lazer. **Coletânea do I colóquio interdisciplinar de estudos do lazer**, Minas Gerais: Editora EEFFTO/CELAR, 2019.

GRZYBOVSKI, D.; MOZZATO, A. R. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: Potencial e desafios. **Revista de administração contemporânea – RAC**, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 4. p. 731-747, 2011.

HEUER, S. **Lazer sério e crossfit: As características da “Identidade Guerreira” em Atletas Amadores**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

ISAYAMA, H. F.; STOPPA, E. A. (org.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas: Autores Associados, 2017.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2001.

LAESSER, C.; BERITELLI, P.; BIEGER, T. Solo Travel: Explorative Insights from a Mature Market (Switzerland). **Journal of Vacation Marketing**, Australia, v. 3, p. 217–227, 2009.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e ação**, Santa Catarina, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, Campinas, v. 19, p. 20-28, 2002.

LEITE, M. L. M. Mulheres viajantes no século XIX. **Cadernos pagu**, Santa Catarina, v. 15, p. 129-143, 2000.

MARCELLINO, N. C. **Estudo do lazer: uma introdução**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MARCELLINO, N. C. Lazer e cultura: Algumas aproximações. *In*: Marcellino, N.C. (org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

MARIO, L. R.; NAGANO, C. M.; CUZZIOL, E. C.; BORGES, G. Turismo e tendências contemporâneas: Mulher como viajante solo. **Cenário: Revista Interdisciplinar em turismo e território**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 272–288, 2021.

MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. A pessoa como sujeito da experiência: um percurso na história dos saberes psicológicos. **Memorandum: Memória e história em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 13, p. 16–31, 2007.

MELO, G. P. F. S.; SOEIRO, I. C. M. A mulher e o deslocamento turístico no mundo contemporâneo: uma contribuição teórico metodológica aos estudos do turismo. **Caderno virtual de turismo**, Belo Horizonte, v. 20, v. 2, p. 32-43, 2020.

MENDES, J.; GUERREIRO, M. Reconstruir a experiência turística com base nas memórias perdidas. *In*: PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C., (org.). **Turismo de Experiência**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

MONLEVADE, A. P. B. Por uma Sociologia do Turismo: Estudo Introdutório. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL. 6. **ANAI**S [...]. Caxias do Sul, 2010.

MONTANHA, F. A. R. P. **Os jogos olímpicos na capital da república: narrativas da imprensa e campo esportivo no Rio de Janeiro (1890-1935)**. 2018. Tese (Doutorado em comunicação) — Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MOTA, I. M. **Jornalismo esportivo de saia: A participação feminina no jornalismo esportivo**. 2013. Monografia (Graduação em Jornalismo) — Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Brasília, 2013.

MOTTA, P. C.; NOGUEIRA, E. A corrida de rua como experiência de lazer para pessoas de mais idade. Um estudo qualitativo no Rio de Janeiro. **Revista portuguesa e brasileira de gestão**, Portugal, v. 3, n. 13, p. 2-11, 2014.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D.; TEIXEIRA, A. N. Análises qualitativas nos estudos organizacionais: As vantagens no uso do software NVIVO®. **Revista alcance**, Santa Catarina, v. 23, n. 4, p. 578-587, 2016.

MUZART, Z. L. A paixão das florestas ou as viagens de Mme. Van Langendonck. **Estudos feministas**, Santa Catarina, v. 16, n. 3, p. 1061-1071, 2008.

NERY, C. G. **Análise da experiência do intercâmbio universitário no programa ciência sem fronteiras: Os substratos de uma viagem (trans) formadora**. 2019. Dissertação (Mestrado em Turismo) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

NEVES, S.; NOGUEIRA, C. Terapias feministas, intervenção psicológica e violências na intimidade: Uma leitura feminista crítica. **Psychologica**, Portugal, v. 36, p. 15-32, 2004.

OLIVEIRA, R. D. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

OLIVEIRA, S. N. **Lazer sério e envelhecimento: loucos por corrida**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, K. B. **Um “bichinho” me pegou: a escolha e a permanência no universo das corridas de rua**. 2016. Dissertação (Mestrado em Lazer) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

OLIVEIRA, A. P. G. S. Lazer e Turismo: Acepções e Interações no Contexto do Projeto Rota das Grutas de Peter Lund/MG. **Licere**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 48-89, 2019.

OLIVEIRA, K. S. P.; REIS, N. S. A apropriação do lazer pelas mulheres participantes do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) no alto sertão produtivo da Bahia: o caso de Guanambi. *In*: GOMES, C. L.; ROSA, M. C.; SANTOS, F. C.; PINTO, G. B.; SANTOS, M. R. S. (org). **Coletânea do I colóquio interdisciplinar de estudos do lazer**. EEEFTO/CELAR, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS E ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO (1994). **Actualización de las recomendaciones sobre estadísticas de turismo**. Nova York e Madrid: OMT – ONU, 1999.

PANOSSO NETTO, A. **O que é turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

PANOSSO NETTO, A. Experiência e turismo: uma união possível. *In*: PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. (org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

PEREIRA, A.; SILVA, C. Women solo travellers: motivations and experiences. **Millenium - Journal of education, technologies, and health**, Portugal, v. 2, n. 6, p. 99–106, 2018.

PEZZI, E.; VIANNA, S. L. G. A Experiência turística e o turismo de experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável. **Revista turismo em análise**, São Paulo, v. 26, n. 1. p. 165-187, 2015.

PICH, S.; GOMES, I. M.; VAZ, A. F. Mercadorização biopolítica: sobre escolhas saudáveis em tempos de consumo. *In*: BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A.; (org.). A saúde em debate na educação física. **Editus**, Blumenau, v. 3. p. 187-208, 2007.

PLOG, S. C. Why destination areas rise and fall in popularity. **Cornell hotel and restaurant administration quarterly**, New York, v. 14, n. 4, p. 55-58, 1974.

PLOG, S. C. Why destination areas rise and fall in popularity. *In*: KELLY, E. **Domestic and international tourism**. Wellsbury: Institute of certified travel agents, 1977.

RAMOS, N. T. A. **O Trabalho feminino e a guerra**: como conflitos armados modificaram participação feminina no mercado de trabalho em Ruanda e na Somália. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Relações Internacionais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

RICCO, A. S. O Turismo como fenômeno social e antropológico. **Destarte**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 41-62, 2011.

RODENAS, A. M. Spanish women travelers at home and abroad, 1850– 1920: From tierra del fuego to the land of the midnight sun by Jennifer Jenkins Wood (review). **University of Hawai'i press**, Hawai, v. 37, n. 4, p. 1154-1157, 2014.

SALGADO, J. V. V. **Análise do perfil de corredores de rua**. 2016. Tese (Doutorado em Educação Física) — Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2016.

SALGADO, J. V. V.; CHACON-MIKAHIL, M. P. Corrida de rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Conexões**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 90-99, 2006.

SANTOS, T. N. A. **Interfaces entre lazer e turismo em teses e dissertações brasileiras: estado do conhecimento (2009-2015)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) — Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2016.

SANTOS, I. F.; NETTO, L. Implication of multiplicity of assignments on women's health. **Research, society and development**, [s. l.], v. 10, n. 12, p.1-15, 2021.

SEBRAE. Tendências do mercado de corridas de rua. **Boletim de tendência**, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, G. M.; SANTOS, F. S.; SILVA, P. S.; SANTOS, D. D. J. M; BATISTA, L. S. A.; BOSS, S. L. B. Experiência e saberes da experiência: Implicações para formação de professores. **Saberes: Revista interdisciplinar de filosofia e educação**, Rio Grande do Norte, v. 18, n. 1, p. 183-198, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/13344>. Acesso em: 27 out. 2022.

SILVA, J. P. A.; CARMO, V. M.; RAMOS, G. B. J. R. As quatro ondas do feminismo: Lutas e conquistas. **Revista de direitos humanos em perspectiva**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 101-122, 2021.

SOUZA, T. R. Lazer e turismo: Reflexões sobre suas interfaces. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 6, 2010, Rio Grande do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: Semintur, 2010. p. 1-15.

STAPASSOLI, M. B. **A corrida mudou minha vida! Emoções, motivações e hábitos de consumo de corredores amadores**. 2012. Monografia (Bacharel em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

STEBBINS, R. A. **Serious leisure: a perspective for our time**. New Jersey: Transaction, 2008.

TEODORO, E. C. **Viajar para correr ou correr para viajar? Fatores motivacionais relacionados à prática de corrida de rua e suas interações com o turismo**. 2020. Monografia (Graduação em Turismo) — Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2020.

TICIANELLI, G. G. **Corrida de rua e mulheres: Corpos percorrendo uma revista e as ruas**. 2015. Monografia (Bacharel em Educação Física) — Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação Física, Campinas, 2015.

TUBINO, M. J. G.; CHEREM, E. H. L.; OLIVEIRA, G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista bras. Ci. e mov**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008.

TRIGO, L. G. G. **Turismo básico**. 5. ed. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

TRIGO, L. G. G. A viagem como experiência significativa. *In*: PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C., (org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

WENDT, A.; CARVALHO, W. R. G.; SILVA I. C. M.; MIEKE, G. I. Preferências de atividade física em adultos brasileiros: resultados da pesquisa nacional de saúde. **Revista bras. Ativ. Fís. Saúde**, João Pessoa, v. 24, p. 1-9, 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA A OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA

Pontos a serem observados pela pesquisadora:

- Identificar as expressões voluntárias e espontâneas das mulheres diante das emoções geradas pela participação na prova.
- Perceber as diferenças na preparação física entre as corredoras antes do início da prova.
- Observar as interações das corredoras com outros participantes da corrida.
- Observar as características do local de realização da prova da corrida de rua e se há alguma adaptação para atender possíveis demandas específicas do público feminino.
- Observar as interações entre a corredora e o local da prova.
- Identificar as diferenças de atuação das mulheres no decorrer da prova e como elas reagem com o resultado alcançado.
- Observar como as corredoras se comportam após a participação na prova.

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Preâmbulo: Conforme a leitura e concordância do Termo de Compromisso de Livre esclarecimento, lembramos que é uma participação voluntária, caso haja algum constrangimento e seja de sua vontade sua identidade não será revelada no estudo, bem como, pode não querer responder alguma pergunta, como também pode interromper e encerrar a entrevista a qualquer momento. Ressalto que a sua participação neste estudo é de suma importância para o desenvolvimento do mesmo como participante da prova de corrida de rua. Agradeço seu tempo e colaboração.

- Preparativos para a viagem de corrida de rua

- Objetivos para a participação;
- Planejamento da viagem;
- Desafios encontrados;
- Sentimentos envolvidos durante a preparação;
- A importância simbólica da prova de corrida;
- A importância turística do local da prova.

- Corrida de rua e o Lazer

- Corrida de rua como vivência de lazer;
- Conhecimento dos benefícios e das limitações da prática da corrida de rua;
- Conhecimento dos objetivos de práticas de lazer em relação à corrida de rua;

- Corria de Rua e o Turismo

- Motivações para a viagem;
- Desafios da Viagem;
- Relação entre possíveis fatores de conflito e/ou limitantes pertencentes ao universo feminino e a motivação para a viagem.
- Experiências de viagens anteriores;
- Importância do destino para a prática da corrida;
- Emoções/sensações observadas antes, durante e pós-viagem;
- Verificar as expectativas atendidas/frustradas/superadas;
- Experiências percebidas. (Observar as informações explícitas e implícitas nas falas).

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (CORREDORA DE RUA)

Prezada voluntária:

Você é nossa convidada a participar da construção da pesquisa “**Turismo e Lazer: Reflexões Sobre a Experiência de Viagem em Mulheres Praticantes de Corrida de Rua**”, desenvolvida pela aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do lazer, Ellen Cunha Teodoro, sob a orientação da Professora Dr^a. Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira.

O objetivo da pesquisa é analisar a experiência de viagem de mulheres motivadas pela prática da corrida de rua e os nexos com o universo feminino. A sua participação é fundamental para que possamos alcançar o objetivo proposto, pois por meio dela esperamos compreender os pontos de vista sobre as relações entre gênero, turismo e lazer, e as implicações da experiência de viagem na vida de mulheres praticantes de corrida de rua.

Esclarecemos que, caso aceite colaborar, sua participação é voluntária e você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O fornecimento de sua identidade é opcional e não será revelada publicamente. Caso sinta algum desconforto ou constrangimento, impossibilidade pelo tempo despendido ou invasão de privacidade, você tem o direito de não aceitar participar da pesquisa. Caso aceite, ao longo de sua participação, você tem total liberdade em não responder a qualquer questão, encerrar sua participação quando desejar, ou retirar sua entrevista sem qualquer prejuízo por sua decisão.

O primeiro contato para a explicação dos objetivos e proposta da pesquisa será realizado pessoalmente, tendo seu tempo estimado de 05 minutos. Todos os protocolos de distanciamento social e medidas de proteção contra a propagação do Covid-19 serão respeitados. No segundo momento, a entrevista será realizada à distância, por meios digitais, tendo seu tempo estimado de 30 minutos e será gravada. Esta pesquisa não fará uso da imagem ou da identidade do entrevistado, sendo utilizado apenas o conteúdo verbal do material coletado para as análises.

Devido ao caráter da investigação, os riscos ou possibilidade de afetar qualquer participante da pesquisa são os mesmos existentes em atividades rotineiras como conversar, caminhar, correr, ler, etc. A fim de minimizar qualquer risco de desconforto ou constrangimento durante a pesquisa, a pesquisadora agirá de maneira respeitosa e ética independente das opiniões ou posicionamentos do(a) pesquisado(a). A pesquisa será feita de forma reservada e sem exposição pública dos participantes como forma de minimizar possíveis constrangimentos. Mas, caso haja danos decorrentes da pesquisa, a participante poderá buscar ressarcimento e a pesquisadora assumirá a responsabilidade pelos mesmos, e as ações necessárias para reparar o dano causado.

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

Todos os dados coletados estarão protegidos pelo tratamento ético de confidencialidade e serão utilizados apenas para o desenvolvimento desta pesquisa, mantidos sob sigilo, e arquivados por cinco anos no gabinete 365 do Instituto de Geociências. Caso haja qualquer dúvida, você pode entrar em contato com a aluna responsável pela pesquisa através do endereço de e-mail ellenteo2005@yahoo.com.br, ou pelo telefone +5531998389975, e com a orientadora da pesquisa, profa. Dra. Ana Paula Guimarães pelo email: anapaulagsantos@yahoo.com.br e tel. 31.998237078. Em caso de dúvidas sobre as éticas adotadas pela pesquisa entre em contato com o COEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA, localizado na Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005, Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – Brasil, 31270-901, pelo telefone: (+ 55 31) 3409 - 4592, ou pelo e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Declaro que fui informada(o) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa de “**Turismo e Lazer: Reflexões Sobre a Experiência de Viagem em Mulheres Praticantes de Corrida de Rua**”, de maneira clara e detalhada. **Concordo em participar desta pesquisa.** Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Desde já agradecemos a compreensão e sua participação nesta pesquisa,

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

Aluna: Ellen Cunha Teodoro

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, declaro para o fim específico participar da pesquisa “Turismo e Lazer: Reflexões sobre a Experiência de Viagem em Mulheres Praticantes de Corrida de Rua”. Portanto, livremente, dou o meu consentimento voluntário para a participação da pesquisa.

(_____), _____, de _____ de 2023.

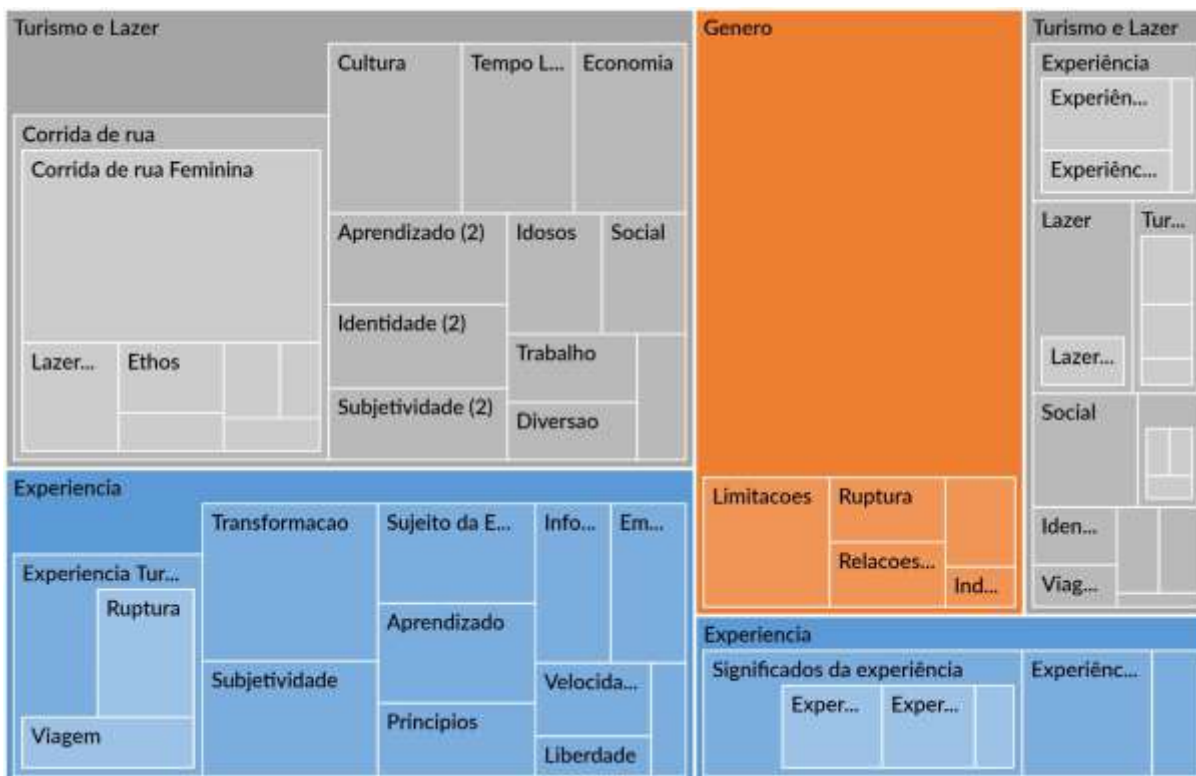
Assinatura do participante

APÊNDICE D - CODIFICAÇÃO MANUAL DO MATERIAL DE REFERÊNCIA

Códigos							
Nome	Arquivos	Referências	Criado em	Criado por	Modificado em	Modificado por	
Experiencia	5	8	17/05/2023 09:24	APGSO	18/05/2023 10:38	APGSO	
Principios	1	7	18/05/2023 11:30	APGSO	18/05/2023 13:01	APGSO	
Informacao	3	9	17/05/2023 11:05	APGSO	18/05/2023 13:10	APGSO	
Velocidade	3	7	17/05/2023 11:17	APGSO	01/06/2023 11:51	APGSO	
Identidade	3	3	18/05/2023 10:32	APGSO	19/05/2023 11:34	APGSO	
Sujeito da Experiencia	4	13	17/05/2023 14:28	APGSO	01/06/2023 12:48	APGSO	
Liberdade	4	5	18/05/2023 13:05	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Empobrecimento	6	9	17/05/2023 10:29	APGSO	18/05/2023 16:13	APGSO	
Aprendizado	9	14	17/05/2023 09:52	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Subjetividade	10	19	17/05/2023 15:31	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Transformacao	11	26	17/05/2023 09:24	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Experiencia Turistica	4	12	18/05/2023 15:00	APGSO	25/08/2023 10:53	APGSO	
Viagem	4	10	18/05/2023 15:42	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Ruptura	5	13	18/05/2023 16:04	APGSO	19/05/2023 11:47	APGSO	
Turismo e Lazer	7	17	23/05/2023 10:59	APGSO	25/08/2023 11:10	APGSO	
Comida de rua	0	0	25/08/2023 10:39	APGSO	25/08/2023 10:39	APGSO	
Esforço	1	4	30/05/2023 15:36	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Perseverança	2	3	30/05/2023 15:31	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Carreira	2	3	30/05/2023 15:34	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Lazer Senio	2	10	30/05/2023 15:18	APGSO	30/05/2023 15:51	APGSO	
Ethos	2	7	30/05/2023 15:38	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Benefícios	4	5	30/05/2023 15:37	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Comida de rua Feminin	8	24	31/05/2023 09:26	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Autoconhecimento	1	2	31/05/2023 12:22	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Estetica	2	2	31/05/2023 11:49	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Sociabilidade	4	18	31/05/2023 11:47	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Saude	4	9	31/05/2023 11:34	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Transformacao (2)	2	4	23/05/2023 11:05	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Idosos	2	9	25/08/2023 10:37	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Trabalho	3	7	25/08/2023 10:37	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Diversao	3	5	25/08/2023 10:37	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Identidade (2)	4	13	19/05/2023 11:31	APGSO	01/06/2023 15:15	APGSO	
Aprendizado (2)	5	10	23/05/2023 11:06	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Tempo Livre	5	13	25/08/2023 10:37	APGSO	01/06/2023 14:48	APGSO	
Economia	5	15	25/08/2023 10:37	APGSO	30/05/2023 16:11	APGSO	
Subjetividade (2)	6	10	24/05/2023 17:58	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Social	6	8	25/08/2023 10:37	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Cultura	8	16	23/05/2023 11:06	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Genero	16	129	19/05/2023 11:05	APGSO	22/08/2023 11:20	APGSO	
Independencia	3	7	19/05/2023 11:10	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Conflitos	3	5	19/05/2023 11:49	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Ruptura	4	6	23/05/2023 11:00	APGSO	25/08/2023 11:09	APGSO	
Limitacoes	4	13	19/05/2023 11:28	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	
Relacoes de Genero	5	10	19/05/2023 11:17	APGSO	25/08/2023 10:22	APGSO	

APGSO 44 Itens

APÊNDICE E – GRÁFICO DE HIERARQUIA DA CODIFICAÇÃO MANUAL



APÊNDICE F - CODIFICAÇÃO AUTOMÁTICA DO MATERIAL DE REFERÊNCIA

Temas codificados automaticamente							
Nome	Arquivos	Referências	Criado em	Criado por	Modificado em	Modificado por	
<input checked="" type="radio"/> conhecimento	4	7	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> conhecimento turis	2	4	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> conhecimento hum	3	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input checked="" type="radio"/> lazer	10	29	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> lazer doméstico	1	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> lazer mercadoria	1	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> lazer feminino	2	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> turismo ao lazer	2	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> relação ao lazer	3	4	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> acesso ao lazer	5	6	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> lazer no brasil	5	11	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input checked="" type="radio"/> turismo	14	56	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> conceito turismo	1	1	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> turismo cultural	1	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> turismo na socieda	1	1	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> turismo no mundo	1	1	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> mulheres no turism	2	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> turismo ao lazer	2	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> turismo no brasil	3	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input checked="" type="radio"/> turístico	14	44	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> experiência me	1	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> turístico da mu	1	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> turístico transf	1	1	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> conhecimento	2	4	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> viagem turístic	2	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> atividade turisti	5	6	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> destino turístic	5	7	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> experiência turis	6	9	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> fenômeno turis	6	11	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input checked="" type="radio"/> mulheres	14	52	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> mulheres na corrid	1	1	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> mulheres atletas	2	4	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> mulheres na históri	2	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> pelas mulheres	7	12	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input checked="" type="radio"/> mulher	11	32	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> experiência da	1	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> mulher comed	1	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> turístico da mu	1	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> comportament	2	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> mulher livre	2	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> mundo da mul	2	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> papel da mulh	2	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> rotina da mulh	2	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> sujeito mulher	2	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> opressão da m	3	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> vida da mulher	3	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> corpo da mulh	4	5	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input checked="" type="radio"/> social	20	33	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> desenvolviment	6	8	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> identidade social	6	6	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	
<input type="radio"/> interação social	6	11	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV	

Temas codificados automaticamente						
Nome	Arquivos	Referências	Criado em	Criado por	Modificado em	Modificado por
meio social	6	8	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
experiência	21	56	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
experiência subjetiv	1	4	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
experiência human	6	8	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
experiência turística	6	9	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
toda experiência	8	10	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
da experiência	8	25	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
análise da exper	1	1	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
conceito da ex	1	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
construção da	1	1	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
dificuldades da	1	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
implicações da	1	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
questão da exp	1	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
valor da exper	1	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
destruição da e	2	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
sujeitos da exp	2	2	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
tema da experi	2	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV
lugar da experi	3	3	26/08/2023 20:11	NV	26/08/2023 20:11	NV

APGSO 69 Itens

APÊNDICE G – GRÁFICO DE HIERARQUIA DA CODIFICAÇÃO AUTOMÁTICA

